
Stephanie Lima
A Fênix
A chave para a eternidade
Livro 1
Editora Ângel



A CHAVE PARA A ETERNIDADE

LIVRO 1

STEPHANIE LIMA

EDITORA ANGEL

Copyright © 2016, Editora Angel.
Copyright © 2016, Stephanie Lima.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

Revisão: Ivany Souza

Capa: Thais Alves

Diagramação digital: DS Design

1ª EDIÇÃO



Sumário

Prólogo
Parte I
Parte II
Parte III
Parte IV
Parte V
Parte VI
Parte VII
Parte VIII
Parte IX
Parte X
Parte XI
Parte XII
Parte XIII
Parte XIV
Parte XV
Parte XVI
Parte XVII
Parte XVIII
Parte XIX
Parte XX
Parte XXI
Parte XXII
Extra
Agradecimentos
Editora Angel

Dedicado à (ao):

“Papai do céu”
“Mamãe”
“Papai”
“Amigos”



Prólogo

"Todo novo começo precisa de um *Gran finale*!"

Eu estava ajudando minha mãe com o bolo de cenoura, um famoso conhecido nosso de todos os domingos. Meu irmão estava brincando com carrinhos no chão da sala e meu pai assistia ao noticiário da tarde. Os ponteiros nos diziam que eram quatro horas da tarde.

No momento em que o forno apitou, informando-nos sobre o bolo que finalmente havia ficado pronto, meu pai pulou do sofá. Ele se colocou de pé, agarrando Kelvin em um braço só e correu para a cozinha. De repente, meu pai agiu instintivamente, jogando-se sobre nós três atrás do balcão da cozinha. Um zunido nos entorpeceu, entibiou-nos. Alguns segundos

depois, ouvimos o estrondo, sinal de que aquilo seria apenas o começo.

O avião caindo foi só um pequeno aviso, uma mera amostra do que estaria por vir. Avião esse que atingiu um prédio a poucas quadras do nosso. Não sei se foi premeditado, mas o edifício estava praticamente vazio já que era um prédio comercial e hoje era um domingo. Tirando os seguranças e alguns chefes executivos preocupados, não tivemos muitos feridos naquele dia.

A televisão mostrava um acontecimento semelhante em diversas partes do mundo. Meu pai nos tranquilizava dizendo que era só um jeito de os países que já estavam em guerra nos assustar. Como sempre, Estados Unidos disparou na frente. O primeiro avião derrubado com a bandeira americana caiu no Japão. Eu estava assistindo, ao vivo, de dentro de casa, a mesma história que li na escola alguns anos atrás. Diante de mim eu via passar tudo aquilo

que li nos livros. Só que dessa vez as coisas podiam tomar proporções ainda maiores.

A essa altura, meu pai não saía mais do telefone, ele berrava por ajuda, querendo que viessem buscar a mim e o Kelvin, mas sempre lhe davam a mesma resposta:

"Estamos encaminhando tropas para retirar as crianças primeiramente dos '*pontos azuis*' (*acho que era um código para os lugares com maior incidência de ataque nuclear*), o exército está focado, em breve suas crianças estão seguras."

Geralmente, após essas ligações, meu pai atirava o telefone em algum objeto (*felizmente os celulares ficaram mais resistentes com o passar dos anos*).

Depois do episódio dos aviões despencando por todo o mundo, nós ainda tivemos o infortúnio de assistir a alguns outros episódios através dos noticiários. Durante grande parte do dia tentávamos parecer uma família normal e

feliz, realizando nossas tarefas do cotidiano. Somente quando ouvíamos o toque de recolher (*acionado por segurança*) é que corríamos para a cama dos meus pais, uníamos, todos, em uma oração, e, em seguida, adormecíamos (*ou melhor, eu e meu irmão adormecíamos, pois duvido muito de que meus pais conseguiriam dormir com tamanha ameaça nos circundando. No fundo, eles temiam que o Governo apenas tivesse sugado o conhecimento do meu pai e, então, os privilegiados fugiriam para um lugar seguro, à prova de bombas, deixando-nos, seus pequenos e inocentes filhos, desguarnecidos.*).

Foram longos seis dias de tormento. Após o evento dos aviões nós tivemos dois dias de paz. Meu pai tentava nos fazer crer que tudo estava seguro agora. Porém, algo em seu rosto me dizia que aquilo seria só o começo de um angustiante *Gran finale*. A humanidade já havia começado a se autodestruir há anos, nossas fontes de energia natural foram substituídas por fontes mais

baratas. Fontes essas que envenenaram nosso planeta.

A mesma matéria-prima das fontes energéticas é a palavra que ecoa em nossa mente, os elementos que nos preocupam e tiram nosso sono.

Nuclear.

Combustão.

Morte.

Fim.

Tcharãm!

Guerra Nuclear ressoa em minha cabeça. O que uma garotinha de 12 anos sabe sobre isso? O suficiente para ter muito medo.

O quarto dia amanheceu comum: eu e Kelvin fomos à escola, minha mãe foi dar aula e meu pai ficou no escritório fazendo muitas ligações. Exatamente às oito horas da noite nós percebemos a gravidade da situação. Eu, meu irmão, minha mãe e meu pai, sentados na sala,

assistindo à TV, quando o filme sobre leões e girafas (*favorito de meu irmão*) é interrompido por um sinal direto do Governo.

Nada que já não pudéssemos imaginar. Desculpas e mais desculpas pelo evidente transtorno e claro, não poderia faltar um Presidente centrado, dizendo que o maior perigo já havia passado e que tudo estava bem agora.

Foi durante a noite que ouvimos tiros vindos das ruas — rebeliões, afirmou meu pai. Assim como eu, ninguém tinha acreditado de fato nesta história de que a Paz Mundial já havia sido reestabelecida. A população pirou no mundo inteiro. Suicídios, assassinatos, casamentos céleres, divórcios, e, até mesmo promiscuidade correndo solta. Era o fim. Exatamente da maneira que eu já cogitava.

Saques e blackouts nos obrigaram a nos fechar dentro de casa. Claro que antecipadamente estocamos comida e água — já muito cara e escassa —, o que não significava

muito, pois eu tinha certeza de que o estômago de Kelvin não deixaria aquilo durar muito tempo. Em breve, morreríamos de alguma forma.

Quando atingiram as usinas nucleares do interior do país, tudo se tornou um caos. Não tínhamos mais para onde correr. Estávamos mais expostos do que ratos de laboratório. Meu pai recebeu uma ligação no quinto dia, assim que desligou o telefone, ele nos sentou no sofá e se agachou para poder nos olhos nos olhos. Eu já estava chorando sem saber o que iria acontecer, mas meus sentidos nunca me enganaram. Minha mãe sentou-se ao nosso lado, colocou o pequeno de olhos grandes em seu colo, beijou-lhe o topo da cabeça e começou a acariciar seus cabelos. Eu só sentia as lágrimas escorrendo em minha face e meu pai tentando contê-las com suas mãos, limpando cada gota que caía. Ele nos explicou que logo homens bons viriam nos buscar e nos levariam para um lugar novo onde

ficaríamos seguros.

O fato de Kelvin não entender nada e começar a chorar me deixou pior ainda. Eu o vi se aconchegando no colo da minha mãe enquanto chorava. Meu pai ainda me disse que era muito importante que eu ficasse de olho no nosso pequeno chaveirinho, Kelvin. Papai ainda nos confortou dizendo que assim que tudo voltasse ao normal, eles iriam nos buscar o mais rápido possível.

Eu não só estava chateada por ficar longe deles e cuidar de um anão ranhento, mas também porque, considerando o destino do planeta, eu sabia que as chances dos meus pais irem nos buscar, estavam em uma escala muito baixa.

Somente no sexto dia os Homens chegaram. A despedida foi brusca e breve. Fomos arrastados, olhos inchados e nariz escorrendo de tanto chorar. Meu irmão só me imitava. Eu me debatia e gritava incansavelmente. Chutei diversas vezes os homens que nos seguravam.

Nós saímos em um carro estranho, de cor acinzentada e sem janelas. Eu me sentia sufocada e, de fato, logo eu ficaria assim, mas de tanto chorar.

Para completar, aqueles homens armados e estúpidos nos tratavam como soldados fez meu sangue subir à cabeça. A última coisa de que me recordo antes de acordar nesse lugar gelado é de ter voado sobre um dos homens que estava apertando o braço do meu irmãozinho. Eu o arranhei com toda a minha força, seu rosto ficou vermelho e com algumas gotas de sangue. Tempos depois acordei aqui. Estávamos na sede que nos prepara para Phoenix, ou mais comumente conhecida como a Nova Terra.

Hoje, estou com 19 anos. Meu anãozinho está com 1.70m, é forte e tem uma barba crescendo desajeitada por seu rosto, mas os olhos continuam os mesmos, doces e sensíveis. Meu pequeno Kelvin já entendeu que o que restou lá fora não irá nos fazer bem, que nossos pais

nunca irão voltar e que teremos que encarar os Magnas e todo esse discurso chato de formarmos uma nova nação claramente tola que irá se autodestruir mais uma vez. Ou crianças sabem como transformar as cinzas de um planeta em um novo mundo? Pois é, acho que não.

Muito prazer, sou Angeline. A garota estupidamente introvertida e pluripolar que mataria para proteger seu irmão.

O dia estava chuvoso quando os céus começaram a cair.

Um mês antes dos eventos que mudaram o curso da história acontecerem, um grupo de agentes esquisitões visitou meu bairro. Fizeram-me diversas perguntas e me avaliaram da cabeça aos pés. Eu, como o garoto de 13 anos que era, não compreendi muita coisa. Somente um mês mais tarde que eu pude entender o porquê de

estarem selecionando as crianças.

Eu recebi um número, eu e mais uma jovem da minha rua. Minha mãe estava emocionada quando os homens foram embora. Ela me abraçou forte e disse que nunca nos separaríamos. Ela mentiu.

Eu vi quando os aviões caíram, eu vi quando o mundo parou e quando os ataques começaram. Eu só fui para o Bunker no segundo dia depois que a Guerra já havia sido declarada. Foi horrível. As noites eram intermináveis e os dias, sangrentos. Eu assisti a algumas famílias desesperadas, outras à beira da loucura e algumas ainda tentavam fugir. Mas, fugir para onde?

Nunca tive irmãos ou um pai. Minha mãe era meu único, meu maior tesouro; escolher nos afastar dela foi a pior decisão que ela já tomou e a que eu tive de aceitar. Quando a Guerra finalmente começou, nossos vizinhos já haviam se mudado, nossa rua estava habitada por

fantasmas, somente eu e a outra garota Escolhida permanecemos em nosso endereço oficial. As demais famílias? Não sei. Mas eu tenho certeza de que correram para se juntar aos outros membros de suas famílias e assim poderem morrer felizes, se é que isso é relativamente possível.

Eu escolhi honrar a escolha da minha mãe e me tornar um homem importante, ser um referencial com valores éticos e morais. Eu simplesmente teria escolhido ficar e morrer lutando para protegê-la. Creio que no fundo ela sabia que algo em mim seria crucial para que a Humanidade ressurgisse. É, ainda que doesse, tenho que afirmar que sua escolha foi sábia

Ela sempre acreditou em mim e, principalmente, em meu potencial de liderança, ela nutria a esperança de que eu seria como meu pai foi um dia. Um grande soldado, não apenas grande, mas o melhor e mais corajoso soldado.

Finalmente o dia chegou. Os Magnas foram

abruptos e não nos deram tempo para longas despedidas, tudo que houve foi uma lágrima em nossos rostos, compartilhamos a mesma dor, a mesma angústia de que partidas nunca nos fizeram muito bem, ainda mais depois da morte do meu pai.

Os homens me arrastaram e me jogaram no que eu costumo chamar de latão (uma caixa gigante de metal com rodas), eles me tiraram tudo que eu tinha de sagrado nesta vida e me desafiaram com uma nova realidade. A realidade "em Guerra" para, em seguida, passarmos para a outra realidade, a devastação "Pós-Guerra".

No começo nos chamavam de Refugiados, mais tarde, de "Esperança", mas agora fomos relegados a meros "Soldados". Nós recebemos um tratamento psicológico, uma espécie de hipnose que nos tornou obcecados por nada mais nada menos que nós mesmos. *Pronto, toda a minha garantia de futuro estava depositada*

sobre adolescentes e jovens egoístas e egocêntricos. Ótimo!

O objetivo principal aqui é formar a Elite que irá fazer parte das tropas comandadas por Jesse West o capitão da Guarda Aérea (*a maior parte de nossa aquisição aérea foi destruída, porém temos conosco os maiores gênios de todas as nações, tudo isso se deve à Vacina, a Agulha mais esperada depois da lavagem cerebral que tentaram fazer conosco. Digo isso porque com a maioria deu certo*. A tal agulhada, sim, eu a recebi, mas fui um dos últimos e acho que ela estava vencida, afinal, não vi nenhum efeito surtir até agora.

O que eu quero aqui? O que eu vim fazer aqui? Por que eu não enlouqueci ainda ou não me juntei à maioria egocêntrica? Eu só quero uma coisa: Vingança! Vingarei a morte da minha mãe, do meu pai e de todos os outros. Sei que essa Guerra só teve início porque alguém desse Governo desejou que ela começasse por algum

motivo que me enoja só de imaginar. Eu tenho repulsa do que os homens se tornaram e, mesmo assim, meu maior medo é me tornar um deles.

{...}



Parte I

"Os Escolhidos"

Era chegada a hora em que os homens não sabiam mais como se destruir. Mentira. Eles sabiam.

Pouco depois de uma devastadora guerra nuclear, não sobrou muita coisa do passado, talvez, meia dúzia de livros que eu trouxe comigo. Aliás, que ideia a dos meus pais de me mandarem para cá e ainda insistirem para que os "Homens" trouxessem o Kelvin também. Eu mal sei cuidar de mim! Além disso, um garoto de cinco anos só ia atrapalhar. Não sei como o deixaram vir, agora que estou entre "Eles", os Magnas, como gostam de ser chamados, sei bem que o objetivo é apenas selecionar os mais

fortes, saudáveis e habilidosos jovens de toda a nação, mas pelo que parece, algumas crianças vieram de brinde.

Esse é o jeito que Eles encontraram de continuar a vida na Terra, se é que posso chamar isso de continuar vivendo. Meu pai, Franz Johann Von Strauss, era um físico importante, trabalhou para grandes organizações do governo (*algumas secretas*). Acho que foi por isso que trouxeram o Kelvin. Minha mãe, Sara Emanuelle Felicce, era professora do 1º ano, além de dona de casa; eu sempre a ajudei, claro, ainda mais depois que meu irmãozinho nasceu.

Quando as ameaças começaram (*continuo achando que isso tudo foi só um blefe, pois sempre quiseram destruir tudo mesmo*), os países estavam loucos para testar suas armas nucleares. Meu pai sabia de muita coisa, sei disso porque ele sempre chegava em casa do trabalho com um ar sério e preocupado. Quando falava ao telefone, cochichava, e, no fim,

sempre o ouvia dizer o meu nome e o do pequeno ser que vivia me seguindo, meu irmão.

Ah, você tem razão, eu ainda não me apresentei. Bem, eu sou Angeline, ou como meu pai costumava me chamar, "Anjo". Contudo, ainda prefiro o modo como meus amigos se referem a mim, Angie. Filha de Italianos, Alemães e Russos (*a mistura me fez herdar os olhos verdes da minha mãe e o cabelo dourado do meu pai, cacheados nas pontas e recaindo na altura de minhas últimas costelas*). Nasci em uma pequena ilha nas Bahamas chamada Cat Island. Particularmente gosto muito de lá, talvez porque o nome seja engraçado ou porque eu adoro gatos, não sei bem, mas o fato é que simpatizei muito com aquele lugar. Moramos lá por quase cinco anos, foi então que nos mudamos para San Petersburgo, na Rússia, onde o "tampinha" nasceu. Estávamos na minha festa de sete anos quando minha mãe começou a sentir as contrações, deve ser por isso que implico

com ele até hoje, ele estragou minha festa de aniversário, e, sinceramente, eu quase nunca tinha uma.

Eu tinha só 12 anos quando tudo aconteceu, Kelvin tinha acabado de completar cinco anos, um bebe ainda. Meu pai foi convocado para trabalhar para o Governo da Rússia. A essa altura, minha mãe nem estava mais trabalhando. Primeiro por causa do Kelvin, segundo, porque meu pai mudava mais de cidade que de roupa! O planeta todo estava um caos. Foi então que Eles tiveram "a" ideia conhecida como "Os Escolhidos".

A iniciativa "Escolhidos" tinha como objetivo selecionar os jovens mais promissores e melhorar suas habilidades naturais. Enquanto testavam essa ideia, animais de todos os tipos foram alterados geneticamente a fim de que o mesmo pudesse ser feito conosco, ou melhor, com os Escolhidos. Foi aí que eles viram uma

grande necessidade de manter algumas espécies de animais vivas e nos incluíram no projeto, pois se a humanidade tivesse uma chance de sobreviver, eles gostariam que fôssemos superiores aos homens e mulheres que já existiam. O Governo não podia fazer muita coisa, pois se fizesse, a notícia poderia se espalhar e os outros países poderiam querer roubar "nossa" grande ideia (*e que ideia tola, eu preferia morrer com dignidade ao lado de minha família a ficar sufocada aqui nesse lugar cercada por garotos e garotas que realmente se sentem superiores aos demais*).

E foi assim que eles começaram a amontoar as fichas dos jovens que iriam fazer parte do que eles chamavam de Nova Terra (*popularmente conhecida por "Phoenix"*). A maioria russa, mas jovens de todos os países acabaram sendo selecionados. Os Magnas queriam os melhores, e é claro, precisavam de alguns a mais para que servissem como

Cobaias. Quando os experimentos começaram a serem feitos com os humanos nada de mais foi observado, mas quando essas crianças eram treinadas, em todos os sentidos elas sempre se destacavam. Foi preciso um ano para que a "droga" injetada nas pobres crianças estrangeiras fizesse um efeito verdadeiramente poderoso. Bem, pelo menos com alguns jovens deu certo. Até que a "droga" ficasse perfeita muitas crianças foram trancafiadas em selas secretas nos laboratórios, porque apresentavam perigo. Ouvi dizer que algumas ficaram parecidas com animais raivosos, penso até que algumas devem ter sido sacrificadas (*tudo em nome da ciência, como gostam de falar, só que agora eles tinham um álibi melhor, garantir a sobrevivência humana, e ainda por cima, uma sobrevivência garantida como superior. Que bobagem.*).

Eu não me lembro de receber uma agulhada dessas, eu me sinto absolutamente normal, não

fosse o fato de sentir fortes dores de cabeça bem frequentes. Não corro muito, não sou muito forte, nem ao menos faço contas com facilidade. Eu sou só uma garota de 19 anos que aparenta ter 15, não tenho nada de especial, a não ser que quando quero alguma coisa eu consigo, custe o que custar. Sempre fui uma criança magra e de estatura mediana, mas sinto que agora estou ficando bem mais forte do que a maioria das garotas na minha Ordem. Quando completamos 15 anos passamos a fazer parte da 3ª Ordem, é onde os treinamentos físicos e militares começam, mas o foco ainda está na formação intelectual. Aos 17 anos somos enviados à 2ª Ordem, é onde os treinamentos ficam mais pesados, cerca de doze horas seguidas de treino específico, com exercícios físicos catárticos (treinamento militar), manuseio de armas, desenvolvimento em batalha e uma porção de outras aulas chatas. *Se somos os sobreviventes, por que estão nos preparando para lutar? O*

que será que existe lá fora? Com o que ou quem vamos lutar? E por que diabos temos que treinar tanto?

Não vejo a hora de seguir para a 1ª Ordem (*daqui a seis meses quando eu completar 20 anos*), aqui as pessoas não passam de um bando de adolescentes mimados e metidos a valentões. Vivo praticamente sozinha depois que o Kelvin foi para a repartição de mecânica e eletrônica (*ele tem muito talento para a coisa*). Ele me disse uma vez que estavam tentando construir aeronaves, mas a maioria dos adultos foi extinta durante a guerra e os poucos que restam não passam de idiotas que pensam que são importantes e que não sabem fazer nada além de mandar. Crianças não sabem muito bem como a coisa acontece, são muito inteligentes isso é verdade, mas são só crianças! Sem o "tampinha" por perto (*ou melhor, me seguindo*), não tenho muito com quem conversar.

Faz quatro semanas que não o vejo. Nossa,

então faz praticamente isso que não falo com ninguém?!! Claro, o básico de sempre eu falo, mas não tenho amigos... E também não sinto a mínima falta... Sinto falta sim daquele anãozinho me perseguindo e me perguntando o porquê das coisas, aqueles olhinhos verdes combinando com os cabelos rebeldes em tom de amêndoa é o garoto mais lindo que conheço. Ah, eu me esqueci de dizer que aqui não somos conhecidos por nossos nomes, e sim por um número em nossos uniformes, que são horríveis por sinal. Sorte que usamos essa droga somente nos treinamentos. Uma calça preta larga com bolsos quadrados na altura dos joelhos, uma camiseta branca sem graça para garotos e uma regata para as garotas e, para completar, coturnos pretos. Sem contar o cinto preto gigante onde prendemos alguns adereços importantes.

Todos aqui são particularmente bonitos, não bonitinhos, bonitos mesmo, pois eles queriam que Os Escolhidos fossem superiores em tudo

(*não que eu seja alguma beldade, mas tenho lá meus atrativos físicos, ou não, não sei*). Não tenho muitos amigos, mas a garota 0278, de cujo nome sempre me esqueço, até que vai com a minha cara, sempre sentamos juntas durante o almoço e o jantar. Ela sempre me visita, acho que é por causa da meia dúzia de livros que eu tenho (*não existem muitos livros aqui, ou se existem, não temos acesso*), temos uma pequena estante em uma biblioteca gigante, alguns livros aleatórios, mas ela disse que gosta dos meus livros (*não gosto muito de emprestá-los já que são lembranças dos meus pais, só que essa garota é muito amigável e também odeio magoar as pessoas*).

(...)

Pipipi ...

— Que droga é essa? — pergunto a mim

mesma.

Vasculho meu corpo, jogando tudo que estava na escrivaninha no chão até encontrar o relógio no meu pulso apitando, bato nele até que resolve se calar.

— 21h. Toque de recolher — falo em voz alta, revirando os olhos com desdém (*é só a hora de dormir, mas tudo aqui é à base de regras e me sinto como um animal em cativeiro, isso não passa de mais uma ordem chata, o problema que se não fosse isso, acho que essa criançada jamais dormiria ou faria algo que não fosse a vontade própria*).

Toctoctoc...

— Angie! Angie! — grita uma voz histérica do outro lado da porta.

— Já vai! — respondo. Já sei de quem é a voz histérica. 0278.

Levanto esbarrando em tudo, tentando pegar as coisas que derrubei. Vou até a porta, e quando a abro, deparo-me com uma maluca com o cabelo preso por um pedaço comprido de madeira fino e delicadamente esculpido, vestida em um robe preto e com pantufas de urso panda.

0278 era mais do que uma simples garota, ela era uma jovem de cabelos longos e encaracolados que pendiam por cima de seus ombros. Cabelos e olhos pretos, tão pretos, que seus olhos parecem ser contornados em azul. Pele clarinha. Com um olhar de menina sonhadora. Se eu fosse compará-la a alguém, seria a alguma princesa, talvez Branca de Neve, por ser tão pura e encantada quanto ela, sem falar na beleza física. Mas o que mais chama a atenção nela é o sorriso. O sorriso radiante e brilhante. Que te faz sentir vontade de sorrir até mesmo nos piores momentos. Com ela não tem mal tempo.

— Oi! — digo olhando para as gigantes pantufas.

— Oi, posso entrar? Estou sem sono, então pensei que poderíamos conversar um pouco — diz ela olhando para a bagunça do meu quarto (*a vantagem de viver aqui são os quartos individuais, eu gosto disso*).

— Bem... Eu estava escrevendo um pouco — digo, enquanto observo embasbacada com aquela coisa verde em seu rosto, creme, eu acho (*0278 é uma jovem surpreendente, além da genética modificada ela transmite confiança, o que me faz querer ficar próxima dela. Eu não gosto muito de conversar, mas ela sempre me convence*).

— Se quiser posso ficar lendo um de seus livros enquanto você escreve. Você nem vai notar que estou aqui.

Ela rodeia a conversa, mas acaba confessando:

— Sabe, é que eu preciso de ajuda.

Coloco o caderno com o lápis sobre a mesinha e me sento na cama. Olho para a garota com um ar de desesperada (*mas sei que no fim ela vai falar sobre alguma coisa entediante ou fútil*), dou uns tapinhas sobre a cama bem ao meu lado e ela se senta, deixando seus ombros caírem de forma que percebo que talvez ela não esteja brincando e que o assunto seja realmente sério.

— Não sei o que está acontecendo comigo — diz ela depois de uma longa pausa e um suspiro cansado.

— Eu posso te ajudar? — pergunto. — Você sabe que não sou boa com essas coisas de amiga, mas posso ser útil em alguma coisa — digo com um sorriso torto de lábios cerrados.

— Acho que ajuda se eu te contar.

Ela olha para os lados antes de continuar, como se alguém estivesse nos vigiando, e

continua:

— Há três noites que não consigo dormir sem ter o mesmo pesadelo horrível... — faz uma pausa, longa pausa. — ... Eu estou presa por correntes em uma maca de hospital em uma sala escura e com cheiro de álcool e desinfetante. Mas não sou eu, é alguma criança, é como se eu estivesse no corpo dela. Então, vários homens de branco entram e começam a me mutilar viva e me costurar como uma boneca. Eu grito, mas ninguém dá atenção; eu choro, mas ninguém escuta; eu me debato, mas não adianta. Quanto mais quero que o sonho acabe, mais ele me sufoca.

Lágrimas escorrem do seu rosto e ela adquire uma expressão ainda mais desesperadora, sinto que ela vai agarrar meu pescoço e me sufocar, mas ela não faz isso, apenas continua.

— Os homens saem da sala e eu adormeço. Quando acordo, estou sem as correntes, só que tudo fica pior quando me deparo com espelhos,

vários pedaços estilhaçados de espelhos pelo chão, mas eu não quero olhar para eles, não quero ver meu rosto mutilado. Contudo, preciso saber como estou e quão grande foi o estrago que me fizeram. Pego um pedaço de espelho do chão, não muito maior que a palma da minha mão, e, lentamente, coloco-o em frente de meu rosto...

Neste momento ela pausa de novo. Percebo a dor em seu rosto.

— Sou uma criança retalhada, Angie! — diz tremendo, enquanto segura minhas mãos (*oh não, é agora que ela me sufoca! Nunca a vi com medo antes, ela sempre foi mais concentrada que eu, os pesadelos devem a estar atormentando de verdade*).

Eu não queria, estava com mais medo do que ela, mas ela não se cala.

— Desfiguraram meu rosto, uma criança de no máximo sete anos! Destruíram minha autoestima, meus sonhos! A revolta é tanta que

lanço o espelho com tanta força contra a parede que ele fica preso a ela, mas essa força me deixa mais amedrontada e irada ainda. Meu corpo? Meu corpo está mais forte e ágil. Eu mataria quem fez isso comigo sem fazer o mínimo esforço. Eu mataria. Uma criança de sete anos que mata!

Ela continua o desabafo e agora olha nos meus olhos, apertando os lábios um contra o outro, depois volta a olhar fixamente para frente, onde não tem nada além da parede do meu quarto e insiste:

— Eu pego o espelho da parede e vou em direção à porta, mas não tem porta, é uma jaula de vidro. Uma interminável jaula sem porta. Eu caio de joelhos sobre os milhares de cacos espalhados pelo chão, mas não sangro, não sinto dor. Eu estou prestes a sucumbir quando as paredes de vidro desaparecem. Eles somem em direção ao chão. Desintegram-se. Eu me levanto e corro, corro, mas estou presa em um labirinto

de jaulas de vidro, cheias de aberrações...

Ela faz uma pausa, coloca as duas mãos sobre a boca, deixando as minhas livres, em seguida continua.

— Eu sinto gosto de sangue na boca. E quando me dou conta estou matando outra criança com os meus próprios dentes. Dilacerei seu peito... eu queria seu coração. E pior, a criança estava sorrindo para mim. Acho que ela confiava em mim. Um garotinho que eu matei, mas não queria matá-lo, eu queria matar quem tinha me machucado. Eu matei um inocente. Eu não parava de matar, mas não sabia o que estava fazendo. E o pesadelo só acaba quando me capturam e me prendem. — Ela se agarra a mim, como uma criança medrosa. — Aí eu acordo!

Eu a abraço. Envolvo-a em meu colo. Enquanto acaricio seus cachos. Não sei o que dizer. Nunca fui boa com palavras. A garota sonhadora tinha adquirido uma expressão de

pânico, que me deixava sem saber o que fazer. O sorriso cativante tinha desaparecido.

— Foi só um sonho. Um pesadelo horrível, mas só um sonho! — foi tudo que eu consegui dizer.

— Por favor, me deixe dormir essa noite aqui com você! Não quero acordar desse pesadelo de novo e ver que estou sozinha em um quarto vazio e escuro! — ela implora, solta-se dos meus braços e implora olhando em meus olhos. — Por favor, Angie, seja meu anjo da guarda!

— Tudo bem! Tudo bem! Fique calma! Você quer tomar alguma coisa? Algum calmante? — pergunto enquanto enxugo suas lágrimas.

— Não, obrigada! — diz, respirando fundo e tentando se acalmar. — Só quero que amanhã chegue logo!

— Você não vai ter pesadelos aqui, não se preocupe. No meu quarto eles não têm coragem de entrar. — Forço um sorriso.

— Obrigada, Angeline. E me desculpe por te fazer passar por tudo isso. Você mal me conhece, deve me achar uma maluca. — Aceno com a cabeça que não e ela dá um sorriso forçado.

Ela se aninha por cima da roupa de cama mesmo e adormece. Com pantufas, creme verde e tudo mais.

Passo pelo menos mais umas 2 horas pensando na minha amiga maluca, no pesadelo horrível, nos meus pais, no meu irmãozinho, no treinamento idiota e no fato de ter que acordar as 05h30 da manhã para começar as tarefas. Apego-me ao fato de ter que entrar para Ordem e relaxo até pegar no sono.

Por pouco tempo...

Quando o relógio de pulso desperta dou um

pulo da cama, há tempos não dormia tão bem. Visto meu uniforme, escovo os dentes, dou uma ajeitada no cabelo e, por fim, dou um sorriso para o espelho para ver como ficou (*nada mal*). Calço as botas e colo a etiqueta de velcro com meu nome e número preso do lado esquerdo do meu peito: Hector Friederich Gaviior — 5001. Um soldado! Era assim que eu me via! Era isso que minha mãe queria que eu fosse (*não que eu quisesse, mas preciso honrá-la, ela morreu tentando me mandar para esse Bunker, para fazer parte da Elite, não que ela soubesse o que teríamos que fazer, mas o importante para ela era que eu saísse vivo da guerra*).

Lembrar-me da minha mãe, minha única família, deixava-me com os olhos cheios d'agua. Ela sempre foi uma guerreira, e era assim que ela me via. Mas não valia à pena derramar uma lágrima, ela me ensinou a ser forte, muito mais forte que todas aquelas crianças que eu vi aqui quando cheguei,

chorando e gritando pelos cantos, pedindo por seus pais e por suas famílias, crianças que não aguentariam nem o começo de uma guerra de verdade. Não são soldados, ou melhor, não eram! A “droga” que nos injetaram não só nos deixou mais habilidosos e alguns até com mutações, mas nos fez e ainda faz, permanecer em ordem, obedecer e ser perfeitos, quase verdadeiros fantoches. Pelo menos, com a maioria foi assim, mas a educação que minha mãe me deu permaneceu intacta em minha mente, todos os princípios éticos que ela fez questão de me ensinar estão muito bem guardados em meu cérebro.

Minha mãe, Helena Gaviior, criou-me sozinha e criou muito bem, devo afirmar. Meu pai faleceu durante uma operação do exército quando eu tinha somente alguns meses de vida. Ele era um soldado natural, eu sou um feito em laboratório. Todos aqui são. Um bando de bestas modificadas, mas isso não vem ao caso.

Nasci em Moscou e passei minha vida toda lá (*não que eu já tenha vivido tanto assim, tenho só 20 anos de idade, e agora com a mutação o que são 20 anos? Nada!*). A Droga fez com que dez anos parecessem somente dois. Dessa forma, eu acredito que vamos poder viver muito mais, contudo, mas não acho isso nem um pouco bom. Queria ter ficado e envelhecido em minha cidade natal, feito coisas normais, de gente normal.

Hora de ir. O dia só está começando e começa bem cedo. 05h30.

Chego ao refeitório calado como sempre, sento-me à mesa de "sempre", e como as coisas de "sempre".

— Oi! — digo a todos que estão na mesa e começo a beliscar um pãozinho.

— Hei, Hector, o que houve? Por que está tão quieto? — indaga Philip (311), meu melhor amigo.

— Nada, cara, só estou meio pensativo hoje. — Sorrio gentilmente e tomo um pouco de suco.

— Tudo bem. Entendo. Hoje começam as seleções para a 1ª Ordem, também estava meio esquisito ontem — diz calmamente e se volta para o seu café da manhã.

Não falamos mais nada por um bom tempo. Gosto de Philip por causa disso. As pessoas dessa mesa em particular são bem convencidas, mas nós dois, eu não considero assim, pelo menos não tanto quanto eles.

Ele tinha razão, as seleções começariam e eu nem estava preparado. Eu não tinha uma opção, eu precisava entrar (uma onda de ira se instalou dentro de mim).

Acordar todos os dias com aquele apito agudo do relógio me dá uma eterna depressão. Minha amiga havia levantado mais cedo, sem dizer nada, saiu na ponta das pantufas, deve ter ido se aprontar.

Levanto-me descalça, arrasto-me até o banheiro, tomo uma ducha quente e me visto (*com o maldito uniforme*). Com o cabelo não tenho muito que fazer, então o prendo em um rabo de cavalo bem no alto da cabeça. Escovo os dentes e calço o coturno. Estava colocando a fita com meu nome no macacão quando a 0278 bateu na porta.

— Bom dia! — disse ela. — Vamos?

— Bom dia! — respondo, mas minha voz quase não saiu.

Essas foram as únicas palavras que dissemos durante a manhã. O café teve um clima de tensão

para ambas (*apesar de eu achar que ela estava bem mais confiante que eu*).

Desvio o olhar da comida e me deparo com o nome no meu macacão, olho disfarçadamente para a roupa da 0278... Ekatherina Olga Pavlovsky — 0278.

Ah, sim, Kate. Ela pediu que eu a chamasse de Kate, assim que nos conhecemos. Nós estávamos em uma aula de química no Centro de Testes, seu trabalho tinha explodido e o meu não tinha graça nenhuma. Foi aí que Kate resolveu falar comigo, ela pingou três gotas de alguma coisa no meu experimento, que finalmente soltou faíscas que se transformaram em névoa púrpura. Naquele dia ganhei uma nota excelente. Acho que foi a primeira.

— Pronta? — pergunto me levantando e pegando a bandeja. — Está na hora!

— Eu não diria pronta, mas temos que ir, não é mesmo?! — brinca.

Deixamos nossas bandejas em seus locais de descarte e caminhamos em silêncio até a Sala de Treinamento.

Levantei-me da mesa carregando a bandeja e quando me viro para levar os papéis que estão sobre ela para o lixo, dou de cara com a Sayllor (56A). Uma garota desprezível que insiste em fazer da minha vida um inferno. Fica me seguindo e mandando em mim. Agindo como se eu fosse mais um de seus cachorrinhos, ou melhor, seguidores. Não quero ofender os cães).

— Deixa isso aí e vem comigo. Temos criados que podem fazer isso por você! — diz ela em tom de autoridade.

— Quem disse que te devo obediência? — pergunto já quase alterado. — Não temos criados coisa nenhuma, temos alguns jovens sendo punidos tendo que limpar coisas que pessoas como você não fazem sua parte limpando. — Quando termino de falar, o refeitório todo está me olhando assustado.

— Você vem comigo porque você quer entrar para a Ordem e eu sou a única que pode e vai te ajudar a passar na seleção! — diz elevando a voz mais que a minha. — E deixe de ser fresco, Hector! Pare de dar uma de bonzinho para cima de mim, essa não cola comigo! — diz virando as costas e saindo. — E venha logo antes que eu mude de ideia!

Ela tinha razão, eu precisava das dicas dela para conseguir entrar, mas eu detestava a ideia de ter que fazer o que ela mandava. Passei um tempo revendo os pós e contras de tudo isso e decidi que o mais importante era a

Ordem agora. Nada mais importava. Então dei alguns passos e a alcancei. Não sei se fiz certo, mas eu tinha um foco, eu precisava daquilo.

Chegamos à Sala de Treinamento. Ao todo estávamos em uns 200 jovens. Todos com idade entre 19 e 20 anos. Parei ao lado daquela malévola garota com cabelos tão loiros que chegam a ser brancos. Ele tem uma única mecha rosa em sua franja, o que me faz lembrar um gambá. Odeio essa garota, mas ela já é da Ordem e sabe o que preciso fazer para conseguir a melhor colocação nessa seleção.

— Me diz logo o que preciso fazer para que eles olhem para mim, para que seja um deles! — digo à criatura branca ao meu lado (Sayllor Bishger Soul — 56A).

— Escolha sua melhor habilidade e trabalhe em cima dela! O resto é comigo! — diz ela sem

ao menos olhar nos meus olhos.

Nem tive paciência para continuar com a discussão. Ela me disse algo que eu já sabia. Viro-me e sigo as instruções dos comandantes que estão nos dividindo em pequenos grupos para facilitar a execução dos testes. Nós somos separados conforme país, depois região, idade, sexo e, por fim, sobram apenar alguns jovens na sala. Somos designados para salas separadas onde iremos executar os testes psíquicos e intelectuais.

Entrando na sala vou para a cadeira com meu número e me preparo para pensar e pensar muito. Somos chamados individualmente para uma sala onde um cara estranho faz perguntas a fim de saber o quão louco você é. Depois disso, volto para minha cadeira vai começar o teste infernal.

Durante o teste teórico (*básico, com "apenas" algumas 30 folhas de questionários*

e questões dissertativas, só de pensar a dor de cabeça começa a torturar meu cérebro).

Duas horas se passam. Esse era o tempo de que dispúnhamos para realizar a prova. Passou voando. Prova teórica feita, hora de mostrar minhas habilidades no campo de batalha (*uma sala computadorizada que gerava uma série de provas que simulavam situações verdadeiras. Mas não consigo imaginar o que enfrentaríamos em uma situação verdadeira de guerra. Achei que todo mundo tinha morrido lá fora.)*.

Isto é, assim que sair a lista de aprovados no teste psicológico e teórico os selecionados irão para a prova prática.



Parte ll

"Uma Elite"

Dor de cabeça.

Pontadas.

Concentração.

Força.

Concentração.

Levo ambas as mãos até as têmporas, pressiono por um tempo.

Melhorou. Por enquanto.

Vai ficar tudo bem, eu vou conseguir. Preciso conseguir.

— Angie, vamos dar uma volta! A lista só sai daqui a uma hora mesmo — Kate diz entusiasmada.

— Aonde? — pergunto com desinteresse.

— Sei lá, só andar! — faz cara de “cachorro pidão”.

— Gostaria de ver meu irmão. Geralmente ele me dá sorte. — digo um pouco mais animada.

— Vamos então. Onde ele está? — ela pergunta e já sai caminhando.

— Por aqui. — Puxo-a delicadamente para o outro lado, rindo.

Descemos alguns andares. Onze na verdade. O local não é liberado para qualquer um e precisamos andar abaixadas e olhando para todos os lados. Mas parece que todo mundo está preocupado com a seletiva da Ordem. Não tem uma alma viva nesse lugar.

— Nem sabia que existia esse lugar — sussurra.

— Não podemos entrar aqui! Deve ser por isso — digo zombando de leve. — Por aqui, me

siga.

Avisto meu pequeno, cochilando sobre uma pilha de livros (*livros? Por que ele tem livros? Nós mal temos um dicionário na nossa Biblioteca fajuta*). Aparentemente sozinho. Recomponho-me, estico a coluna e caminho com passos silenciosos até ele.

— Vai acordá-lo? — pergunta Kate, que parecia uma sombra atrás de mim.

— Sim, vou. E da pior maneira. — respondo e faço uma cara de criança levada.

Aproximo-me mais e mais. Quando estou ao seu lado cutuco suas costelas, fazendo cócegas e ele levanta em supetão (*que saudade eu senti desses olhos claros. Se ele não fosse meu irmãozinho juro que me casaria com ele, era uma cópia exata de minha mãe na versão masculina*). Quando ele se dá conta do que está

acontecendo, pula na minha direção. Agarra meu pescoço, quase me sufoca de tanto amor. Eu sou sua única família e sempre cuidei dele com muito zelo. Seus pés chegam a sair do chão durante o abraço. Ele me enche de beijos e não me solta até que eu o coloque suavemente no chão. Agacho para ficar mais próxima de seu rosto. Mas como ele cresceu! Deve estar batendo no meu ombro já. Um homenzinho (*cada dia que passa mais bonito*). Agora ele tem a mesma idade de quando eu cheguei aqui.

— Nunca me disse que seu irmão tinha 15 anos. — Kate diz piscando para mim.

— Eu tenho doze. — fala e se aproxima de minha amiga, erguendo-se na ponta dos pés para beijar seu rosto em cumprimento — Prazer, meu nome é Kelvin Johann. O seu é?

— Kate. Ekatherina Pavlovisky. Mas me chame de Kate. — ela retribui o beijo.

— Agora que estão devidamente

apresentados, já podem se casar. — Eles riem sem graça (*não sou boa com piadas, dá para ver*). A minha expressão é a de quem deu um belo "fora", por assim dizer.

— O que te trouxe aqui? — sua voz é rouca e grave como a de nosso pai.

— Fiz os testes da Ordem. Vim para você me desejar sorte.

— Você não precisa de mim para isso. Passa na Ordem de olhos fechados. Eles querem você!

Após a última frase ele coloca as mãos sobre a boca como se acabasse de dizer um palavrão.

— Que bobagem! Você é meu amuleto se lembra? — digo desacreditando. E ele sorri com alívio no olhar. Kate se senta na cadeira que Kelvin havia adormecido e observa.

— E esses livros? Como conseguiu? — pergunto intrigada.

— São do papai. — sua face fica rosada como a de um bebê.

— Como? — questiono confusa. Sinto o

sangue subir à minha cabeça. Não pode ser.

Não percebemos. Estávamos entrosados demais. O Capitão da Guarda Jesse West estava bem atrás de mim (*um homem com a barba por fazer, porém muito bem desenhada em seu rosto juvenil*. Não deveria ter mais que 25 anos. Jesse tinha um cabelo castanho com pequenos cachos rodeando sua nuca. Olhos vivos e misteriosos, da cor do mar. Dentes brancos e alinhados. Inteligente. Muito. Extremamente inteligente o que só o deixava ainda mais misterioso). Ele levanta seu musculoso braço direto e toca meu ombro esquerdo. Um toque suave, mas ríspido. Quase uma ordem para que eu me vire imediatamente. E funcionou.

— Vocês têm permissão para pisar nesse andar? — questiona, sua voz é como um trovão.

— Elas vieram a meu pedido, professor. — Meu irmão reluta (*espera aí, ele disse*

professor? Ele constrói aviões caças também?).

— Tudo bem. Eu não me importo, Kelvin. Mas ninguém pode vê-las aqui. — diz, calmo como um rio.

— Já estamos de saída. Precisamos ver A Lista. — Kate interrompe o que eu ia dizer.

— Ótimo, também já estou subindo. Dessa forma se alguém as vir posso tentar inventar alguma desculpa. — diz e se encaminha para o elevador.

Olho para o meu Kelvin. Afago seus cabelos. Lembrando-me de quando o colocava para dormir, assim como fiz ontem com a Kate. Meu irmãozinho estava crescendo e eu não conseguia acompanhar, estávamos separados pelos Magnas. Não sei o que eles querem com isso, mas já está me irritando esse negócio de não podermos nos ver! Abraço-o.

— Temos muito que conversar. Eu volto. Mesmo que eles não queiram, eu volto para ver você — digo. — E você está lindo, me esqueci de dizer! — saio sorrindo com os olhos cheios d'água e mando um beijo no ar, que ele pega e guarda no coração (*como sempre fizemos nas despedidas, é algo só nosso. Nosso e de nossos pais. Foi à última coisa que vi meus pais fazerem enquanto Os Magnas nos arrastavam para longe deles.*).

Kate me puxou pelo pulso antes do elevador se fechar.

Coração batendo na garganta. Mãos suando frio. Aperto no peito. Olhos querendo lacrimejar. Queria bater em todo mundo e voltar correndo, mas precisava ser forte... entretanto, não evito dar um murro na parede do elevador.

— Não se preocupe, o Kelvin está bem lá — Jesse diz, enquanto coloca sua mão grande e suave sobre meus ombros, quase como um pai,

um pai bem jovem.

— É, Angie, não se preocupe, ele não é mais uma criança, sabe se virar. — Kate concorda.

Viro-me e abraço o homem desconhecido que havia depositado suas mãos em meus ombros. Não suporto. Desabo.

— Ele é só um garoto de 12 anos! Por que não o deixam ficar com sua irmã? — pergunto, as lágrimas finalmente escorrem.

— Sei que você o ama muito, Angie, mas ele precisa aprender a se virar sozinho. — Enterro meu rosto em seu uniforme preto, procuro seu peito forte e pressiono meu rosto contra ele para me desligar do mundo. Mas 2 segundos e ele me afasta de seu corpo.

— Vocês duas precisam ir para o Salão de Reuniões, mas antes, Kate, leve-a para lavar o rosto. — Ele orienta e beija minha têmpora – sinto um arrepio – e depois se fixa em meus

olhos, a porta se abre, ele vai na outra direção

P*or quê? Volta! Nunca tinha sido beijada por um garoto, somente meu pai e irmão me beijavam, mas isso não conta. E aquele beijo, por mais singelo que fosse, tinha me proporcionado um arrepio na espinha que eu nem sabia que poderia sentir*.

Kate me apoia em seu ombro, não diz nenhuma palavra, ela deve ter entendido meu estado. Eu não estava presente. Estava com meus pais e meu irmão em meus braços há dez anos. Estava em choque, como nunca tinha ficado. Muitas coisas ao mesmo tempo. Nervos à flor da pele. Prendi-me à ideia de que, se entrasse para a Ordem e virasse oficial de verdade, eu poderia ver meu principezinho todos os dias.

Ela cuidou de mim melhor do que eu cuidei dela na noite passada: lavou meu rosto, arrumou meu cabelo em um coque alto e passou alguma coisa em minhas olheiras. Eu não disse nada. No

final, só retribui com um sorriso murcho.

Pipipi...

— Maldito relógio! — esbravejo.

— Não! A lista já deve ter saído. — Ela sai derrubando tudo do seu quarto e me empurrando até a porta como se eu pesasse uma tonelada. — Vamos, Angie! Você precisa colocar um sorriso no rosto e fazer de conta que está tudo bem. Os Caras não podem saber que estivemos lá.

— Alguém me viu com aquela cara de choro antes de chegarmos no seu quarto? — pergunto amedrontada.

— Não se preocupe, ninguém viu nada, estão todos preocupados com A Lista — ela fala.

Concentração.

Força.

Eu consigo.

Estampo um sorriso. O melhor que consigo.

Chegamos ao Salão. A Lista é um holograma gigante na parede. Os nomes. Estamos tentando enxergar nossos nomes. Tem muito babaca na frente. Empurro alguns. Paro. Lá está.



Parte lll

"A Lista"

Eu tinha ficado sentado no chão da Sala de Treinamento esperando por ela. A hora mais demorada de toda minha vida. E agora ela estava ali, bem na minha frente, mas eu ainda não conseguia ver. E Sayllor não parava de falar do meu lado. Já estava a ponto de bater em alguém, mas Philip me puxou para o lado. Eu vi.

Somente 20 nomes. Um baque. E a prova física nem tinha começado. Sayllor tinha razão. Só conseguem quem realmente eles querem que consiga.

"Nota de corte: 30.000 pts."

1º. Angeline F. Von Strauss – 1001 – 56.489

pts. – A garota de olhos azuis, longos cachos amendoados quase sempre presos, aproximadamente 1.67m de altura, braços e pernas definidos por músculos que começam a aparecer. Uma voz rouca e baixa, porém doce e suave. Uma garota que roía as unhas e mordia os próprios lábios descascados. Uma garota solitária e protetora, que daria a vida pela de seu irmão. Uma garota corajosa, porém, sensível, que sabe o que quer e não se importa com os meios para conseguir. Uma garota a flor da pele que esconde muita sensualidade atrás do olhar inocente de filhinha de papai. O "anjinho misterioso" de 19 anos.

2º. Hector Friederich Gaviior – 5001 – 54.899 pts. – Eu, o garoto de cabelos negros e olhos da cor do céu, não o céu da Guerra, mas o céu de verão, aquele céu azul que refletia os cabelos de minha mãe enquanto ela me perseguia no jardim. Eu, o garoto de 1.90m,

robusto, e bem afeiçoado, com ombros largos assim como o sorriso. O garoto de maxilar quadrado e voz rouca e grave como uma tempestade. Eu, aquele que mataria qualquer um por um pouco de respeito, respeito aquele que não tive quando caçoavam por eu ser um bastardo. O garoto que usa o poder de persuasão para conseguir o que quer.

3º. Philip O. Clarkson – 0311 – 51.863 pts. – o amigo inseparável e compreensivo. Jovem com 20 anos, já havia tentado estar na Ordem pela 2ª vez. Aproximadamente da minha altura, tem olhos escuros e cabelo dourado, corpo treinado e desenvolvido semelhante ao de um atleta. Phil tinha cicatrizes nos punhos, não me pergunte por quê. Um tremendo homem amedrontador, que tinha sido preparado para correr como um puma e caçar como uma águia. Um galante noturno.

4º. Ekatherina Olga Pavlovisky – 0278 – 40.340 pts. – garota sorridente, de cabelos longos e encaracolados da cor da noite, a noite mais escura que já existiu. Seus olhos também são tão negros que chegam a refletir tons de azul. É branca como algodão. Muito bela, muito mesmo. Delicada e misteriosa, corajosa e amedrontada, assim, tudo ao mesmo tempo. Kate, como todos a chamam, vive na companhia da garota que ultrapassou minha pontuação nas provas e quem tenho vontade de matar nesse exato instante, mas deve ser algo em seus olhos que não me permite fazer uma atrocidade dessas. Sem contar que eu estou confuso sobre sua situação mental, ela já teve várias crises depois que a separaram do irmãozinho. Mas é de Kate que estou falando, a garota vivaz e alegre que serpenteia e dança enquanto anda, com os olhos brilhantes e encantados. Acho que ela deve acreditar em contos de fadas, porque quem a vê, diz que ela vive em um.

5º. Miranda Paris – 0012 – 50.023 pts. – a garota de cabelo moicano preso em um rabo de cavalo, ela tinha o corpo completamente tatuado e piercings por toda parte. Era uma jovem corajosa, com espírito de vingança e um tanto quanto perigosa. Tinha olhos cor de esmeralda e uma boca bem desenhada e carnuda, muito atraente. Ela tinha um olhar distante e, quando falava com alguém, mantinha uma postura elegante e superior. Era legal, algo no seu jeito de se expressar, talvez sua ousadia, não sei, era intrigante... Eu gosto de garotas que despertam curiosidade.

6º. Tomas Deam Van'Clain – 3902 – 46.902 pts. – ele tinha quase dois metros de altura, com costas largas e trapézio evidente. O cara era o Hulk. Suas habilidades eram todas melhoradas e sua visão era quase de raio-X de tão incrível. Se eu fosse uma garota, com certeza daria em

cima desse cara, mas não sou. Sei que isso pareceu muito estranho, mas é verdade, ele é um monstro de tão forte, é difícil acreditar que tenha apenas 20 anos de idade.

7º. Jaden Liz – 0658 – 46.867 pts. – uma mestiça japonesa que tinha sido expulsa da Ordem e agora estava tentando voltar. Não me pergunte por que ela foi expulsa, mas os boatos contam que ela foi pega dormindo com outro soldado da Ordem, um bem mais velho. Relações, sejam elas quais forem, não são permitidas aqui, nem uma troca de olhares, nada; beijos são punidos com castigos e as coisas mais sérias são punidas com expulsão, mas não sei o que essa garota ainda faz aqui. Ela tem olhos escuros e cabelo escuro, que se destaca devido sua pele clara. Seu corpo é magro e esguio e quase não possui curvas femininas. Não que eu repare nisso. Apesar do tamanho, que não deve passar de 1.60m, dizem

que a agulhada lhe deu uma agilidade perturbadora.

8º. Peter John Osburn – 2390 – 43.455 pts. – um garoto baixo, de cabelos escuros, maxilar quadrado, olhos cor de musgo, forte; apesar do tamanho, Peter é forte. Ele senta-se na mesma mesa que eu durante as refeições. É falante e carismático, e usa isso para se aproximar das garotas. Ele gosta de se aparecer. Não ligo, não sou bom com garotas, nunca namorei na vida, nem mesmo beijei. Isso não vem ao caso. Ele sim sabe como arrancar gargalhadas das meninas. Fico torcendo para que alguém da Guarda o pegue flertando e o mande para o inferno ou qualquer lugar em que ele não fique me amolando com perguntas como "E aí, quando vai tomar coragem e chamar alguma garota para sair?". Nesse momento sinto vontade de bater a cabeça dele contra a mesa. É um idiota em todos os sentidos mesmo... Para onde eu levaria uma

garota se ela topasse sair comigo? Para o Refeitório ou para a Sala de Treinamento? *Dúvida cruel. Não temos nem ao menos um cineminha por aqui.*

9º. Camille Saint Vicent – 9543 – 42.898 pts. – mulherão com cara de menininha. Pronto, descrevi. Seu corpo deixa qualquer um de queixo caído. Mas seu rosto lembra o de uma garota de sete anos. Olhar tímido e medroso, vindo dos olhos da cor do mar. Cabelos dourados e longos, atados em dois rabos de cavalo um cada lado da cabeça, envoltos em fitas de cetim. Sua boca, bem, sua boca... me faz salivar. Sei que pareço um maníaco, mas ela é estonteante. Você pode imaginar? Camille tem 19 anos. Emana juventude e alegria. E sua voz me lembra uma locutora de rádio, forte e vibrante, sem falar no jeito sensual com que ela pede as coisas... "*Pode me passar o pudim, Hector?... Hector? Meu rosto fica aqui em*

cima!" Ela também se senta à nossa mesa. Ela deve ter a habilidade de hipnotismo só pode ser, porque eu entro em transe quando a vejo.

10º. Carl Oster Batwin – 0041 – 40.113 pts. – o cara esquisito que ajeita os óculos no rosto o tempo todo e não olha nos olhos de ninguém. Vivia no andar de Genética e Reprodução. Alto, magro, mãos e pés grandes, sorriso tímido e óculos redondos, que cobrem quase o rosto inteiro. Sempre está de luvas, não importa a temperatura, e anda para todos os lados com um jaleco branco credenciado em qualquer andar. Um completo nerd, não digo isso ofensivamente, eu sempre admirei pessoas cujo QI se destacava.

11º. Pietra Anedore Conair – 9843 – 38.990 pts. – essa mete medo, muito mesmo, ela tem cicatrizes espalhadas pelo corpo e tem um olhar sombrio, mas não é isso que dá mais

medo, não que eu, um homem feito, sinta medo de alguma coisa, mas ela já matou um dos nossos sufocado, porque ele havia se sentado ao lado dela e tentado puxar assunto. Ela torceu seu pescoço até ele parar de respirar. Eu acho que foi puro reflexo, mas há quem diga que ela é uma maníaca. Tudo bem por mim, eu gosto de maníacos. Entretanto, o cara só queria conversar. Pena que escolheu a pessoa errada. Depois disso, ela nunca mais falou com ninguém, a não ser com as nossas autoridades. E ninguém nunca mais se aproximou, fitou ou mesmo pensou nela. Até agora, né?!

12.º Alexander Gkrieg Spartks – 0665 – 38.567 pts. – nunca o vi, não me pergunte. Mas deve ser o garoto que gritou e abraçou mais três que estavam a sua volta. Um sujeito estranho. Sei lá, só achei. Ruivo, com a barba por fazer, ela tinha a mesma cor do cabelo (quando a luz batia parecia estar pegando fogo). Olhos claros,

mas não vi muito bem a cor. Estava vestido com uma roupa inteira branca, não sei de qual andar ele é. Mas vou mantê-lo em minha mira, não gosto do jeito que ele olha para mim.

13º. Clair Minidori Roco – 0015 – 38.122 pts. – puta merda! Essa eu fiquei indignando quando vi. Uma japinha loira. Loira, YES! Loira! Nunca tinha visto. Olhos puxados com a cor do mel com uma pupila estranhamente fina, como a de um gato. Uma menina aparentemente doce e delicada. Sua voz é fina e estridente, mas ela parece mastigar as palavras antes de pronunciá-las. Sua língua me arrepia. É bifurcada na extremidade e escura como se tivesse sido tingida de preto. Tem alguns devaneios às vezes, porém é uma garota quase comum por aqui. Se não contarmos o fato de ser uma víbora, é claro!

14º. Missy Farway Thompson – 0121 –

37.944 pts. – Não conheço. Essa não se pronunciou durante a chamada. Não ouvi seus gritos agudos como das outras garotas convocadas. Não senti sua presença. Talvez ela seja muito tímida e não queira fazer muito alarme. Só quando chego à fila que percebo uma garotinha de 150 centímetros de altura. Realmente muito tímida, porque todas as vezes que a fitei, ela desviou o olhar rapidamente. Essa é a gota d'água, ela não conseguiria, nem que quisesse, passar nos testes de resistência física. Tomara que eu seja surpreendido e que ela prove o contrário. O que pode existir por trás daqueles cabelos longos, acobreados e escorridos em suas costas? Por trás daqueles óculos quadradinhos que enfeitam seu rostinho de menina? Não sei. Pretendo descobrir.

15º. Kent Taylor – 0555 – 37.590 pts. – Kent é um astro da música, ou pelo menos era. Ele é o mais velho entre os da Lista. Não sei

muita coisa sobre ele, só que seus pais eram cantores jovens e ele acabou seguindo os passos deles. É bem quieto e só anda com a Pietra, o que o torna sinistro também. Tem cabelo castanho e escorrido. Fora o fato de andar com a Pietra, ele até que é bem comum. Seu porte físico é normal, nem forte nem magro. E ele não demonstra nenhuma habilidade especial. Não até hoje.

16º. June Sidney Parker – 1089 – 37.001 pts. – June é uma Sayllor da vida. Na verdade, é uma de suas cadelinhas, digo, seguidoras. Loira, na verdade, seu cabelo é quase cinza de tão loiro e ela tem a franja com tons de azul. Uma modinha da Sayllor para distinguir os populares dos SEM como ela chama os que não são seus cachorrinhos, digo, seguidores. SEM'S quer dizer, sem noção. Ou algo assim, não lembro, faz tempo que ela divagou ao meu lado sobre esse assunto e eu, como sempre, não prestei

atenção. June é diferente, ela tenta incessantemente ser como Say, mas ela não tem a mesma malícia no coração. Pelo menos eu penso assim.

17º. Oliver Peter Jackson – 5549 – 36.967 pts. – não o conheço bem, mas sei que é cego. Isso mesmo, cego! Mas isso só fez com que suas demais habilidades ficassem parecendo superpoderes. É incrível ver a maneira como superou tudo isso. Ele ganha de qualquer um quando se trata de reconhecer um espaço. O cara é um caçador nato. Não tem mais que 1,80m e possui cabelos encaracolados, cor de madeira e olhos azuis transparentes, fixados no além. Oliver tem um bom papo, diferente da maioria. Ele é incrível apesar de tudo.

18º. Guéssyca Sonsin Bringway – 0199 – 36.598 pts. – pele achocolatada, olhos vivos e intensos. Voz suave e delicada, uma boneca em

um campo de batalha. Mas Guessy também teve seus sentidos apurados depois das Agulhas. Por falar nisso, odeio agulhas. Então... ela tem um corpo bonito, desenhado e um belo sorriso. Não é a mais atraente, para mim é a mais sensível, mas é realmente notável. Não que ser sensível seja ruim, mulheres sensíveis são charmosas. Afloram nos homens o instinto de proteção. O que é melhor do que aflorar os instintos naturais grotescos de atração física e repulsiva necessidade por sexo.

19º. Krista Murchat – 0066 – 36.234 pts. – não sei, não sei mesmo quem é, dessa vez eu nem ao menos consigo imaginar quem seja. Deve ser alguém misterioso ou então alguém bem tímido. Também pode ser uma garota, esse nome pode ser unissex. Que loucura.

20º. Pablo Ponedoro – 3476 – 36.269 pts. – um italiano autêntico, com direito a bigode e

sotaque. Olhos bem verdes e cabelos amendoados levemente compridos, na altura da nuca aproximadamente. Nem alto, nem baixo. Nem forte, nem fraco. Nem locutor de rádio, nem taquara rachada. Um cara morno. Nunca conversamos diretamente, mas já fomos apresentados. Ele perdeu os pais quando era um menino, assassinados em uma chacina horrível. Mas até que ele não parece revoltado por isso. É uma pessoa muito tranquila e sociável.

— Conseguimos! — Phil grita enquanto segura meus ombros. Por um instante achei que sua alegria faria com que ele me beijasse. Não aconteceu. Ainda bem.

— É! — digo o mais entusiasmado que consigo.

— Você está chateado por que uma garota foi melhor que você? — pergunta. — Vai ver ela foi melhor no teste psicológico! — ele caçoa.

— É! — digo quase divagando em meus

pensamentos. — Onde está a Angeline?

— Ah, a garota de olhos vibrantes (*sim, para a minha felicidade, ela tem os olhos mais lindos que existem*). Olhe para o seu lado esquerdo, a umas dez pessoas de você! — responde.

— Sério? — pergunto incrédulo. Como eu posso não a ter visto? Olho para ela e me fecho em meu mundo... ela parece tão frágil... *Como a garota maluca que dá vexame quando revê o irmão pode ter ido melhor do que eu? Como a garota solitária e muda pode ter ido melhor que eu? Aposto que se minha mãe estivesse aqui ela me daria um tapa na cara neste instante. Uma garota ser capaz de vencer um soldado! Tolice.*

...

— Vamos, quero parabenizá-la. — digo a Phillip, saindo dos meus devaneios. Puxo-o pela

manga de seu uniforme. Ele me segue relutante resmungando.

— Parabenizá-la ou quebrar os ossos dela? — brinca novamente.

— Não, mas estou pensando seriamente em quebrar os ossos de alguém que não para de me caçoar! — digo encarando-o.

— Calminha, soldado Gaviior. — diz erguendo ambas as mãos em rendição. Brincadeira é claro.

...

— Parabéns! — sussurro em seu ouvido! Os Parabéns ecoam em minha mente. — Como conseguiu essa façanha, soldado Strauss? — desafio.



Parte IV

"O Beijo Roubado"

O hálito dele quase me fez desmaiar. Não, não era ruim, ao contrário. Era muito bom, mas a pontada de ironia, o desafio, o medo, o terror e a vingança que notei em sua voz me arrepiaram negativamente. Entretanto, nada com que me fizesse perder a pose.

— O que você acha, soldado Gaviior? Devo ter... Ah, é, não é da sua conta! — digo em tom de desafio.

— Se pensa que vai continuar se saindo bem e se tornar o Sargento do grupo a se formar na 1ª Ordem está enganada, sabia? — diz enquanto me rodeia, parando, em seguida, bem na minha frente. A respiração ofegante podia ser sentida na ponta do meu nariz.

— Não penso nada. Se me saí melhor que você é porque mereci, Soldado. — Eu estava quase explodindo com ele quando o Subtenente sobe ao palco do Salão e dá alguns toques suaves no microfone antes de começar a falar.

— Ouça, idiota... — diz.

— Cale-se e ouça você! — aponto para o palco.

— **"Parabéns a todos! A prova de habilidade física será amanhã pela manhã, aguardo todos os mirins no Pátio logo após o café, às 7h! E, aos triunfantes vencedores desta etapa, será oferecido um Jantar Especial na Sala Magna! Sem mais."**

Gritos e algazarra começam a dominar o Salão de Reuniões. A verdade é que não sei o porquê de estar tão na defensiva com o Hector. Talvez sejam aqueles olhos, ou quem sabe o sorriso. Não que ele tivesse demonstrado um

naquele momento, mas eu nunca deixei de reparar naquele sorriso. Só que o modo como ele tenta se impor e me colocar medo é que me chama a atenção. É tolo, afinal meu único medo tem a ver com o Kelvin e não com um garoto que pensa que é melhor que todos os outros. Ele realmente me enoja. Talvez seja um ímã por perigo que faça com que eu me sinta tão atraída por ele.

Enquanto desvio do olhar de coruja dele, eu me dirijo de braços entrelaçados com Kate para o Jantar que me é oferecido, afinal, sou a número um até agora. E tirando o charmoso Hector, todos os outros estão felizes por mim, por conhecerem a minha história. Eles me parabenizam com gentileza e prazer, tão empolgados quanto minha amiga maluca.

— Não gostei do modo com que aquele garoto se dirigiu a você. — resmunga Kate enquanto me esbanjo colocando quilos e quilos

de comida em meu prato.

— Não liga para ele, está nervoso porque acha que tem que ser o Sargento quando se formar. E claro, perder para uma garota na primeira colocação o deixou balançado. — digo indo em direção a uma mesa qualquer.

— Com licença, 1001, poderia se sentar à mesa do General Husher? É um convite dela, pois tem alguns assuntos para tratar com você em particular. — interrompe um jovem de farda branca, bem afeiçoado, que me entrega uma belíssima caixa de veludo preto. Tento equilibrar o prato e a caixa nas mãos. Ele me encaminha para a mesa central. Dou uma piscadela para minha amiga, que se senta em uma mesa em seu rumo, enquanto retribui minha piscadela com um enorme sorriso que brilha por toda a sala.

— Claro, é uma honra! — digo, sentindo o meu rosto efervescer e ficar corado. Meio confusa com a diferença do gênero usada para

se referir ao General, sigo o soldado bonito.

— Senhorita Strauss, é um prazer conhecê-la! — diz com entusiasmo uma belíssima senhorita de pele morena e cabelos de mola, enquanto me ajuda com o prato-montanha e a caixa aveludada.

— Você é a General? — falo arregalando os olhos e me ajeitando na cadeira.

— Sim. Por quê? Imaginou um homem grande e forte com cara de mercenário? — ela responde sorrindo.

— Não, não, mas realmente imaginei alguém diferente, alguém mais feio. Desculpe. — *acho que aquelas palavras não saíram do jeito que eu queria só que agora não dá para voltar atrás. Espero não ser condenada por isso. Onde eu estava com a cabeça para me dirigir a um oficial importante desse jeito?!*

— Desculpe te desapontar! Da próxima vez eu tento parecer mais carrancuda. — *Ufa, parece que não vou morrer ainda! Ela está*

brincando, eu espero. — E fico feliz em saber que não pareço tão feia. — Ela ri.

— Me desculpe, não quis parecer grossa. — Não sei onde enfiar minha cara. Devo estar parecendo um pimentão. A pele branca-transparente não me ajuda com essas coisas.

— Está tudo bem. — Ela pega a caixa de cima da mesa. — Cabo Strauss! — diz ela retirando um broche da caixa preta e prendendo ao meu uniforme bem ao lado do meu nome e número.

Eu estava pulando, gritando e agindo histericamente. Por dentro é claro. Por fora eu estava somente com os olhos brilhando e cheios de água. Limpei antes que qualquer um pudesse ver. Eu estava um passo mais próxima de meu objetivo: sair dessa prisão.

— Que lindo! — deixo escapar, enquanto aliso o broche. — Muito obrigada!

— Angeline, seu potencial em batalha nos motiva. É bom saber que temos alguém como você entre os melhores. Se continuar assim, com certeza vai se formar e conquistar o mérito de Sargento da Ordem — ela comenta sorridente.

Após me olhar por alguns instantes, confessa:

— Mas não desanime se alguém também tentar, pois existem muitos outros jovens que dariam literalmente seu sangue para chegar a esse cargo, que para você é quase um dom natural.

— Não se preocupe não penso em desistir! — afirmo com o máximo de convicção que consigo.

— Por favor, me dê licença, tenho alguns assuntos para resolver. — diz e se levanta. — Vou deixar você comemorar com seus amigos. Até logo, Cabo Strauss! — diz se retirando do grande salão onde estamos.

Continuo alisando o broche enquanto como,

só esperando. Esperando "o desagradável" aparecer de novo, quem sabe dessa vez ele sussurre delicadamente. E talvez ao adormecer eu sonhe com isso.

Minha consciência fica martelando:

— Pare já com isso, Angie! Você está pensando o quê? Aonde quer chegar? Acha mesmo que aquele garoto vai querer te beijar? Beijar? Quem falou em beijar? Não quero beijo nenhum! Aposto que ele quer é me matar! Ele deixou isso bem claro, recitando aquelas palavras de ameaça.

E por aí vão meus pensamentos...

Sinceramente não sei o que aquela coisinha tem que me faz ficar arrepiado. Quanto mais quero odiá-la, mas sinto vontade de deslizar meus dedos sobre seus lábios e no fim de um sussurro, beijá-la lentamente enquanto sinto seu

perfume delicado. A garota que era estranha e muda tomou conta dos meus pensamentos. Agora ela não é estranha e muda. Ela fala e me desafia. Ela me provoca e caçoa de mim. Ri na minha cara. E quanto mais quero odiá-la, mais seu rosto toma forma em meus pensamentos.

Observo durante um longo tempo toda a encenação de surpresa pelo broche. Todas as pessoas voando sobre sua mesa para dizer o quanto ela é boa e essas coisas. Fiquei pirado. Estava quase pulando em cima da mesa e gritando para pararem de bajulação. Mas Philip me ajudou, e muito, no autocontrole, especialidade dele.

A bagunça tem fim quando o som das 21h apita nos relógios formando um coro irritante. As pessoas se retiram aos poucos, relutantes, implorando para continuarem festando. Festas são raras aqui. Nem aniversários são comemorados. Somente uma data é comemorada: o Dia do Recomeço (*Initium*

Day). O dia depois da Guerra que assolou o planeta.

Minha consciência, minha razão e meu coração entram em conflito com meu cérebro e me causam uma dor de cabeça horrível. Não sei exatamente o que fazer, mas me despeço de Philip e de Sayllor e vou apressadamente para meu quarto. Tomo um banho e visto uma bermuda azul marinho, descalço ando de um lado para o outro pensando em alguma estratégia.

Ameaça?
Chantagem?
Persuasão?
Ou mato de uma vez?

Só que a vontade de tascar nela um beijo demorado é a que mais me assombra. E as inúmeras vezes que vejo a cena acontecer na minha mente só me deixa mais irritado. Decido

tomar um ar. Visto um roupão de banho branco aberto por cima da bermuda e saio vagando pelos corredores a fim de espairecer um pouco.

Sinceramente, não esperava nada disso acontecer...

Eu já estava voltando do jantar quando ele me puxou bruscamente para fora do corredor. Uma porta bateu atrás de mim depois do puxão. Estava em uma salinha minúscula com ele de novo.

Kate percebeu tudo, mas continuou andando como se nada tivesse acontecido. Achei que ela era minha amiga. *O que esse cara quer comigo? Volta Kate. Ajude-me!*

— Capitão — digo baixinho. Meus braços estão colados junto ao meu corpo como um gesto de cão indefeso. *Já que não tenho*

rabinho para colocar no meio das pernas.

— Angie! Querida. — diz ele me puxando pro seu peito forte. Enroscando-me nos seus braços. E eu estátua. — Parabéns! — fala e me afasta novamente. Ele sorri de lado.

— Onde estamos? — não consigo evitar perguntar.

— Um lugar que eu gosto de chamar de Lugar Nenhum. — ele ri e continua. — É tipo um lugar secreto, somente autoridades conhecem, porque ele leva a outras salas secretas. — segura minhas mãos. Sensual e discreto. Quase me matando. — Pode guardar segredo?

— Claro. Para quem eu contaria, não é? — digo baixando a cabeça. Mas ele apoia e levanta meu queixo eu seu dedo indicador. Um gesto carinhoso de intimidade (*Esse cara só pode estar maluco! Ele deve estar achando que vou cair nessa e me deitar com ele. Tenho certeza de que não entrei para a Ordem por causa dele, Certeza! Não é? Não poderia ser por*

outra coisa além de mérito meu, a General mesmo me disse que levo jeito!).

— Anjo! (*Para tudo! Só meu pai me chama assim! Mas não faço nada, não me mexo! Suas mãos quentes pareciam ter me colado junto a ele. O que houve comigo? E o Hector? Afinal de contas, que droga de coração eu tenho?*). — Ele desliza a mão do queixo para a minha nuca e dá um passo para mais perto. Seu rosto cola no meu. Então ele sussurra (*eu estátua. Descobri que tenho algum tipo de imã por sussurros!*) — Fica comigo! —pede.

— Quê? — digo puxando a cabeça para trás, mas é tarde.

Seus lábios encostam-se aos meus.
Lá se vai meu primeiro beijo.
E com um desconhecido!

O beijo é demorado e parado. No começo, meus olhos ficaram abertos, mas depois se

fecharam sozinhos. Não queria. Só que não tinha volta. Aceitei. O que podia fazer? Minhas mãos suaram em 6 segundos como nunca suaram em toda minha vida. Só que não teve arrepio dessa vez. Nem aquela famosa sensação de quero mais. Foi um beijo parado de 6 segundos. Bocejante.

Quando acabou ele me soltou lentamente e deu um passo para trás novamente.

— Então? ... — ele pergunta.

— Preciso ir. Desculpa! — falei anda desnorteada.

Não sabia o que dizer e o que saiu foi isso. Não queria ser eu a desapontá-lo, odeio magoar as pessoas. Odeio mesmo, mas mesmo sendo romântico e maravilhoso, ele era velho para mim, sem contar que ele é um desconhecido. Devagar abro a porta e saio, fechando-a em seguida. Paro alguns minutos encostada à parede do lado da porta olhando para o teto. Depois caminho ziguezagueando pelos corredores.

Corro para meu quarto quando retomo a consciência, estava perdida em pensamentos. Enquanto vagava errei vários corredores e tive que voltar algumas vezes. Até chegar ao meu quarto. Entro me jogando na cama com o rosto no travesseiro.

Eu a vi andando como bêbada por corredores, eu a segui sorrateiramente, mesmo quando ela correu do nada. Quando ela passou pela porta ouvi um estalo. No começo fiquei preocupado, achando que ela poderia ter desmaiado, caído, batido a cabeça e agora estava sangrando até a morte.

Sacudi a cabeça e não pensei.

Entrei.

Aquela "coisa" estava com a cara no travesseiro, soluçando como criança.

Que droga eu estava fazendo?

Ajoelhei-me ao seu lado na cama. Passei a mão por seus cachos. Duas vezes. Até ela notar minha presença, o que não tinha feito até agora porque levou um baita susto.

— Quê... ê... que... vô... você está fazendo aqui? — gaguejou entre os soluços.

— Desculpe, eu te segui. Vi você bêbada pelo corredor — digo tentando acalmá-la. Passando a mão em seus cabelos. Ela agora estava sentada, me olhando assustada com o rosto molhado e nariz escorrendo como criança. Meu espírito protetor falou mais alto que minha sede de vingança naquele momento.

— Não estou bêbada! — rebate passando o antebraço pelo rosto inchado de chorar.

— Não, não está. Mas também não parece nada bem! — digo, o tempo todo sério e calmo.

— Me deixa! — Ela se joga de cara no travesseiro de novo. — Quero morrer, não entendo essa vida. Quero meu pai.

Acho que todos nós crescemos com um grande vazio. Um enorme vazio no peito. Eu mesmo, quando cheguei, evitava com afinco não chorar todas as noites antes de dormir, mas eu podia ouvir soluços, choros e às vezes até gritos vindos dos quartos. As crianças, jovens e até adultos sentiam falta deles! Os pais! Não do café na cama na manhã de domingo, não da história contada na cabeceira da cama, não das coisas que faziam por nós, mas sim dos próprios pais. Do sorriso, do beijo que curava joelhos ralados, do olhar fechado que sinalizava algo errado, do simples cheiro de pai e mãe. Cheiro que sinto até hoje quando pego o lenço de pescoço que ela colocou em volta de mim para me aquecer um pouco antes de me levarem para longe, para nunca mais nos vermos. Era essa

falta que a Angeline sentia. Era o afago que ela queria que nem eu, nem ninguém poderíamos dar. Um abraço, ou um beijo de mãe ou pai. Aquilo deu um nó na minha garganta. Queria soluçar com a Angie! Tudo que eu consegui dizer durante muitos minutos foi:

— Eu também quero minha mãe. — E continuei mexendo em seus cabelos até ela cair no sono. Até eu começar a soluçar em silêncio e deixar o nó descer pela garganta rasgando tudo que tinha lá dentro.

Acordei com o Hector do meu lado de barriga para cima com o rosto inchado. *Será que eu bati nele?* Escorreguei para fora da cama bem devagar, não o queria acordar. Ele dorme feito panda.

Dormir de uniforme me deixou em uma

situação difícil! O que eu vestiria para ir para a prova? Tomei um banho e vesti minhas roupas íntimas e um roupão por cima, muito bem fechado.

Estava andando de um lado para o outro quando ele acordou, espreguiçando-se e bocejando como um leão. Eu o fiquei encarando até dar conta de si.

— Que horas são? — ele pergunta esfregando os olhos.

— 5h, os relógios não despertaram ainda, só eu. Temos meia hora — digo, reparando, só agora, que ele está somente de bermuda e roupão. Fico encabulada. Tento não encarar tanto. Inevitável.

— Vamos tomar café assim? É moda agora? — brinca. Sua cara inchada, não sei se de dormir ou se de chorar. Mas não o imagino chorando. Não me lembro de o ver chorando, só de brincar com meus cachos.

— Dormi de uniforme — digo apontando para a peça jogada na cadeira, toda amassada.

— Não tem um reserva? — pergunta.

— Não lavei o reserva ainda. Eu o usei no último treinamento — tento justificar.

— Todos acharão estranho nós dois saindo do seu quarto só de roupão! — ele fala com malícia. Terminando com um sorriso grande que me faz retribuir um semelhante.

— Sem gracinhas. Não posso ir pelada para a prova! — digo desolada, sentando na beira da cama.

— Está pelada por baixo do roupão? Eita! Posso ver? — ele levanta as sobrancelhas.

— Não, não estou pelada. Preciso ver se a Kate pode me emprestar um, só que ela não pode te ver aqui!

— Mas por quê? — pergunta com malícia.

— Por que será, né?! — digo abrindo a porta e aponto para fora. — Obrigada, mas você precisa ir!

— Vou sair dizendo que você me seduziu e me estuprou! — comenta e ri, levantando em seguida.

— Vou dizer o mesmo e tenho quase certeza de que vão acreditar em mim — falo e ele fecha a cara.

— Não sabe brincar. Fica se achando! — resmunga.

— Não posso brincar não? — cutuco seu abdômen. Duro feito rocha. Sorrio. — Espera aí, como você passou de mercenário ameaçador para garoto sensual e brincalhão?

— Sensual? Humm. Gostei. — Sorri me encarando. E depois de uma longa pausa continua — Ontem eu vim aqui para te ameaçar e, caso não desse certo, enfiaria um punhal no seu coração, mas você é indefesa demais. Não merece um cara como eu no seu caminho. Se você se saiu bem é porque mereceu... — Ele se aproxima de mim e fecha a porta. Ficando tão próximo que não consigo nem respirar (além do

mais, devo estar com um bafo horrível, então evito respirar mesmo!). Suas mãos estão encostadas na porta uma de cada lado da minha cabeça. Eu no centro. Olhando para sua boca, para os seus olhos, para o nariz, quase ouvindo as batidas do seu coração.

— Você trouxe um punhal? — pergunto baixinho.

— Não.

— Então? — Quero ouvir sua resposta. Ele se aproxima mais.

— Angie, como você sabe que ama alguém? — indaga quase sussurrando. (*por favor, não sussurre, eu penso.*)

— Uma vez, meu irmão fez essa mesma pergunta para minha mãe, ele tinha três anos, ele é muito esperto, minha mãe se agachou perto dele e disse: "Você sabe que ama alguém quando você morreria para salvar essa pessoa sem pensar duas vezes!". É o que eu faria por você! — digo de forma quase inaudível.

— É o que você faria por mim? — pergunta confuso.

— Não, é o que minha mãe disse para o Kelvin — digo com vergonha. — Por quê? Você me ama, Hector? — sussurro.

— Você é uma prisão, Anjo! E eu sou como um prisioneiro!

Não rolou mais nada. Ele abriu a porta e saiu! Saiu do nada, sem beijo. Poxa vida! Sou uma prisão?

— Kate! Preciso da Kate! — Saio correndo pelo corredor e entro no quarto dela sem bater.

— Que é isso, menina? Quer me matar do coração? — pergunta, cobrindo o corpo com a toalha de banho que estava em sua mão.

— Como eu ia adivinhar que você estava se trocando? — defendo-me e me viro para lhe dar mais privacidade. — Kate, tem um uniforme extra? Aconteceu um imprevisto com o meu.

— Imprevisto, sei. Qual o problema? O Jesse rasgou o seu ontem? — ela ri alto.

Ah é, a Kate só me viu com o Jesse ontem, minutos antes de ele roubar um beijo e eu sair correndo. Ainda bem que ela não viu nada com o Hector se não ficaria me atazanando pelo resto da minha vida.

— Anda, Kate, não quero ir para a prova de roupão! — digo tentando esconder o nervosismo com um sorriso.

— Toma! — diz estendendo as peças dobradas em uma pequena pilha. — Não estão tão limpas, mas só tenho essas. As botas você ainda tem, né? Ou perdeu ontem no seu encontro? — provoca-me.

— Sabe que eu não me lembro! — falo, brincando. — Agora preciso ir me trocar. Por favor, passe no meu quarto assim que terminar aqui! — digo saindo às pressas.



Parte V

"Contradição"

Tive que tomar outro banho para conseguir acordar e desinchar meu rosto. Vesti-me e me espatifei na cama pensando na prova. Na prova e na Angie. Na Angie e na prova. Mais na Angie que na prova. Na verdade, nem pensei na prova direito.

Meu plano tinha ido por água abaixo. Persuadir a garota estranha para que ela se dê mal hoje na prova e eu consiga meu lugar como Sargento! Meu lugar, não dela! Meu! Eu conseguiria se ela não fosse tão, ah, tão, corajosa e angelical. Fica me desafiando, provocando, me deixando maluco por ela. Se os seus olhos não fossem tão meigos e sua boca carnuda e atraente, ficaria bem mais fácil. Com

meu plano destruído, não sei o que fazer.

Pi–pi–pi ...

— 6h05. Café! — digo a mim mesmo, levantando-me e indo para o Refeitório.

Encontro Philip no caminho, elétrico como se tivesse acabado de tomar café expresso. Ficou falando o caminho todo sobre a prova, mas eu estava avoado demais, com os pensamentos distantes, para colaborar com a ansiedade dele.

Foco.
Vamos.
Foco.
Nada de Angie.
Prova garoto. Prova.

Ao chegar ao refeitório, preparo minha bandeja e vou para a mesa de sempre com as

pessoas chatas e exageradas de sempre. Que riem alto e se exibem como leões em uma selva. Não conseguia tirar os olhos da estranha e muda criatura que me aprisionou. Ela também me olhava com o canto dos olhos, eu podia ver. Ria ao lado de sua amiga enquanto me observava de longe. Fingindo que nunca havia falado comigo.

O café foi bem rápido para os candidatos da 1ª Ordem, nossos relógios apitaram ás 6h50min com um aviso brilhante dizendo PROVA! Só se via jovens alterados. Alguns com ânsia e outros com dores de todos os tipos. Cabeça. Estômago. Pé. Rim. Coração. É, talvez meu coração também estivesse doendo. Não literalmente, mas bem confuso. O que não me ajuda nada na concentração para a prova. Somos convocados ao Pátio, uma grande redoma de vidro que mais parece uma estufa. Mas logo alguns soldados fardados nos encaminham para uma sala alguns andares abaixo. Uma sala como a de treinamento só que muito maior e com milhares de

tecnologias inimagináveis.

Começo a pensar que essa seja uma estratégia para me fazer ficar mal e não concluir o teste, esse joguinho de sedução, é claro que ela está me seduzindo, eu não seria tão fácil assim. O que é bem provável! Ela deve estar me manipulando como um fantoche. Isso me sobe à cabeça. Aquela onda de ira volta a me atormentar. Sinto uma vontade enorme de estrangulá-la até que ela implore pela vida. Mas uma voz retumbante me acorda de meus pensamentos dizendo para que nos separemos em duplas seguindo a ordem da Lista.

Ótimo. Vou poder estrangulá-la agora. Que coincidência.

Eu e Angeline.

Philip e Kate.

...

Quanta coincidência. Parece um joguete dos Magnas para nos motivar. Digo isso porque

Philip é fissurado na Kate. Ela nem sabe da existência dele. Um dilema na minha vida, afinal, sou eu quem escuta seus problemas e reclamações.

Fico sem reação. Vou ficar cara a cara com ele novamente. Fico observando até que ele e Philip se juntam a nós. Só que sua expressão me assusta, ele deve estar muito nervoso porque afinal, está com uma cara horripilante de maníaco. Que maníaco lindo. Espera aí, agora meu cargo de Sargento está em jogo. Esquece o gato. Que gato o quê? Ele nem é tão bonito assim!

Maluca.
Acorda.
Foco.
Feio. Ridículo. Sem graça.

Esquece.

— Humm, você se deu bem, heim?! — sigo provocando Kate com brincadeiras.

— Olha só você vai ficar com o soldadinho de chumbo! — sorri colocando o cabelo atrás da orelha. Seus olhos seguem Philip que para bem ao seu lado lhe cotovelando propositalmente.

— Oi, Katerini. — eles se entreolham. Sorriem. Kate enrubesceu.

— É Katherine Olga Pavlovisky! — Corrijo-o forçando um sotaque ridículo. Eu estava de bom humor. Ao contrário ao garoto do meu lado com a cara amarrada.

— Uau que engraçada que você é. — ironiza.

— Que foi, Hector? O café da manhã não te caiu bem? Desamarra esse bico! — brinco. Ele se afasta.

— Não me provoque. Não estou com paciência! — esbraveja.

— “Tá” O-k-a-y! — digo bem devagar, quase soletrando.

Volto a brincar com Kate e Phil. Os dois parecem bem entrosados. Então, fico meio por fora da conversa. Ora entendo, ora não. Piadas um tanto pessoais. Enquanto ouvimos as coordenadas para o início da prova que se dividirá em três etapas: dupla, grupo e solo. Precisamos ir bem em todas, ou a nossa classificação irá cair bastante. E eu posso perder meu lindo “brochinho” do exército que contém uma pequena estrelinha dourada em um octógono nas cores branco e vinho.

O Salão gigante e vazio toma vida e recria imagens idênticas a de um cânion. Minhas mãos começam a suar. Nosso objetivo é atravessar o relevo acidentado sem perdermos nosso parceiro e atirando com uma arma extravagante e pesada que na verdade não serve para nada. Ela não atira, mas se a mira atingir alguém

durante três segundos consecutivos, próximo ou sobre algum órgão vital essa pessoa está eliminada. O sinal soa. O pesadelo começa! Não é mais um treinamento!

— Angie! — grita Hector. Jogando-me no chão. Estava anestesiada, não vi a mira no meu cérebro. — Ficou maluca? Não vou deixar você me fazer cair fora daqui tão depressa.

— Estou zonza — resmungo me sentando. Ele me puxa com agilidade para trás de uma pedra.

O terreno acidentado, com um simples tombo, me deixou com um arranhão na face esquerda. Ele me salvou. Salvou sem pensar duas vezes. Mesmo que a mira não fosse me matar, aquilo fez com que eu me lembrasse da nossa conversa. Ele se arriscou por mim. Não fui cuidadosa e ele jogou seu corpo sobre o meu para me proteger.

Para continuar a prova sem danos psicológicos eu considerei a ideia de ser um jogo. Eu faria o mesmo por ele. Ambos queremos o cargo máximo. Ambos queremos a 1ª Ordem.

Ele não pensou outra vez antes de rasgar a manga de sua camiseta e colocar o pedaço de tecido sobre meu rosto, por onde uma fina linha de sangue escorria. Ele limpou com cuidado e delicadeza, não deixou que eu me levantasse até que tremedeira tivesse sessado.

— Precisamos sair daqui — insisto.

— Nós vamos. Precisamos ganhar isso! — ele sorri com um sorriso torto. — Como está se sentindo?

— Menos zonza. Acho que a minha pressão deve ter baixado por causa do susto que você me deu. — A essa hora eu segurava o tecido sozinha sobre o rosto, mas o tecido seco estava me arranhando e, como a maior parte do sangue já havia coagulado, coloquei o pano no bolso da

calça para que pudéssemos prosseguir (*imagino que Hector seja bipolar ou esteja querendo esconder o que sente de Phil e de Kate, porque há alguns minutos ele foi grosseiro comigo e agora estava sorrindo e cuidando de mim, esse cara é uma encrenca para minha sanidade*).

— Precisamos de um plano! Os outros devem estar no mínimo a uns 10 ou 15 minutos à nossa frente — diz enquanto me auxilia a prender o cabelo novamente em um coque alto na parte posterior da cabeça. O cabelo havia ficado emaranhado por causa do sangue que respingou de minha face. Então eu havia o soltado para tentar amenizar a situação, não resolveu muito, mas, eu tentei.

— Vamos precisar de um atalho... — Pausa. Olhamos ao nosso redor, ambos com uma mão protegendo os olhos da claridade incessante que nos assolava. A sensação térmica era quase como em Cat Island nos seus melhores dias de verão. Bons tempos.

— Não vejo alternativa. — vamos caminhando. — A não ser que algum de nós saiba voar!

— Não podemos atravessar por dentro porque só na descida levaríamos um bom tempo. O que podemos fazer é descer alguns metros e procurar alguma coisa para caminhar, mas, me parece muito arriscado! — sentencio.

— Dar a volta pode levar tempo demais! — diz sério, vasculhando o interior do cânion. — Vamos descer?! — pergunta já se virando e se abaixando para descer de frente para a parede.

— Já pensou na remota possibilidade de que se alguém escorregar vai despencar e virar carne moída lá em baixo?

— Temos que assumir alguns riscos. — Ele vai descendo e quando alcança algo estável estende a mão. — Vem, te seguro!

— Que ótimo, adoro perigo — digo me rendendo. Ironicamente, claro.

A caminhada é longa, e a cada passo meu coração palpita mais perto da garganta. Andamos ao longo das encostas, a uns 20 metros abaixo da borda do Cânion. Não tenho a menor noção de tempo, não faço ideia de quanto falta para chegarmos ou se vamos chegar vivos.

Escutamos ruídos ao longe, algo me diz que isso não é nada bom.

— Parece um tremor! — afirmo.

— Ótimo, é agora que vamos descer em queda livre mais algumas centenas de metros e espatifar nossa cara no chão. — ela diz. Sentir o solo estremecer a deixa muito instável emocionalmente, não sei o que fazer. O medo me faz enrijecer e me aglutino na parede. Ela faz o mesmo.

Alguns segundos depois (*mesmo que esses*

segundos pareçam uma eternidade), como vemos que aparentemente o perigo maior já passou, voltamos a caminhar paulatinamente. Parando quando precisamos descer ou subir em algumas pedras. A sensação que tenho é de que nunca iremos chegar.

Nenhum de nós estava preparado. Quem poderia imaginar? Foi um susto. Um tremor súbito que a fez cair. Meu coração parou. Comecei a ponderar sob as piores coisas que poderiam ter acontecido a ela. Seu corpo desacordado despencou por 11 metros e só parou quando colidiu em uma pedra plana. Não sei se agradeço a pedra ou se a culpo.

Quando finalmente cheguei perto, me ajoelhei ao seu lado. Olhos cheios d'água. Não achei certo a tirar dali, pois poderia ter quebrado alguma parte de seu corpo e a movimentação só pioraria. Nós já estávamos horas atrasados. Verifiquei os sinais vitais e permaneci ao seu lado sussurrando versos até que ela acordasse.

Ela tinha que acordar.

"Já olhei tantas vezes para o infinito, buscando compreender essa emoção. Meu coração lentamente me dizia, me deixe ser livre e viver essa paixão. Mas eu aqui reprimindo essa vontade, no meu peito ardia em queimação, o desejo de te ter aqui comigo, te encher de beijos e dizer o que sinto. Nada mais me fartava, além de uma vontade insana de partir sem direção. Deixei pegadas na areia, como prova de um amor, inconsciente eu deixava esse mundo, gemendo de dor!".

Estava brincando com seu cabelo quando ouvi passos. Vozes. E depois um silêncio atroador.

Porém de longe pude avistá-los. Quatro pessoas correndo como possível, claro, na nossa direção. Meu reflexo foi apontar a arma para eles, mas como reconheci duas delas e

estava combalido demais para travar qualquer luta que fosse, abaixei a arma novamente. Por segurança eu coloquei meu corpo na frente do dela.

— Hector? O que houve? — ouço Philip gritando ao longe.

— Angie! — clama Kate. Ela se apressa na frente dos demais e se aproxima do anjo ao meu lado. — O que houve? O que você fez com ela? — questiona indignada.

— Ela despencou durante o tremor. — Eu me recolho, abraçando a mim mesmo.

— Por que demoraram a sair? — ela verifica os sinais vitais de Angie umas três vezes seguidas.

— Nós fomos quase atingidos! A culpa não é minha, eu fiz o que pude para protegê-la. — me queixo.

— Calma, Kate. — Philip a retira de perto do meu anjo, puxando-a pela cintura. — Ela está em estado de choque, mas vai ficar bem! — ele

a abraça e ela se enrosca em seu peito até quase desaparecer.

— Usa o cantil. — fala a garota tatuada. Apontando para a pequena garrafa presa ao meu cinto. Miranda, sim eu me lembro dela. — Talvez a ajude a acordar mais rápido.

— Sim, sim! — digo

Retiro o cantil preso ao cinto e despejo um pouco de água na minha mão, o líquido escorre em pequenas gotículas sobre o rosto dela. Graças a Deus! Ela se senta em supetão, assustando a todos. Kate sai dos braços de Phil e corre para os de Angie.

— Está tudo bem? O que está sentindo? — diz procurando hematomas em seu corpo.

— Não sei. Mas meu quadril está latejando. E de onde vocês vieram? Onde estamos? O teste já acabou?

— Acha que consegue levantar? — pergunto

esperançoso, estendendo meus braços para abraçá-la.

— Sim. — ela se joga em meus braços, cambaleando, e lentamente se coloca de pé, com ajuda, mas consegue dar dois pequenos passos. — Meu tornozelo! — reclama.

— Deve ser só uma entorse. — O rapaz que mais parece um armário se aproxima de minha querida e olha de perto seu tornozelo. — Consegue apoiar no chão?

— Apoiar sim.

— Então vai sobreviver! Você é forte! — *Isso foi uma tentativa de flerte? Porque eu não gostei nada.*

— Precisamos continuar ou vamos chegar semana que vem! — Miranda diz impaciente.

— Eu consigo. — Eu a olho desconfiado.

— Tem certeza? Eu posso carregar você! — Digo e apoio seu braço em meu ombro para ajudá-la a caminhar.

A viagem se segue. Porém vagarosamente. Em alguns momentos ela se apoia em mim; em outros, em Kate e infelizmente ela passa de ombro em ombro. E para meu desprazer Thomas tem de pegá-la no colo duas vezes porque ela não consegue caminhar. Seu pé parece um pão. Ela teve de tirar a bota para seu pé respirar e não teve coragem de recolocar.

Angie.
Angeline.
Anjo.
Divino.

Estava perdido em meus pensamentos, uma sensação de prazer encontrou meu ser, um sopro de deleite me consumiu. Nunca havia me sentindo assim antes. Um júbilo. Uma euforia. Eu poderia beijá-la, mas com certeza pareceria um maluco. Estranho como a maluquice me parece agradável agora. Compreendo o que

minha mãe me disse tantas vezes. Ela me disse tantas coisas sobre o amor. Ela amou meu pai, eu podia ver isso em seus olhos. Um brilho irrompia deles.

Oh, Angie. Como o amor pode doer tanto e ao mesmo tempo ser nosso ar?

Engraçado, como nunca imaginei me ver apaixonado. Sinto-me tão esquisito. Tão indefeso, como se tudo aquilo que necessito pudesse ser tirado de mim, como se minha vida estivesse presa por um fio. São tantos dilemas, tantas contradições.

— Amar *é mais simples do que você imagina querido. É como se tudo estivesse predestinado e você estivesse no lugar certo e na hora certa. O amor não sufoca, ele liberta!* — foi uma das coisas que minha falecida mãe me disse. Posso sentir aquela mão quente em

meu ombro me dizendo que vai ficar tudo bem. Sempre fica tudo bem segundo ela.

Parei por um instante na beira daquele abismo. Admirando a beleza de tudo aquilo. Eu olhava para Angie e para o abismo. Para o abismo e para Angie. Senti vontade de pular. Sorte a vontade ter passado depressa.

— O amor não sufoca, ele liberta! — sussurrei para mim mesmo, abrindo os braços em rendição.

— Se você cair aí não vou poder te salvar, me desculpe. — ela me interrompeu.

— Ao menos sentiria minha falta? — pergunto me virando para encará-la.

— Eu jamais deixaria você pular! — diz e sorri.

— Pularia? Pularia comigo? — questiono sorrindo.

— Eu pulo, mas depois, antes precisamos

ganhar essa coisa, Soldado! — ela me puxa dos sonhos para a realidade. Eu a abraço tomando-a em meus braços e rodopio com ela.

— Eu que bato a cabeça e você que fica maluco! Não entendo. — ela contesta.

Coloco-a no chão. Ela se apoia em mim e anda apoiando a ponta do pé no chão. Ela mancando e eu sorrindo de orelha a orelha. Enfeitiçado.

Feitiço.
Suspiro.
Sussurro.
Persuasão.

— Não sei o que você está fazendo, mas está dando certo. — diz Philip ao se aproximar de mim.

— Fazendo? O que estou fazendo? — pergunto confuso.

— Fazendo de conta que gosta dela. Ela caiu direitinho. Mais um pouco desse joguinho e você vai ter seu broche de Sargento em breve. — só agora caio na real. — Você é bom, cara! Tem certeza que não tem habilidade persuasiva? — dispara na frente novamente. Volta a caminhar ao lado de Kate. Deixando-me confuso, verdadeiramente intrigado com a questão.

O que faço? Entrego-me a Angie e esqueço o que vim fazer ou a mato, como eu desejei desde o começo?



Parte VI

"Sobressalto"

"Sentir algo que te sufoque, algo que te preencha, que te domine. É puro, é sensível... É lindo. Deixar ser enfeitiçado, apaixonado e aperfeiçoado por uma grande paixão; é incompreensível, mas ao mesmo tempo é entusiasticamente freneticamente romanticamente perfeito! Ser humano, não é ser intelectualmente bom. É ser sentimentalmente mutável."

Como o mundo pode surpreender é engraçado. Mas como as pessoas podem te surpreender é assustador. Quem tinha sequestrado o antigo Hector e me deixado esse estranho? Seja quem for, que bom que o trouxe.

Portanto eu insisto em desacreditar que tudo isso seja verdade.

— Vocês dois são muito lerdos! — diz Miranda nos apressando.

Caminhamos há algum tempo sem chegar a lugar nenhum. Só então avistamos uma magnifica obra prima da natureza a alguns quilômetros adiante e alguns metros a baixo de nós, gelo. Gelo como cristal, refletindo o esplendoroso sol que bate em nossas costas. Julgo que o pôr do sol deva estar próximo já que os raios solares começam a dançar no horizonte (*tudo aparentemente muito real, apesar de sabermos que não passam de belos hologramas. Sinto uma enorme falta do sol que me fazia sentir viva. O sol que arrepiava minha alma com seus pequenos estalos em meu rosto*.).

O gelo forma estalactites que mergulham em direção ao solo, contrastante com as

estalagmites que fazem o caminho inverso. Bem na frente da pequena caverna de gelo a um pedestal de aproximadamente 4 metros quadrados. Acreditamos que aquele seja o ponto de chegada. Uivamos de satisfação.

— Vejam! — anima-nos Tom. Apontando como se não tivéssemos visto antes.

— Finalmente! — grita Miranda. Disparando na nossa frente.

Kate e Phil os seguem, somente eu e Hector que caminhamos com menor velocidade, porém, sem perder o ritmo deles. Não tenho absoluta certeza, mas tenho convicção de ter ouvido nossos gritos de júbilo ser ressoados de forma fantasmagórica, entretanto, a ansiedade para que tudo acabe é tanta que ignoro meu sexto sentido.

Tom impavidamente seguro, fica deslocado por segundos e agarra-se ao pulso de Miranda quando escutamos um ribombar vindo do solo

abaixo de nós.

Pavor.
Pânico.
Incerteza.
Indubitabilidade.

Eu já havia pressentido tudo aquilo, nada foi surpreendente. O solo rangendo e ruindo. Tudo virando pó. A queda livre por milhares de metros. A certeza de morte instantânea. Tirando a morte o resto aconteceu orquestradamente.

Devo ter permanecido imóvel até sentir que nenhum osso foi quebrado. Levantei-me com dificuldade, sentindo o tornozelo ainda mais inchado e dolorido. Chamei algumas vezes o nome de Hector e Kate, ficando evidente minha solidão. O lugar era como a caverna que havíamos avistado ao longe. Gelo e mais gelo. Cristais congelados, sem vida, um frio empalidecendo todo meu corpo. Encolho-me

naturalmente para atrasar a perda de calor que a cada segundo se tornava mais notória. Meu queixo bate instintivamente. Sem ter o que fazer caminho na direção do coração da caverna.

"Não costumo ter sentimentos que me tornem audaz ou intrépida, porém, o medo de que esse caminho nunca tenha fim me prova que tenho mais coragem do que costumava acreditar que tinha."

Ficar remoendo a ideia de que sou a última sobrevivente e que em breve, certamente morrerei de hipotermia, só me deixa exaurida mais rapidamente. O ar fica cada vez mais escasso e úmido, tornando a respirar uma atividade muito dolorosa. A luz vai ficando mais intensa a cada passo. Começo a pensar que talvez eu já tenha morrido e estou alçando a famosa luz no fim do túnel. Anestesiada pelo frio e pelos pensamentos melancólicos de

depressão que a solidão me traz acabo adormecida sobre uma rocha.

"Pesadelos atormentam meu subconsciente a me tornar uma pessoa frívola e inócua".

Ao acordar tenho a sensação de que estou sendo observada e como não tenho nenhuma arma que mate de verdade, posiciono minha única possibilidade de sobrevivência a frente de meu tronco com a mira apontada para onde meu sentido aponta. Uma expressão de pânico toma a de coragem anteriormente presa a meu rosto.

Solidão.
Medo.
Drama.
Sobreviver.

Comecei a entender como a Guerra funciona: acuando os seres indefesos, tornando-os presas

fáceis. Comecei a entender como brincar com a mente de alguém o torna vulnerável e propício a um suicídio. Quando estamos atormentados não pensamos com clareza, tudo fica desfigurado e vai se metamorfoseando até que o mais belo ser se mostre um assassino impetuoso. Como os homens são vorazes, não basta apenas ter o corpo de alguém sob domínio, você precisa da mente, dos sentimentos e da alma daquela pessoa. Somos todos, seres ignorantemente, estupidamente, parvamente, imbecilmente TOLOS.

Acho que ponderar sobre a minha própria espécie me retirou do mundo de origem e me levou até um mundo onde somente seres estranhos ponderam.

Os ruídos misteriosos têm fim quando vejo uma calda bastante evidente e comum balançando transcendentemente de um lado a outro tentando esconder o resto do corpo. O ser

indefeso se recolhe atrás de alguns pedaços de gelo caídos. Seu olhar percorre de meus dedos do pé até um pouco acima de minhas sobrancelhas. Abaixo a arma sem prestar atenção ao perigo (*afinal estamos em um teste, qualquer ser enigmático pode apresentar perigo*). Abaixo-me e vou me aproximando com cautela até estar diante da criatura comumente conhecida como Raposa.

Ela também se aproxima pesquisando-me com afinco, farejando algo em minha roupa. Menino ou menina? E que diabos isto estaria fazendo aqui? Vai me matar na certa.

— Psiu! — digo baixinho, estendo a minha mão tentando acariciá-la. Ou acariciá-lo.

— Oi! — A coisa diz me fazendo correr de costas e colar na parede com o coração pulsando no pescoço. — Sou Ípics. — Ela se senta abanando o rabo peludo. Encarando-me. Estudando-me.

— AAAAAAAAAAAAAAA! — bato freneticamente contra a parede desejando que ela desapareça e eu possa correr sem olhar para trás.

— É assustador, eu sei. Mas sou seu Guardião. Todos vocês têm um — Diz se deitando para apreciar meu momento de loucura.

— Não vai me matar? Vai só me deixar maluca? — digo escorregando até sentar-me de costas para a parede, observando a criatura que me fita.

— Quero te ajudar a sair daqui — diz levantando-se e erguendo o rabo, saindo e me deixando abismada com a situação intrigante de segui-la.

As raposas são seres extremamente inteligentes. Furtivas e Sagazes, com habilidades extraordinárias. Além de uma beleza estonteante.

Raposa.

Confusão.

Medo.

Raposa.

Morte.

Eu não tinha medo de que ela se transformasse em uma raposa amedrontadora e me esmagasse ali mesmo. Eu tinha medo de estar ficando louca. Temia mais do que tudo morrer ali sozinha.

Solidão é como nostalgia. Melhor, nostalgia é solidão. E por aí vai, toda a melancolia que precede um suicídio. Não um verídico suicídio, mas daqueles em que sua alma entra em transe e você perde o controle da situação. Só restam pensamentos longínquos e nada a que se segurar.

Todos temos medos, pânicos e fobias de alguma coisa. Algumas pessoas têm medo de aranhas, outros de altura. Eu, particularmente, tenho medo de perder mais uma vez quem eu amo.

— Hector! Hector! — Escuto um vento soprando meu nome ao longe. Enterro minhas mãos em meu rosto tentando voltar ao normal.

— Devo estar pirando de novo — falo para mim mesmo, um sinal bem visível de que eu realmente estou enlouquecendo.

Paro para beber um bocado de água de meu cantil, agacho-me, pois estou sufocado com esse lugar fechado e sem fim. É quando vejo a sombra de um pássaro passar por trás de mim. Ele pousa sobre uma estalagmite delicadamente desenhada e me observa. Paro de respirar, e viro-me para encará-lo bem lentamente temendo que o pior acontecesse.

Aves que nasceram da mitologia grega. Com penas brilhantes douradas e vermelho-arroxeadas podendo se transformar em um pássaro de fogo. O símbolo da imortalidade, força e poder. O único pássaro com propriedades curativas, podendo, com uma lágrima, sanar qualquer doença ou ferida. A ave que após séculos de vida falece, mas quando menos se imagina, ela entra em combustão, e tempos depois renasce! Essa era a ave para a qual eu olhava naquele instante.

Estava hipnotizado. Sua penugem era transcendental. Estava afugentado por sua magnitude. Tons de azul púrpura teciam do fogo que emanava dela. Mas fui interrompido da maneira mais estranha que eu poderia pensar.

— Sou Egeu. — A voz sai do bico do pássaro, mas me recuso a acreditar. A voz soa forte e imponente, como eu esperava que fosse.

— Sou Hector. — digo, entrando no que eu espero ser só um sonho. Faço uma espécie de cumprimento cordial. A ave repete o gesto.

Sem nem mais nem menos a ave alça um voo entre as paredes geladas da caverna, hipnotizado eu a sigo.

Recordo-me de um trecho que li há muito tempo:

Transcendente como a jovem que com sua dança encandece os olhos. Perambulante, lança-se nos braços de seu amado. Como a chama que consome os amantes, meus olhos se enchem d'água. A jovem que saltita exuberante, exibindo as plumas que colorem os céus. Sua voz me chama de volta do mundo dos sonhos onde me encontro com ela, sua beleza me torna culpado, me prende e eternamente serei teu refém.

Quando caio em mim, deparo-me com as imagens ao meu redor caindo em direção ao chão como mágica... encontro-me na Sala de Treinamento novamente. A sala cinzenta. Algumas pessoas pálidas e sendo atendidas por outras pessoas vestidas de branco. Algumas estavam simplesmente em choque, outras ainda estavam estranhamente felizes. Eu? Estava só confuso. O que quer que seja que havia acontecido, tinha perturbado todos nós.

Eu sinceramente nunca aguardei tão ansiosamente o dia amanhecer. Não sei quanto tempo passei naquela caverna com aquela raposa me olhando com o canto dos olhos, tudo que sei é que para mim parecia uma eternidade.

Quando finalmente acordei estava nos braços de Miranda que mantinha um olhar distante e inquieto. Logo pude perceber Hector e Phil se

aproximando.

— O que aconteceu? — pergunto tentando me recompor (eu estava deitada no chão em uma posição desconfortavelmente encolhida).

— Acabou! Finalmente acabou. — Miranda diz quase sem voz.

— Você está bem, Angie? — indaga enquanto se agacha na minha frente colocando as mãos em meu rosto com compaixão.

— Sim, Hector, e você como se saiu? — pergunto e coloco o rosto de lado proporcionando a ele uma chance de beijar o meu rosto, mas ele não o faz, somente retira as mãos de meu rosto e ajeita meus cabelos desvencilhados (ou pelo menos tenta ajeitar, fica difícil com ele embaraçado e grudento assim).

Ele e Phil me ajudam a levantar, meu tornozelo continua uma verdadeira droga. Hector resolve me carregar até uma maca.

Muitas ficaram espalhadas e muitos de nós estávamos esparramados sobre elas, com torções, cortes, ou dores dos mais variados tipos.

Aquela visão realmente me deixou atormentada, pessoas gemendo ou chorando, outras esmurrando a parede e espumando de raiva. Os Magnas conseguiram aflorar nossos piores medos, e, para piorar, eu tinha a certeza de que aquilo era só o começo.

O mais engraçado é pensar que: se eram só hologramas, por que estávamos tão machucados?



Parte VII

"Convocados"

Quando tudo aquilo finalmente passou e eu já conseguia dormir sem sonhar com a maldita raposa, todos os jovens que passaram pelo teste foram convocados para uma apresentação formal, um jantar dançante, onde a verdadeira Lista seria proclamada (*uffa*). Essa seria uma bobagem em todos os sentidos, levando em consideração que os garotos deveriam convidar um par. Espero que haja um homem para cada mulher e vice-versa, assim, finalmente descobriremos se esse tal de Krista é homem ou mulher.

Kate esteve na Sala Branca desde que os testes aconteceram, ela entrou em um estado de choque muito grande e os médicos resolveram mantê-la sedada durante alguns dias. Porém, eu

recebi a informação de que ela seria dispensada para o Baile. Fui diretamente buscá-la para que fossemos caçar pares para a cerimônia da 1ª Ordem.

— Como você se sente? — pergunto assim que chego à porta do quarto branco onde ela se encontra.

— Me sinto uma psicopata — diz enquanto troca a camisola pelo uniforme comum.

— Contanto que não me mate e nem mate o seu par... — Tento quebrar o gelo.

— Já encontrou um par para mim, Angie? — ela pega seu relógio atando-o ao pulso e nos encaminhamos para o elevador.

— Não, ainda não. Eu esperava que você me ajudasse com isso, sabe que não sei conversar com garotos, então eu teria que espancar um para que ele aceitasse ir comigo a essa festa idiota — digo deixando-a surpresa, ambas rimos.

— Tudo bem, talvez eu também espanque um. — Sorrimos uma para a outra e continuamos caminhando até meu quarto em silêncio.

A festa pedia traje a rigor, quando fiquei sabendo, imaginei que o traje mais social que eu teria seria, no máximo, uma camisa branca com a calça preta do uniforme. Eu nunca me preocupei com vestidos, nunca fui às "sociais" daqui (*as sociais aconteciam em quartos; sigilosamente, convites eram entregues às pessoas mais badaladas desse lugar e, logo um quarto cheio de gente virava uma festinha, sem luxos, sem nada... pessoas, roupas bonitas, alguma bebida e uma música baixa... Para conseguirmos essas roupas precisávamos ter uma pontuação muito alta ou um sobrenome muito importante. É, o mundo acabou, ressurgiu e continuamos com a desigualdade social, isso não tem fim*! *Enfim, nunca troquei minha pontuação por roupas e não ter nenhum*

vestido elegante para essa ocasião nunca me incomodou, até agora.).

Kate foi para meu quarto, ela precisava ficar sob vigilância, nesse caso, a minha. Ela não tinha muitos amigos apesar de ser extrovertida. Eu a ajudei a tomar banho, foi aí que eu comecei a notar os hematomas quase negros em seu corpo, eu até perguntei o que havia acontecido, mas ela conseguiu rodear o assunto e escapou de uma explicação com êxito, eu prometi a mim mesma descobrir o que a incomodou tanto naquele lugar e ajudar ela a superar (*eu finalmente tinha uma amiga e não gostava nada de vê-la daquele jeito, pois não queria que ela pirasse de vez.*).

Às 18h31 caixas foram deixadas na cama do meu quarto, eu tinha acabado de sair do banheiro. Tomei banho enquanto ela penteava o cabelo com dificuldade em frente ao espelho da pia. Duas caixas, uma baixa e larga outra do tamanho exato de antigas caixas de sapatos

etiquetadas com os nomes Srta. Pavlovisky e Srta. Von Strauss. Ficamos paradas em frente às caixas com nossos nomes, pasmas, amedrontadas e ao mesmo tempo curiosas. Estávamos com a toalha enrolada no corpo e cabelos ainda úmidos, os meus particularmente embaraçados, os de Kate escorridos e penteados.

— Abre você primeiro. — disse, olhando-me.

— Abrimos juntas? — desafio-a.

— No três! Um... Dois... Três...

As caixas de sapato continham mesmo sapatos, lindos sapatos de salto (*espera aí, salto! Salto? Salto! Nunca andei nem de sandália muito menos sapatos de salto! Estou completamente perdida!*). As caixas largas continham um vestido e um conjunto de joias (*vestido? Vestido! Com fenda! Vestido! Não uso*

um desde os cinco anos, como vou saber me portar com um vestido? Agora sim estou perdida!).

— Ótimo, temos tudo menos um par! — reclama sentando na cama emburrada enquanto vislumbra o seu vestido.

— Você pode ser meu par! — nós nos entreolhamos e rimos um bocado.

— Está esperando o quê? Coloca logo, quero ver como você fica com ele! — exclama enquanto eu estava com o vestido estendido na frente do corpo, tentando imaginar a ridícula cena de uma garota como em um vestido e sapatos com salto.

Vestimo-nos, calçamos os sapatos, treinamos andar o menos estranho possível, colorimos nossas bocas com batons e a especialista em coisas de menina, Kate, secou, penteou e esculpiu nossos cabelos. Ela tinha alguns artigos

de maquiagem, logo eu estava maquiada e parecida com “alguém de verdade”. E eu nem preciso falar dela, não é? Kate manteve os seus cabelos soltos e com os cachos naturais, seus cílios estavam volumosos e sua pálpebra brilhava em furta-cor, os seus lábios também brilhavam devido o gloss que ela usava. Seu vestido era completamente vermelho, longo e acetinado, decotado e justo até o joelho, soltando do corpo abaixo disso. Admito que minha amiga ficou mesmo deslumbrante.

Já eu, um vestido básico, preto, com uma fenda que seguia o desenho da minha perna direita até acima do meu joelho. Discreto e elegante. Kate achou que meu cabelo ficaria bem melhor preso, com alguns fios soltos, despojado e ao mesmo tempo fino. Um batom claro e nada de sombra. Um rosto angelical em um vestido mortífero. Ajeitávamos os detalhes das joias quando...

Toctoctoc...

— Quem é? — grito.

O silêncio me responde "ninguém", enquanto duas cartas deslizam por baixo da porta.

Eu as apanho e entrego a endereçada à Kate para a própria. Lemos ao mesmo tempo:

"Perdoe-me a falta de jeito para convidar-lhe pessoalmente... se você ainda não tiver um par, bem, eu adoraria ser o seu. Às 21h na porta da Sala Magna." *Mr. Gaviior.*

Não sei o que exatamente estava escrito na de Kate, mas após a leitura ela festejou gritando que tinha um par, eu supus que fosse o Philip.

— Que horas são? Está na hora? Como estou? — perguntou, começando a andar de um lado para outro, como se tivesse usado salto à

vida toda.

— Faltam precisamente 8 minutos. O convite foi muito em cima da hora, estou pensando em ir com meu par antigo mesmo. O que acha? — caçoo, porque ela está tão nervosa e ansiosa que tenho medo de que ela vire psicopata novamente e me mate aqui e agora.

— Vamos indo, Angie, por favor! — implora e me olha com aquele olhar pidão de cachorro faminto.

— Ok, nós vamos porque até eu chegar lá com esse sapato serão oito minutos passados. — Saímos e eu bato a porta do quarto.

Elevador.
Subindo.
Medo.
Ansiedade.
Mr. Gaviior.

»»»»»»»»»

Depois de escrever e enviar as cartas, eu e Phil nos dirigimos para o saguão em frente ao elevador no andar da Sala Magna onde aconteceria o Baile.

Vinte e uma horas pontualmente.
Coração na boca.
Ansiedade.
Paixão.

Quando finalmente o elevador se abre e de dentro dele sai a mais bela mulher de todos os tempos (*depois da minha linda mãe, claro*) junto com sua amiga (*nada feia*). Eu fico tão hipnotizado quanto Philip, da mesma forma com que fiquei com a ave de fogo, tanto quanto um noivo ao ver sua noiva se aproximando do altar. Phil e eu ficamos estáticos, boquiabertos e praticamente babando. O tempo era só uma questão sem importância, afinal, eu já não sentia

meus pés tocarem o chão mesmo.

Ela se aproximou e me cumprimentou com um beijo na face, então, eu a fiz dar uma volta para observar toda sua magnífica beleza. Aqueles olhos verdes penetravam minha alma, eu estava viciado neles. E o sorriso? Não era fácil de conseguir um dela, mas volta e meia eu ganhava um sorriso. E que sorriso!

Adentramos a Sala e cumprimentamos todos os conhecidos e todos os superiores. Eu estava suando frio, sentindo a mão de Angie apoiada em meu antebraço. Eu sentia uma vontade de lhe tascar um beijo na frente de todos, porém, tentei ocupar minha mente com outras coisas para não cometer esse suicídio.

— Você viu? O Tomas se deu bem, está com duas acompanhantes. — Phil se aproximou e cochichou.

— Você também se deu bem. — digo erguendo uma sobrancelha.

No palco, a Cerimônia tinha início. Primeiro os antigos membros da 1ª Ordem seriam apresentados (*ou aqueles que sobraram... Depois de tantas missões nitidamente suicidas, não sobraram muitos membros*). Cinco homens e somente uma mulher. Era assustador, contudo, a ansiedade de ouvir meu nome ser convocado para a primeira ordem acabava com qualquer outra preocupação.

Um homem subiu ao palco e após apresentar os sobreviventes e a Sub-Capitã deles ter dito algumas palavras também (*depois que o capitão de verdade morreu na Sala Branca, dizem que ele ficou maluco, acho que todos aqui somos um pouco assim*), todos fomos convidados para o banquete e para ocuparmos o centro da sala para as danças. Tudo para que ficássemos evidentemente à vontade e a ansiedade piorasse a cada segundo. Um joguete. Mais um joguete desses Magnas.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto a Angie.

— Por quê? Por que todos os garotos sempre fazem essa pergunta? Por que não começam nos convidando para dançar? — disse me encarando.

— Não danço tão bem quanto gostaria — justifico.

— Uma pena — ela diz me puxando para o centro. — Mas não me importo. — Para de frente e coloca os braços sobre meus ombros.

Uma música relativamente lenta. Ela puxa os passos. Um para cada lado. Encara-me e esconde o sorriso. Quando a música chega ao refrão ela começa a dublar e eu me empolgo. Então começo a dançar de verdade, tirando-a do chão e a fazendo rodopiar. Algumas vezes ela segura a barra do vestido, outras deixa voar junto com a música, junto com a dança,

flutuando conosco. A música parecia bem demorada, mas acho que durou o tempo suficiente e quando ela parou, eu me aproximei do rosto dela... não conseguia pensar em outra coisa, o mundo havia parado de rodar, eu a beijaria se não fosse Phil interromper.

— Bebidas? — Ele estende um copo com um sorriso de deboche.

»»»»»»»»»»

Phil era cara de pau, mas às vezes ele conseguia ser muito pior que isso. Quando ele nos interrompeu pensei que Hector fosse bater nele, ou até eu faria, mas acho que causar anarquia só pioraria tudo.

— Eu aceito. — Tomei o conteúdo do copo, mas antes brindei com Hector, que pegou um copo que Kate trazia.

Foi então que as honras começaram e a nomeação seria logo em seguida. Apenas quinze de nós poderiam seguir para a 1ª Ordem. Quando a General Husher pegou o microfone, eu apertei a mão do Hector e de Kate. Um silêncio se fez por todo o salão, dava para ouvir os corações batendo descompassados dentro de cada soldado. Mas o meu, o meu parecia querer sair pela boca. Acho que o machuquei apertando a sua mão, pois ele a segurou com firmeza e a beijou, pondo-a, logo depois, sobre seu antebraço, o que não foi muito inteligente porque logo eu estava apertando o antebraço também... e tudo se devia à minha insegurança.

— Sei que estão muito ansiosos, então, vou direto ao ponto! — disse a general.

Outro soldado de farda branca lhe entregou um envelope, que ela prontamente abriu e, após uma pausa (*que sempre parece uma eternidade*

nesses casos), começou as honras:

— **Soldado Gaviior!** — De repente, o silêncio ruiu e só consegui abraçá-lo antes dele subir ao palco, sua expressão era de espanto e de orgulho próprio. Eu estava com medo por mim, mas estava muito feliz por ele.

Colocaram-lhe um broche, diferente do meu, era algo semelhante a um brasão. Eu esperava que não fosse o de capitão, só que a essa altura eu já nem estava mais tão fissurada com isso.

— **Soldado Clarkson!** — Novamente se ouviru todos os tipos de gritos e uivos. Só que dessa vez, eu fiquei muito mal, era como se alguém tivesse me apunhalado pelas costas. As minhas notas eram boas e eu estava em primeiro no ranking não era possível descer tanto assim para que o maldito ficasse na minha frente. Comecei a sentir como se algo no meu estômago

reclamasse e pedisse socorro. Contorci-me de dor. Ninguém viu.

— **Soldado Strauss!** — Eu estava ouvindo sininhos e vendo estrelas quando Kate bateu no meu braço e me abraçou. Quando me soltou, eu cambaleei até as escadas laterais do palco, subi me segurando naqueles sapatos nada confortáveis. Hector, que estava descendo as escadas, voltou e me conduziu até a General, que colocou o broque em meu vestido, ao lado do meu coração. As coisas aconteciam rápido, mas eu estava parada, as pessoas me olhavam, aplaudiam e gritavam, eu estava perdida, com os pensamentos em turbilhão, as vozes ficaram indistinguíveis e a minha visão parecia escurecer. Eu nunca tinha desmaiado antes, mas acho que é uma sensação parecida com essa que sentimos um pouco antes de despencarmos sobre o piso. Eu acho.

Creio que Husher percebeu que eu não estava

em boas condições, pois ela olhou para Hector, que logo captou a mensagem e me buscou no palco. Ela cochichou algo no ouvido dele e, então, meu príncipe adquiriu uma expressão diferente e me carregou para a coxia. Hector conseguiu disfarçar bem, pois a cerimônia continuou lá fora, porém, Kate, que não poderia ser diferente, percebeu e foi direto para lá, seguida de Phil, que não parava de alisar o brasão do terno, ele sorria com deboche. Foi aí que liguei as coisas. Eu havia sido colocada no chão e Kate me abanava enquanto Hector checava minha pulsação. Eu me levantei bruscamente agarrei o colarinho do infeliz.

— O que tinha na bebida? — Eu tentava gritar, mas minha voz parecia não sair tão enraivecida, eu parecia uma pessoa drogada ou bêbada.

— Não tinha nada. — mas ele sorria demais.

— O que você fez, Phillip? — Hector parecia entender o que Phil queria dizer com

tantos sorrisinhos.

— Não era para fazer efeito tão rápido! Desculpe, era para que você pudesse aproveitar a noite, Hector, era um presente. — Os risinhos se dissiparam.

— Não, você não fez isso, só pode estar brincando! — disse revoltado, tirando-me do colarinho do Phil e então, ele mesmo segurou-o pelo pescoço. Eu estava "bêbada" e em choque.

— Você drogou a Angeline? — Kate parecia estar evidentemente por fora de tudo, acho que ela nunca captava rápido as coisas.

— Era um presente para você! — tentava se justificar. — Para você, Hector. Assim poderia dormir com ela e ela nem saberia.

Uma força sei lá de onde tomou conta do meu corpo, puxei um soldado da frente e apertei o pescoço de Phillip com tanta força que vi as veias de seu rosto dilatarem. Somente quando senti que ele iria desmaiar foi que eu o soltei,

ele caiu sentado e puxava o ar com força para se recuperar. Eu? Desmaiei.

Escuridão.

Solidão.

Força.

Sobrenatural.

Gênese.

Transmutação.

»»»»»»»»»

Eu a peguei no colo o mais depressa que pude. Lancei um olhar de desprezo para Phil e corri, seguido de Kate, para a Sala Branca.

Não tive tempo de olhar para trás. Não vi como as pessoas reagiram a tudo isso. Logo verei rostos conhecidos por aqui. Quando cheguei à sala, ela estava vazia, Kate foi buscar um médico enquanto eu colocava Angie na maca. Não demorou muito.

— O que houve? — perguntou o médico.

— Ela caiu. Um outro soldado a drogou. — tentei informar o máximo de detalhes.

Ele a examinou. Parecia morta. O que me fez querer matar Phillip.

— Qual tipo de droga acha que ele usou? Preciso saber para poder medicá-la. — Ele checava o pulso e Angie parecia distante, como se em segundos ela pudesse não estar mais aqui.

— Não sei, mas eu volto com a resposta! — Foi aí que eu saí à procura do infeliz.

Corri, não sabia muito bem para que lado eu deveria ir, deixei minha raiva me guiar. Ele estava na Porta da Sala Magna, com as mãos sob o pescoço ainda se recuperando. Quando me viu ele chocou as costas com a parede. Sorte que ele não tinha saída.

— Que droga você deu para ela? Diz logo ou mato você agora mesmo! — ordenei, colocando-o com mais força contra a parede. Minha mão se fechava em punho, pronta para quebrar a cara dele.

— Usei "Vis", tá, okay? Usei "Vis"! — ele explodiu em raiva e começou a se debater para se soltar.

— Você é um canalha! — eu gritei.

— E você é um fraco, nunca vai ser Sargento nem nada. Até aquela garota estúpida é Cabo e você não. Acha mesmo que ela cederia algo para você se sobressair? — ele se soltou e começou com aquele monólogo, eu estava perdendo Angie e aquele imbecil só pensava na "coroa", só pensava nesse maldito cargo. — Você realmente gosta dela, não é? Não estava fingindo. Você é muito mais idiota do que eu pensei! Ela só está te usando, é uma vadia...

Precisei reunir todas as forças para dar o

soco que ele merecia. Se ele tiver sorte, quebrou só o nariz. Deixei-o jogado ali no chão, logo o carpete estaria lavado de sangue. Corri de volta para Angie. Entrei na sala, que já estava lotada de médicos, curiosos e soldados afastando curiosos.

— Ele usou "Vis"! — disse ao médico discretamente. — Como ela está? — direcionei a pergunta a Kate, que estava segurando a mão de uma Angie desacordada.

— Em choque. — Ela parecia muito abalada.

Fui para o lado de Kate, que me cedeu o lugar dela. Eu beijava a mão do meu anjo, que começava mais fria a ficar a cada segundo. Somente quando começou a ser medicada através do soro que as coisas pareceram melhorar. Não saí dali, nem me mexi para ser sincero. O médico pediu para que fôssemos embora. Kate foi. Eu me recusei, e depois que

ele ficou sabendo que eu que quebrei o nariz do garoto do quarto ao lado, ele aceitou que eu ficasse sem questionar nada. Apenas pediu para cuidar dela.

— Você vai ficar bem! — sussurrei em seu ouvido assim que todos haviam saído do quarto.

"Não é a plena existência que nos torna memoráveis, mas, a ânsia por nos tornarmos inesquecíveis. Todos possuímos as mesmas chances, mesmas oportunidades e só cabe a nós as utilizarmos da melhor maneira.

Faça, mas pense. Aja, mas com cautela. Seja você mesmo. Corra sem olhar para trás. Viva como se não houvesse um amanhã, pois quando morrer, as pessoas guardarão a sua essência para sempre, invejarão a sua coragem e se espelharão na sua audácia."

Eu me juntei à Angie na cama da Sala

Branca, deitei ao seu lado e a abracei, tinha muito medo de perdê-la. Meu maior medo.

Morte.

Razão.

Coração.

Medo.

Solidão.

PiPiPi...



Parte VIII

"Instinto?"

Acordei com o relógio do Hector. O que foram dois sustos em um só. Ver a "criança" agarrada ao meu corpo como se eu fosse um doce e acordar na Sala Branca sem noção de tempo, pois estava com uma dor de cabeça horripilante. Ia me levantando da cama quando me lembrei do ocorrido, afinal, meu tornozelo latejava incessantemente, o que me deixou atordoada pelos momentos seguintes.

Afastei a braço dele, que estava sobre meu corpo, ele devia de estar bem cansado, pois sua respiração era profunda como um ronco. Retirei as agulhas presas ao meu braço e fui até o banheiro, escorando-me como conseguia. Parei em frente à pia, encarei o espelho com medo de ver um monstro, era só um rosto com olheiras

profundas, sorte a minha! Joguei um pouco de água no rosto para ter certeza de que não era um sonho. Um sonho ruim. Kate me surpreendeu ao entrar no banheiro.

— O que está fazendo aqui? — perguntou. Ela estava na porta com uma cara de mãe desapontada.

— Estou no banheiro — justifiquei.

— Estou vendo, mas fazendo o quê? Como veio sozinha? — questionou, olhando para a maca. Em seguida, voltou a me encarar com aquele olhar de frustração.

— Não quis acordar o Hector. Estou me sentindo melhor, então, pare de me tratar como criança! — aleguei.

— Você não foi dispensada! — ela parecia amedrontada. — Volte para a cama!

— Não! — rebati e retornei mancando para onde Hector dormia feito um urso. Coloquei o paletó dele em meus ombros para cobrir um pouco o que a camisola de hospital deixava à

mostra.

Acho que a minha discussão com Kate foi suficiente para acordá-lo, pois Hector se espreguiçou quando eu estava pronta para ir para o meu verdadeiro quarto tomar um banho e me apresentar para as tarefas da Ordem.

— Por que está de pé? — ele perguntou ainda abrindo os olhos.

— Tenho mais o que fazer do que ficar nessa sala sendo tratada como criança. — Eu já estava ficando alterada.

— Que você era teimosa eu sabia, mas burra eu não tinha certeza... até hoje. — Ele foi levantando e fechando a camisa, que estava um trapo de tão amassada.

— O médico deve aparecer logo, apertei a campainha assim que não vi você na cama. — Kate parecia não querer que eu saísse dessa maldita sala com cheiro de formol.

— Eu já falei com os médicos. Ela vai ficar novinha em folha em três dias. Aplicaram algumas coisas na perna dela. Disseram que a droga já saiu da corrente sanguínea.

— Eu disse! — rebati, abrindo a porta do quarto, só que Hector foi mais rápido e me pegou no colo.

— Eu levo você. Aonde quer ir, teimosa? — ele tinha uma expressão entre alegria e preocupação.

— Meu quarto, por favor. — eu realmente gostaria de ir andando, nunca gostei de depender de nada nem ninguém, só que as agulhadas fizeram meu tornozelo doer mais que a própria torção em si.

Quando chegamos ao corredor que dava para o elevador, vimos Phil apoiado em muletas e com um curativo demasiadamente grande em seu rosto, estava com mais hematomas do que eu me lembrava de ter deixado nele. Nós o encaramos

por alguns segundos e depois Hector continuou a me carregar para o quarto.

Quando chegamos, ele garantiu que eu ficaria bem e se preparou para ir para o próprio quarto onde faria o mesmo que eu: tomar um bom banho.

— Seu paletó — disse estendendo para que ele o pegasse antes de sair.

— Você é louca, já te disseram isso antes? — caçoou.

— Não diretamente. — sorri e fechei a porta.

Tirei a camisola cor de abacate com um emblema de *Initium (camisolas de hospitais nunca são bonitas, nem ao menos confortáveis, tratei de tirar logo aquele pedaço de pano ridículo*) e fui para o banheiro somente com as roupas íntimas.

Após um merecido banho coloquei o que sobrou no meu guarda-roupa: (*eu precisava lavar meus uniformes com urgência, mas nunca*

tive o dom da limpeza ou organização), uma regata branca e uma calça justa preta. Calcei os coturnos de sempre (*que certamente precisavam ser limpos também*) e, após inúmeras tentativas de pentear o cabelo, resolvi prendê-lo em um coque para evitar transtornos na minha autoestima.

O relógio havia ficado na Sala Branca então, eu nem sabia para onde ir, fui para os lugares que imaginei em que poderiam estar acontecendo reuniões ou treinamentos da Ordem. A dor de cabeça não ajudou muito e os corredores pareciam labirintos, foi aí que me deparei com Jesse saindo de uma sala e vindo em minha direção com aquele sorriso largo que combina muito bem com o cabelo de Deus grego.

Foco.

Hector.

Hipnotismo.

Jesse.

Platonismo.

— Perdida de novo? — ele empacou na minha frente.

— Perdi meu relógio — disse tentando mascarar o nervosismo (*nosso último encontro não terminou muito bem, não sabia como agir*).

— Aonde quer ir?

— Para onde estão os convocados da 1ª Ordem. — Não conseguia tirar os olhos do seu peitoral desenhado.

— Estão em uma sala do Aeroporto, você está do lado oposto! — ele diz, guiando-me para o elevador.

— Aeroporto? — perguntei surpresa.

— Sim, nós conseguimos! — respondeu. Entramos e ele apertou vários botões como se o elevador fosse uma máquina de café.

Pensei que levaria horas para chegar ao 1º

andar do Bunker, mas logo o elevador parou e as portas se abriram e eu dei de cara com gigantescos aviões dos mais variados tipos e formatos. Jesse continuou a me conduzir até uma sala no canto esquerdo superior do "Aeroporto".

— Aqui... Entre. — ele disse apontando para a porta.

— Obrigada. — foi tudo o que disse. (*eu nunca fui um poço de certeza nem sabia o que eu queria da minha vida direito então, fazer coisas das quais eu me arrependia em seguida eram quase um costume meu*). Como agradecimento beijei o canto de sua boca.

— Não se preocupe. — disse colocando a mão na minha cintura. Ele se aproximou e sussurrou em meu ouvido (*como se eu pudesse não me render a sussurros*). — Está linda hoje! — falou e saiu sorrindo.

Foi desconcertante, porém eu me recompus e entrei na sala. Uma sala de aula (*mas que coisa, nunca me livro de estudar, esse martírio nunca termina*). Entrei e me sentei, evitando fazer mais do que o barulho necessário. Assim que me sentei, chequei a sala para ver se Kate, Hector, Tomas ou Miranda estavam por ali. Meu campo de visão estava limitado por uma coluna idiota na minha esquerda e só consegui ver o Tomas cochichando com uma garota ruiva.

A última vez que vi Kate eu a deixei falando sozinha no "hospital", Hector me deixou no meu quarto e desapareceu. E Miranda? Nem me lembro mais quando foi a última vez em que a vi. Eu nem sabia quem havia passado para a Ordem, as lembranças do Baile estavam em uma parte do meu cérebro difícil de alcançar.

Um homem de cabeça raspada nos instruía sobre como seriam os treinamentos de agora em diante. E repetiu várias vezes sobre o *Initium* estar próximo e que éramos a última esperança,

o último batalhão enviado para construir Phoenix. Sempre pensei em como era absurdo deixar a única chance de voltarmos a ser uma "Sociedade" nas mãos de milhares de jovens e adolescentes que mal sabem o que querem para o lanche. Passei a focar no que o homem dizia e me esqueci por um momento de que meus amigos não estavam na sala, o que era de certa forma muito estranho porque eu sabia que Hector e Phillip haviam passado para a 1ª Ordem.

Não seria nada fácil explorar o que sobrou do planeta do lado de fora, psicologicamente falando, pois nós vimos nosso mundo se desfazer em ruínas, tudo o que conhecíamos agora não passava de uma porção de escombros. Eu sabia da existência de outros Bunkers em pequenos países latinos e do oeste asiático, onde os efeitos das bombas não tiveram tanto alcance, sorte deles; países como o nosso sobreviveram por muito pouco.

Eu não tinha ideia de que horas eram, mas segundo o barulho da minha barriga, estávamos próximos da hora do almoço, ou talvez um pouco antes disso, afinal, eu não havia tomado um café descente. Meio pacote de biscoitos amassados que encontrei no meu quarto não só não me sustentou como caiu como pedra no meu estômago, o que começava a gerar um desconforto, somado a fome. Se eu não comesse algo de verdade em uma hora, eu teria uma hipoglicemia e desenvolveria uma úlcera na parede estomacal (*sim, sempre fui meio paranoica com doenças e essas coisas, uma hipocondríaca certamente*).

E o homem com cabelo raspado e cara de jacaré continuou falando e falando e eu já conseguia ver a luz no fim do túnel, conseguia ver estrelinhas de tanta fome. Até achei que estivesse sonhando quando ele disse:

— Estão dispensados, soldados! Fiquem de

olho nas atividades de vocês, serão convocados através do relógio que piscará com uma luz verde indicando ser uma atividade de caráter de urgência. — acho que ele estava tentando fazer amigos porque disse isso em um tom natural e não como um Sargento ou coisa do gênero faria.

Juntei-me ao Tom e à garota ruiva sem dizer nada, segui com eles até o Refeitório.

— Desculpe, Tom, sabe que horas são? — perguntei.

— O que houve com seu relógio, Cabo? São 12h30min. — ele não desgrudava da garota. Já estava ficando meloso.

— Deixei no quarto, saí com pressa. — menti. Imaginei que todos soubessem que passei um tempo na Sala Branca, porém preferia não comentar nada sobre isso com ninguém a não ser Hector ou Kate e, como ambos estavam desaparecidos, achei melhor falar o menos

possível.

O almoço estava muito bom, ou a fome era muita. Decidi que assim que acabasse de comer buscaria meu relógio e procuraria por Hector. Foi exatamente o que fiz. Busquei o relógio e fui em direção ao andar dos quartos para escovar os dentes e dar um jeito de levar meus uniformes para lavanderia (*ao menos isso, nossas roupas eram lavadas automaticamente*). Foi ao entrar no quarto que topei com o garoto de cabelos negros e olhos azuis sentado na beira da minha cama.

— O que faz aqui? — indaguei enquanto revirava a cômoda em busca dos uniformes.

— Precisamos conversar. — Sua voz era tranquila, mas transmitia um pouco de insegurança. Comecei a ficar um tanto preocupada.

— Agora? — disse de dentro do banheiro

onde procurava pelas roupas sujas. Encontrei-as atiradas por todos os lados como se o cesto de roupas tivesse explodido.

— O quanto antes. — Ele disse abaixando a cabeça.

— Tudo bem, pode falar. — eu fiz uma enorme bola de roupas sujas, deixei-a na cadeira da escrivaninha e sentei ao lado dele na cama.

— Angie. — Fez uma longa pausa. Ele olhava para as próprias mãos que estavam com sangue no canto das cutículas. — Sabe. Não daria certo.

— Você quer dizer nós dois? — eu perguntei sem rodeios.

— É. — ele me encarou por um segundo e depois voltou a olhar para as mãos. — Eu gosto muito de você, mas é loucura.

— Eu entendo e eu concordo plenamente. — eu precisei ser forte, então, tentei ver a situação como uma adulta veria, eu não podia implorar

para que nós tentássemos ficar juntos, seria vergonhoso da minha parte. — Você tem toda a razão. — completei colocando uma mão sobre a dele e a retirando em seguida em um reflexo.

— Que bom, não queria que ninguém ficasse magoado. — Ele forçou um sorriso de lábios cerrados. — Obrigada por ser madura em relação a isso. — Vi seus olhos se encherem de água. Não comentei nada porque a qualquer momento os meus também ficariam.

— Cuide-se! — foi tudo o que saiu da minha boca.

— Cuide-se! — ele respondeu.

»»»»»»»»»

Aquela conversa me deixou mal, mas fiquei aliviado, poderia ter sido bem pior. Não queria ficar pensando na Angie nem no quanto foi bom dormir ao seu lado na Sala Branca, seu corpo

estava quente, talvez pela febre, mas de qualquer maneira estava quente e aquilo me deixava feliz (*e outras coisas que não vale a pena serem comentadas aqui*).

Queria ignorar tudo o que eu sentia vontade de fazer, como correr para ela e pedir perdão, de modo que tudo voltasse a ser como antes (*até mesmo os homens mais cruéis da história da humanidade já amaram um dia, eu queria me permitir amar, mas precisava ter um único foco, pelo menos agora. Eu também queria evitar que Angie decepcionasse comigo, afinal, eu a amava, ou melhor, eu a amo*).

O relógio apitava e piscava em tom esverdeado e era como se gritasse, ele dizia: Aeroporto! Agora! Não perdi tempo. No caminho tive tempo para conversar com Philip, que mesmo com as ataduras, teve de seguir com o treinamento. Estava tudo bem entre nós, ele não levou o soco para o lado pessoal e ficava repetindo que me afastar da garota tinha sido a

coisa certa a se fazer.

Sim, estávamos todos os quinze integrantes a postos em uma linha vermelha no chão, de frente para um desconhecido, mas fardado jovem com uma braçadeira com o brasão de *Phoenix Initium* (*ou o que acreditavam que poderia vir a ser um dia nossa nova nação*). O rapaz não era nada convincente como treinador, não teria mais do que uns dois ou três anos a mais do que eu, mas afirmou que nos treinaria para a Guerra.

— De novo? — Phil sussurrou.

— Não acho que seja como a última. — sussurrei de volta.

— Os dois rapazes têm algo a compartilhar? — O jovem com nome de menina gritou, Sara era nosso Sargento. Que agonia ser submisso a alguém com um sobrenome tão embaraçoso.

— Não, Senhor. — eu disse de forma clara em alto som.

— Eu não esperava cochichos vindos de garotos. Eu sempre jurei que fosse coisa de

menina! — Sara retrucou. Mas eu não consegui conter o riso, era estúpido que aquele cara fosse um Sargento. Rir foi a coisa mais idiota que fiz, pois deixei-o irado.

— Isto não é brincadeira, Soldado... — vasculhou no meu uniforme — Gaviióóór.

— Gaviior, Senhor, meu sobrenome é Gaviior! — eu estava tentando ganhar o jogo.

— Merda! Esse será seu nome se não calar essa maldita boca! — gritou com a voz esganiçada. Decidi que era hora de parar com o jogo. Não gosto de perder, mas minha elevação de cargo estava em jogo. — Todos vocês, me sigam! BANDO DE CRIANÇAS ESTÚPIDAS!

Ele nos guiou até uma sala vazia, com paredes acinzentadas e cheiro de tinta fresca. No centro da sala havia um "ringue" (*ou não, mas parecia um*).

— Este é o "Setor"! Aqui ficarão os dentes,

epitélio e sangue de vocês até que estejam preparados para encarar o que existe lá fora. — ele se posicionou a frente da turma e subiu no "ringue". — Muito bem, quem será o primeiro a morrer hoje? — e soltou um risinho maléfico muito esquisito.

— Vai você. — foi o que noventa por cento da classe disse para alguém próximo.

— Eu! — disse dando um passo à frente. Só que senti que mais alguém tinha dito isso.

— Eu vou. — ela repetiu. A loira dos olhos verdes.

— Uma garota e um garoto, interessante! — Sara apertou o botão de um controle que retirou do bolso e as paredes se moveram dando lugar a inúmeras e centenas de armas dos mais variados tipos. Ele sorria de orelha a orelha, como uma criança prestes a assistir seu desenho favorito.

— Isso é loucura. — confessei. — Não vou bater nela.

— É um treinamento e você vai fazer o que

eu mandar! — ele não parecia estar brincando. — Andem logo, escolham uma arma.

As armas eram facas ou coisas do gênero, nenhuma arma de fogo por enquanto (*menos mal, acho que o Setor viraria poeira muito mais rápido*). Facas com empunhaduras, facas duplas, estiletes esculpidos, canivetes, adagas, dardos, floretes, espadas de todos os tipos, o que dificultada à escolha. Se Angie escolhesse uma espada eu não teria chance com uma adaga, e visse versa. Eu não conseguia enxergar as armas do lado dela e nem ela as minhas, era uma escolha cega, não era possível armar uma estratégia agora.

Escolhi uma espada, me pareceu mais seguro. Voltei para o "ringue" e para a minha surpresa, ela estava com uma espada exatamente igual. Com empunhadura dourada e curvilínea, com a ponta fina e esculpida em forma de oito. Não era a espada mais amedrontadora, mas era uma

espada. Foi o fato de ela ter escolhido a mesma espada que me deixou abalado, ela não teria como ver a minha escolha, teria?

— A única regra é: podem tirar sangue ou o que quiserem, mas não se matem ainda! Podem começar.

Balancei a cabeça em negativa, era loucura. Ela tinha cara de assassina (*ou assim fez parecer*). Perder-me em devaneios foi a pior coisa que fiz. Ela não perdeu tempo, me chutou com ambos os pés me fazendo cair de costas no chão, minha espada foi parar a quilômetros de distância de mim. Ela então pisou no meu peito com um pé e posicionou a espada na minha jugular. O fato de ter encostado foi suficiente para que uma fina linha de sangue começasse a escorrer da garganta. Fomos interrompidos com Sara rindo alto e batendo palmas.

— Muito bem, minha jovem — ele disse sorrindo feliz — podem descer, chega por enquanto. Guardem as armas.



Parte IX

"DNA"

Nosso treinador era divertido, tinha um humor um tanto ácido, mas era divertido ouvir aquela risada diabólica com um leve engasgo final. Creio que todos que tiveram que sair do Bunker em alguma missão quando voltam, se conseguem voltar, é claro, ficam levemente pirados. OK. Demasiadamente pirados. Piradaços. Mega pirados.

Os boatos, que não eram poucos, sobre o que teríamos de enfrentar quando saíssemos em missão eram de arrepiar. Nunca fiquei assustada, pois havia boatos bons e ruins. Coisas como lá fora está lindo e não nos deixam sair porque somos as cobaias humanas de uma nova geração superpoderosa (*um tanto infantil esse boato, porém existiam piores*).

Era difícil imaginar o que poderia existir lá fora de tão ruim, uma porção de prédios destruídos e abandonados, carros abandonados, mas acredito que sobre a Rússia tenham caído bombas de efeito avassalador, ou seja, deveria haver um deserto lá fora, eu imagino que com a proporção das bombas tudo tenha sido vaporizado, como naqueles filmes alienígenas, eu imagino, mas fica difícil acreditar, tudo o que consegui ver enquanto ainda estava lá fora foi uma onda de assaltos por causa dos blackouts. Uma coisa muito vergonhosa. Quem? Diga-me quem pode pensar em assaltar casas, bancos, escolas, lojas e outras tantas coisas inúteis quando o mundo está prestes a explodir? Às vezes custo a acreditar que sou da mesma espécie que essas pessoas.

Falando em espécie e em boatos, acho que ouvi Sara dizendo que logo após nossos treinamentos físicos teríamos uma bateria de testes e exames em laboratório, sabe... para

testar nossas habilidades que foram melhoradas, ou pelo menos foi o que entendi.

Sara nos dividiu em dois grupos. Levou-nos para a *"Sala Estufa"*, como gosto de chamar a nossa nova sala de treinamento em grupo. Nossa tarefa? Descobrir o ponto fraco do outro. Como? Só Deus sabe. Com a sala parecendo um cubo de gelo eu comecei a bater o queixo, as coisas pareciam começar a *"esfriar"* para o meu lado.

Kate ficou fora da ordem devido ao surto psicótico dela durante o teste individual na caverna gelada coberta de estalagmites e estalactites, os médicos a taxaram como "mentalmente incapaz de controlar emoções", isso a deixou definitivamente fora da ordem, ou seja, estou contando comigo mesma como aliada, bom, pelo menos assim não corro riscos de confiar nas pessoas erradas. Miranda e Tomas me parecem boas pessoas, mas, com ele ocupado com a ruiva e Miranda preocupada em

degolar o primeiro que lhe apresente uma ameaça, prefiro ficar com meu pescoço e minha autoconfiança.

Sara saiu e deixou que nos matássemos sozinhos, o que não era muito improvável. É como uma professora que sai e deixa a sala sozinha por alguns instantes, é comum que quando ela retorne, encontre alguns corpos, sangue e uma alarmante algazarra (*claro que só um modo de dizer. Espero que nenhuma professora encontre corpos por deixar seus alunos sozinhos, mas não custa ficar de olho*).

Por sorte ou azar, acabei ficando no grupo oposto de Hector. Não sei ainda se é uma vantagem, o que posso perceber é que ele tenta, como sempre, dominar o grupo e se tornar uma espécie de líder para eles. Eu meio que acho que as pessoas me colocam como líder, mesmo eu tendo a certeza que não sei liderar.

— E então? — perguntou-me a garota mestiça de cabelos louros.

— Então o quê? — eu estava perdida em pensamentos, enquanto observava o outro grupo discutindo do outro lado da sala gelada.

— Por que não diz o que temos que fazer? — ela disse como se eu soubesse o que fazer. Não sei mesmo. Pobres coitados.

— Eu? Por que eu? — questionei confusa.

— Você é a única promovida a Cabo. É a única que sabe o que fazer com uma espada e a primeira a vencer Hector em uma briga — disse como se fosse óbvio. O que claro, para mim não era.

— Se esperam que eu diga o que fazer, estão fritos. Estou tão perdida quanto vocês! — esclareci.

— Para com essa autocomiseração, estou ficando com nojo. — Miranda tinha que se meter. Resolvi deixar que ela tomasse as rédeas de uma vez por todas. — Você foi eleita a líder, agora aja como uma! — disse para minha surpresa.

— Como fui eleita? Não me candidatei a nada! — mas que droga, pensei.

— Angeline, vamos, você sabe o que fazer, é da sua natureza. — ela parecia saber do que estava falando, aliás, todos, menos eu.

— OK. — eu passei os olhos por todo o grupo, que estava disposto em forma de círculo bem fechado, um tanto incômodo, mas prossegui. — Acho que Sara nos fará enfrentar o outro grupo, precisamos saber nossos pontos fracos e nos fortalecer como unidade, um único corpo repleto de pontos fracos...

— Ótimo, seremos esmagados de primeira com tantos pontos fracos. — O baixinho robusto me interrompeu.

Lancei-lhe um olhar, foi suficiente para ele fazer um gesto para que eu continuasse.

— Bem, se soubermos nossos pontos fracos podemos nos proteger, um ajuda o outro, dessa forma podemos chegar a algum lugar, eu acho. — supus.

— E se tivermos que nos enfrentar? Tipo, entre nós mesmos? — a mestiça parecia muito preocupada.

— É! Saber o ponto fraco de cada um vai tornar nossa morte mais rápida! Boa ideia, Cabo Strauss! Se você quer nos matar mais rapidamente, por que não usa sua espada? — Philip infelizmente estava no grupo, só esperando o momento para me irar. Ele fazia isso sem muito esforço; para mim, bastava olhar para aquela cara de rato que ele tem.

Miranda segurou meu antebraço antes que eu mesma estrangulasse a peste com as minhas mãos.

— Não perca tempo. — ela disse rosnando para ele.

— O ponto fraco dela é o Hector, seu amor verdadeiro! — ele gritou para que todos na sala pudessem ouvir logo depois soltou uma risada que me tirou do sério.

Sara estava entrando na sala e ao se deparar

com o que logo viraria uma briga, encostou-se na porta da sala para que pudesse assistir de camarote.

— Cale sua boca imunda, seu rato nojento! — gritei, ele continuava rindo alto. — Para você não foi suficiente ver que se precisar atravesso qualquer coisa cortante na garganta dele? — Miranda olhava para Tomas como se implorasse por ajuda para me segurar.

— Confess,e anjinha, você o ama, nunca o mataria! — Philip quase espumava pela boca de maldade.

— Vou mandá-lo outra vez para o hospital pelo mesmo motivo! — gritei, meus ânimos estavam alterados, eu estava prestes a grudar na garganta dele com minhas unhas até que ele deixasse de ser um SER VIVO!

— Por que não cuida da sua vida? — Hector surgiu bem na frente de Phil. — Por que insiste em me defender? Qual seu problema? Por que quer tanto me distanciar da Angie? Por quê? —

ele segurava Phil pelo colarinho apertando a cada ponto de interrogação. — Que DROGA! — ele estava furioso.

Sara interveio a tempo de outra Guerra começar, dessa vez dentro do Bunker!

— Três andares abaixo desse, sala L001 AGORAAAA! — gritou com aquela voz que me lembrava um giz arranhando um quadro-negro.

Bastou para nos colocar na linha. Parecia que nada tinha acontecido. Como um bando de crianças de castigo, seguimos para a L001, seja lá o que for isso.

»»»»»»»»»

Eu odeio sangue. Particularmente quando o tiram de dentro de mim.

Não tenho nada contra injeções, mas ver

aquele líquido escuro saindo do meu corpo me deixa sim, um pouco enjoado. E não, isso não me torna menos másculo (*eu espero*).

Enfileiraram-nos, nos deram comprimidos para tomar, tiraram nossos uniformes velhos, deram-nos novos (*agora estou gostando*), separaram homens de mulheres, mandaram-nos tomar uma ducha (*tão quente que eu jurava que não era água caindo do chuveiro e sim lava*), deram-nos uma peça íntima branca para vestir, uniram-nos com a parcela feminina outra vez e, em seguida, colocaram-nos em uma sala de vidro (*sim, seminus*).

— Será que ninguém mais tem pudor aqui? — perguntei baixinho enquanto me encolhia em um canto.

Como era de se esperar, cada jovem na sala era secada por olhares de cima a baixo, uma grosseria eu diria, mas não posso controlar os

hormônios daquele bando de crianças na puberdade.

— Eu estou adorando isso aqui. — Phil disse com uma expressão maliciosa.

— Eu odiei, sinto como se estivessem invadido minha privacidade. — Como se não bastasse às pessoas de dentro nos olhando, logo médicos começaram a se aproximar do vidro e nos observar. Comecei a ficar alterado.

— Você fala como uma garotinha inocente! Aproveite a vista meu caro, não é todo dia que vemos garotas de calcinha e sutiã... — Ele mesmo se interrompeu — Aliás, quando foi à última vez que você viu?

— Vi o quê? — eu disse confuso.

— Uma garota...

— Hoje. — eu disse sem entender muita coisa. Eu sabia do que ele estava falando, porém preferi fingir que não. Não queria entrar em detalhes da minha vida sexual com o Philip,

ele sem dúvidas iria me esculachar. Melhor. Eu não queria falar disso com ninguém.

A cara que ele fez? De quem não acreditou muito, mas o que eu disse foi o suficiente para fazê-lo calar a boca.

— É a Sayllor ali fora? — Meus olhos estalaram no meu rosto, por sorte permaneceram dentro de suas órbitas oculares. Ela me secava de um jeito muito mais constrangedor que a maioria. Ela me encarava, olho no olho (*isso quando eu não desviava o olhar*).

Quando ela começou a morder o lábio inferior fui agraciado com alguém chamando meu Número!

— 5001! — a mulher de roupa de astronauta branca na porta da sala de vidro gritou.

— 5001 se apresentando, Senhora. — disse ainda tentando cobrir meu corpo de uma maneira quase impossível.

Fui encaminhado para a sala em cuja porta havia uma placa escrita: “Sala de Intrusão”. Muito intrigante para falar a verdade, fiquei imaginando o que iriam fazer comigo. Até que não aguentei mais ficar na dúvida e perguntei:

— Intrusão? Desculpe. É essa a hora que vocês libertam um alienígena da minha barriga? — falei, enquanto a mulher conectava fios ao meu corpo. Eu estava atado a uma maca quase na vertical, levemente inclinada (*o que eu imaginava ser uma piada, pois me sentia um verdadeiro rato de laboratório*).

— Não se preocupe. — Nessa hora ela colocou uma corrente com uma placa circular como pingente em meu pescoço. — Intrusão é só o nome, não conseguimos encontrar uma expressão para descrever a cirurgia.

— Cirur.. o quê? — Minhas mãos buscaram o apoio da maca e se firmaram nela. Minha

expressão facial era quase uma mistura de criança assustada com um adulto medroso, ou seja, uma vergonha alheia.

— Não vai sentir nada. — ela me garantiu, porém não com total convicção. Meu corpo enrijeceu. Odeio sangue. E não sou fã de agulhas.

— Eu vou receber um intruso? No meu corpo? É isso? — eu tinha que perguntar, a verdade é que eu tinha medo da resposta (*Os Magnas eram pessoas sem nenhuma ética médica. Somos experimentos vivos, por sorte*!).

— Sabe o que você viu no teste individual prático? — fechei meus olhos quando ela se aproximou com uma agulha. Fiz que sim com a cabeça. — Aqueles seres... — ela aplicou um liquido dourado em minha artéria braquial. — Seus Guardiões. Eles precisam ser conectados a vocês.

Estrelas dançando.

Escuridão.

Memórias.

Seres.

Guardiões.

Intrusão.



Parte X

"Intrusão X Conexão"

Chamar aquilo de intrusão era um absurdo.

Quando acordei, o pingente tinha ganhado forma. Uma raposa dourada dentro de um círculo de fogo. A raposa. Os pesadelos mal haviam cessado e eu já tinha a impressão de que voltariam a acontecer.

Quando finalmente me dei conta, estava com um uniforme novo, totalmente branco, feito de um material maleável e aconchegante. Era quase como estar vestindo um edredom. Ainda deitada, deixei meus dedos deslizarem pelo colar, estava com os pensamentos distantes (*na verdade, eu não estava pensando em nada específico, somente sentindo a textura do ouro em forma de raposa*). Aquele bicho de alguma

forma estava preso a mim de agora em diante.

— Intrusão — eu disse para mim mesma, sentando-me na cama da sala de vidro particular (*todos tinham uma própria caixa de vidro, eu conseguia ver alguns ao meu redor, Peter o baixinho do meu lado direito, Miranda esquerdo, Phil bem na minha frente, Hector à direita dele e Camille à esquerda. Bendita Camille, logo na minha frente, por quê? Eu me sentia um patinho feio perto dela. O que de fato eu sempre fui: um patinho horrendo!*).

— Eu prefiro chamar de Conexão! — aquilo de novo não! A coisa vermelha e branca com olhar atento e inquieto. BEM NA MINHA FRENTE.

— Droga! — gelei.

— Vamos... Eu não vou matar você, por que insiste tanto nisso? — perguntou ofendida. Em seguida deu um salto sobre a maca ficando tão

próxima do meu rosto que eu segurei a respiração.

— Não confio em raposas! — acabei soltando.

— Fui recriada para lhe proteger dos "Parrecidis". O que vão encontrar do lado de fora além de muito entulho, não passa de experiências que deram errado, seres como nós. Só que confusos. — sua voz emanava uma brasa de fogo, uma voz suave e tranquilizadora.

— Parecidos? Parrecidos? Parre o quê? — estava vidrada nos olhos caramelados da coisa vermelha.

— Os "Parrecidis" são os assassinos que vocês serão treinados para extinguir. — A "coisa" colocou a pata vermelha sobre a minha mão. A essa altura eu dizia a mim mesma que era só um pesadelo e comecei a parar de questionar o "por que" de ter que ser uma raposa ao invés de um coelho, um leão ou um rinoceronte.

— Então, o que você faz de tão bom que te "conectaram" comigo? — perguntei, deslizando a mão sobre o pelo extraordinariamente quente e cor de fogo da criatura deitada na minha cama.

— Sou uma Raposa. E eu falo. — ela disse como se fosse óbvio.

— Só isso? — eu disse com desdém, em um tom de brincadeira.

— Sou uma Raposa Mitológica. Taumesiana. Raposa de Fogo. — Ela parecia gostar do afago, como um cachorro (*eu tinha uma raposa-cachorro*).

— Então você solta fogo ou coisa assim?

— Mais ou menos.

Paramos para observar os outros integrantes da 1ª Ordem tendo ataques com seus respectivos Guardiões. Miranda com sua, segundo o que Ípics me disse, Hidra. Aterrorizante, porém devo concordar que combina com a personalidade da "dona". Peter com uma Corsa.

Phil com um Grifo. Camille com sua Ninfa amistosa... Hector com uma Fênix? Não creio.

— E então ... — continuo observando ou outros com seus "bichinhos". — Como você sabe o que existe de fato lá fora? — só quando termino de falar que então olho para Ípics, sua calda balançando e tremeluzindo em fogo. Impressionante.

— Nosso teste final, antes da Conexão X Intrusão. — saltou para o chão.

— O que tem? — insisti.

— Nos lançam no meio do nada. Objetivo: voltar vivo. — ela disse olhando para porta, aguardando algo. — Eu só consegui porque antes do "Encontro", que foi durante o teste de vocês, eu adquiria a forma de qualquer criatura que eu desejasse. Todos nós. Mas só após o "Encontro" que nosso estágio mutacional chega ao fim.

— Por que Raposa? — me coloquei de pé ao

lado dela. De frente para a porta.

— Me diga você. É a sua personalidade que me define! — nos entreolhamos.

— Não sei. Tenho receio de raposas. — disse baixinho.

— Óbvio.

— Por quê? Não entendi. — Minhas sobrancelhas se arquearam.

Uma pausa. Uma longa pausa. Duas sombras vidradas na porta.

— É um desafio. — e continuou. — Fazer do seu medo seu aliado é fácil, quero ver fazer do seu medo seu aliado e ainda confiar nele para salvar a sua vida!.

»»»»»»»»»»

A sombra sobrevoou mais uma vez, a mesma que vislumbrei durante o teste. A sombra quente

que emana fogo. Fogo azul.

A situação estava crítica. Quando caminhava, bati contra o vidro da sala. Tentei ver o que estava acontecendo, mas ao ver Phil tentando domar uma besta com corpo de felino e bico de águia, acabei me acalmando de certa forma. Era hilário. Difícil de acreditar. Na verdade, eu me forcei a acreditar que estava sonhando, ainda desacordado na maca após a Intrusão.

Esfreguei os olhos algumas vezes seguidas, mas aí me deparei com a imagem refletida no vidro.

Línguas de fogo estavam no ar.
Esfuziante. Inebriante.
Hipnótico, sonífero, soporífero.
Sua penugem era tecida de lava.
Sua seda tecida de vulcão.
Seu vulcão tecido de cinzas.
Sibilante.

Eu me virei lentamente.

— Por que ainda fica tão impressionado? — disse a criatura de voz grave e vagarosa.

— Eu entendo pouco de Mitologia, mas Fênix não fala! Não fala! — eu ainda estava com o corpo bem próximo ao vidro, hesitante.

— Sou uma experiência que deu certo, não sou exatamente um ser mitológico. Seres Mitológicos não existem. — replicou com muita calma.

— Então, você é uma águia supercrescida que solta fogo? — indaguei ironicamente.

— Não. Sou uma Fênix. — sua voz calma chegava a ponto de ser irritante.

Ah, não me diga! — sussurrei para mim mesmo (*já estava vendo coisas, falar sozinho não me tornaria mais ou menos louco*).

— Simplesmente seu Guardião. Ignore o fato de eu ser uma criatura retirada de um livro. Imagine que eu sou a águia supercrescida se isso

o ajudar. — a voz faz com que eu me lembre de um professor metido à sabe-tudo.

— Certo. — eu disse dando a discussão por encerrada.

— Sou Egeu.

— Eu sei. Sou ... — fui interrompido.

— Hector, eu também sei.

Egeu tinha aproximadamente a altura de uma águia adulta, mas sua calda era do meu tamanho. Ele resolveu tomar a iniciativa, pousou sobre meu ombro. Um pouco pesada, mas em alguns minutos eu me acostumei e me equilibrar se tornou mais fácil.

A porta (*de vidro como todo o resto da sala*) se abriu automaticamente. Setas amarelas piscavam no chão. Eu as segui. Fui direcionado para a Sala (*Estufa*), que estava repleta de dados gigantes de aço, alguns sobre outros,

espalhados por toda sala. Haviam por algum motivo fornalhas de aproximadamente 5 metros quadrados em cada canto da sala.

Um telão dizia:

"LUTEM ATÉ SETE!"

Uma lista holográfica com uma espécie de "perfil" planava ao redor da sala. Em ordem alfabética. Foto. Nome. Número. Melhores habilidades. Guardião. Maior fraqueza. Etcetera.

Alexander Gkrieg Spartks – 0665.

Habilidades: Forte, sanguinário, veloz, hábil no manuseio de facas.

Guardião: Quessard (Minotauro).

Fraquezas: Não luta corpo a corpo.

Angeline Felicce Von Strauss – 1001.

Habilidades: Inteligente, astuta, veloz, forte e habilidosa com objetos cortantes (espadas).

Guardião: Ípics (Raposa Taumesiana).

Fraquezas: Hiperativa e bipolar.

Camille Saint Vicent – 9543.

Habilidades: Sedutora, veloz e ótima em manuseio de facas.

Guardião: Siriãm (Ninfa).

Fraquezas: Fútil e demonstra asco a várias coisas.

Carl O. Batwin – 0041.

Habilidades: Inteligência, perspicaz, entende de eletrônica.

Guardião: Dim (Ciclope).

Fraquezas: Altruísta e ansioso.

Clair Minidori Roco – 0015.

Habilidades: mira perfeita, persuasiva,

perspicaz e assertiva.

Guardião: Glorig (Sátiro).

Fraqueza: Despreocupada e autoconfiante.

Guéssyca Sonsin Bringway – 0199.

Habilidades: Silenciosa, veloz e forte.

Guardião: Katri (Ninfa).

Fraquezas: Amedrontada e Fiel.

Hector F. Gaviior – 5001.

Habilidades: Forte, inteligente, corajoso, ágil e veloz.

Guardião: Egeu (Fênix).

Fraquezas: Cavalheiro e altruísta.

Krista Murchat – 066.

Habilidades: Veloz, ágil e habilidosa com lanças.

Guardião: Dior (Pégaso).

Fraquezas: Medrosa, mas altruísta e bondosa.

Miranda Paris – 0012.

Habilidades: Corajosa, destemida, forte, impiedosa, atiradora de flechas.

Guardião: Sedina (Hidra).

Fraquezas: Lenta.

Missy Farway Tompson – 0121.

Habilidades: Silenciosa, ágil, impiedosa, sanguinária e excelente com arco e flecha.

Guardião: Jena (Grifo).

Fraquezas: não luta corpo a corpo e é fraca.

Oliver Peter Jackson – 5549.

Habilidades: super-habilidade com armas cortantes, faro hipersensível, veloz.

Guardião: Burn (Centauro).

Fraquezas: Fiel.

Peter John Osburn – 2390.

Habilidades: Forte, hábil com espadas e corajoso.

Guardião: Fin (Corsa).

Fraquezas: Fiel e Altruísta.

Philip O. Clarkson – 0311.

Habilidades: Sanguinário, impiedoso, veloz e corajoso.

Guardião: Zahf (Grifo).

Fraquezas: Autoconfiante e ignorante.

Pietra Anedore Conair – 9843.

Habilidades: Assassino.

Guardião: Ykron (Quimera).

Fraquezas: Autoconfiante.

Tomas Deam Van'Clain – 3902.

Habilidades: Forte e ágil com foices e armas cortantes.

Guardião: Bob (Cérbero).

Fraquezas: Altruísta.

{...}

Ficamos pálidos. Eu fiquei pelo menos. Olhei com o canto dos olhos para Angie. Ela retribuiu o olhar de desespero. O alarme soou. Egeu permaneceu em meu ombro direito. Phil fez um gesto em direção ao centro e correu para o banho de sangue, ele adorava aquilo.

Eu me forçava a acreditar que aquilo era uma brincadeira e uma muito sem graça, olhava apavorado para Angie e ela para mim. Foi aí que ela estendeu a mão na minha direção. Estava ligeiramente abaixada, olhava para a parede repleta de armas e para mim, para mim e para as armas. Tive receio de ir na direção dela, mas como Egeu não conseguiu se segurar e tomou a iniciativa, eu o segui.

Não era bizarro se você tirasse a parte de que criaturas mitológicas brigavam como

crianças em um jardim de infância. Se você se feria, seu Guardião sentia. Se ele morresse, você consequentemente morreria. Era a Conexão. A alma e seu protetor. O que tornava aquela cena bizarra é que seres mitológicos são mitológicos, é autoexplicativo, não existem, mas estão aqui. Minha mente está uma bagunça.

— Ainda estou com uma dúvida. — Angie disse enquanto escalava a parede e jogava uma espada na minha direção. Eu me posicionei abaixo dela para caso ela despencasse ou alguém tentasse atirar nela.

— Não posso esclarecer depois? — Egeu grunhiu. Virei-me em um reflexo. A espada se encaixou na minha mão e eu a atravessei na porção do abdômen de quem estava vindo em minha direção com facas. Eu olhei somente de relance.

— Desde quando ‘cavalheiro’ e ‘altruísta’ são fraquezas? — ela disse assim que saltou da

parede bem ao meu lado, ela virou o rosto assim que viu a pessoa caindo.

— Desculpe. — Empurrei o corpo com o pé e retirei minha espada ensanguentada com frieza.

Ela virou o rosto do recém-presunto para identificar. Seu rosto um misto de surpresa e espanto.

— Conhece? — ela perguntou.

— Acredito que seja Guéssyca. — puxei-a para traz de um cubo gigante. A raposa levava o corpo da garota morta, arrastada pela bota, até a fornalha mais próxima.

Sentei-me cuidadosamente de costas para o cubo. Ela se agachou bem na minha frente.

— Você está bem? — Ela limpou o suor do meu rosto.

— Você já matou antes? — Olhei no fundo de seus olhos — A sensação, ela não é boa.

— Senão a matasse morreria, sabe disso não sabe? — ela se inclinou para ver o resto.

— Onze. — ela se levantou devagar.

Em um segundo estava caída com uma maluca segurando uma faca na altura da sua jugular. Angie ainda tentava a todo custo evitar que a faca a penetrasse. Segurava o braço de Pietra com tanta força de suas unhas começaram a entrar na pele dela.

Eu fiquei sem reação. Logo, outro maluco estava tentando me derrubar pelas costas. Egeu usou a tática da Angie e enterrou as unhas nos trapézios do cara que havia acabado de me dar um belíssimo soco no nariz, ele o ergueu, o cara (*reconheci, Oliver*) gritava de dor. Quando o peso fez com que as unhas rasgassem a pele, ele caiu. Seu Guardião atirou uma flecha em Egeu.

Eu senti.
Penetrou em meu estômago.
Tortura.
Conexão.

Escuridão.

Desfaleci.

»»»»»»»»»

Quando o vi caindo no chão retirei forças dos fios do cabelo para jogar Pietra com toda a minha força o mais longe que consegui. Por sorte (ou azar) eu joguei-a próxima da fornalha, Ípics leu minha mente, livrou-se do Guardião que a perseguia, pegou-a pelo braço com a sua mordida e lançou no fogo que, a cada novo soldado, ganhava um brilho mais mórbido.

Minha raposa-cachorro lambeu o rosto de Hector e foi atrás de Egeu, ela sabia melhor que eu que ele precisava de ajuda, mas um tipo de ajuda que só ela entendia. Era o Guardião dele que estava ferido, ele só sentia, estava bem, não estava nem ao menos sangrando. Era a Conexão.

Ípics rasgou o traseiro do centauro de Oliver

que se jogou no chão com um grito. Tomas o apunhalou para encerrar o assunto. Corri com Hector até onde Egeu estava com Ípics e tratei de olhar a ferida. Não era grande. Não tinha feito tanto estrago, mas imagino que a dor seja insuportável.

Olhei ao redor, Miranda estava jogando alguma coisa na fornalha quando o *"time"* apitou novamente!

— SETE! — uma voz computadorizada disse.

Senti um alívio tão grande que desmaiei. Não. Mentira. Mas quase. Quem sobrou? Eu, Hector, Phil, Miranda, Tomas, Peter e Krista. Por enquanto. Um tanto clichê dizer que nós sobrevivemos, mas eu não achava que essa onda de sorte continuasse por muito tempo.

Logo Sara apareceu ao lado de uma mulher também fardada, que representava algum cargo

importante pelo número de broches presos ao uniforme.

— Vocês têm 24 horas! Partem amanhã mesmo! Aproveitem o tempo que ainda têm aqui, lá fora não terão luxos! — A mulher com cara de buldogue disse.

— Estão dispensados, e aos que precisarem de atendimento, sigam para o andar hospitalar. Sala Branca para vocês e seus Guardiões. — Sara salientou.

— E não se esqueçam de que não podem andar com seus Guardiões em qualquer andar! Acabarão atraindo muita atenção! Certo, saiam daqui! — o buldogue voltou a dizer.

Apoiei Hector em meu ombro. Egeu pesava chumbo, foi difícil, mas consegui. Deixei ambos com seus respectivos médicos (*coisa estranha, médico de criatura mitológica, que avanço que a humanidade deu. É hilário*!).

— Por que não fica? — Hector disse quando eu já estava quase fechando a porta e saindo de fininho.

— Preciso encontrar Kate para dar a notícia. — disse apoiada no batente.

— Tudo bem. — eu ia fechando a porta. — ANGIE! — gritou, abri a porta rapidamente — Você volta?

— Certo! — tive que sorrir, ele era um idiota até em um hospital.

— Até logo! — ele retribuiu o sorriso.



Parte XI

"Estrelando o Teto Solar"

Meu medo era a Conexão ter me afetado e eu ter me tornado mais exposto ou vulnerável, isso me aterrorizava. Mas de uma coisa eu tinha absoluta certeza, eu teria apenas vinte e quatro horas para dizer à Angeline o que eu sentia por ela, afinal, assim que saíssemos daqui, as chances de permanecermos vivos reduziriam cerca de cem por cento.

Quando finalmente Egeu foi liberado, seguimos para o meu quarto, eu havia planejado cada segundo até as dezessete horas do dia seguinte. O primeiro passo? Angie. Obviamente.

— Como está? — perguntei à ave que seguia em meu ombro.

— Relativamente bem. Obrigada! — respondeu com o costumeiro tom cortês.

Caminhamos em silêncio pelo restante do percurso até o andar dos quartos. Eu poderia tomar um banho e me preparar para encontrá-la. Falar com a Sayllor (*talvez pela última vez*). Jantar e apreciar alguma sobremesa. E, quem sabe, dormir ao lado da minha *Krypitonita* (*que ideia mais sem noção, eu concordo*).

Vesti a roupa mais confortável que eu tinha: uma calça de moletom cinza e uma camiseta branca, um tênis basicamente opaco e segui para o jantar. Para minha infelicidade, eu me deparei com a palidez da Sayllor vindo em minha direção enquanto a porta do elevador se fechava.

— Segura para mim! — ela ordenou. Apoiei a mão na porta na direção do sensor para que ela abrisse novamente.

— Olá! — disse, encostando-me ao fundo do

elevador.

— Quanto tempo — ela apertou algum botão.

— Tem razão.

— Como estão os testes? — Egeu, sempre em meu ombro, encarava-a com furor.

— Acabaram aparentemente. Saímos amanhã — eu disse sem muito entusiasmo.

— Vejo que a Intrusão funcionou em você. — Ela tentou tocar no meu Guardião, mas ele ativou o modo "pegando fogo" e ela se assustou, deu um passo para trás e mudou de assunto. — Aonde vai a uma hora dessas?

Na verdade, não passava de nove horas da noite, mas ali, no Bunker isso já era hora de "estar na cama". Sabe como é; crianças...

— Fazer um lanchinho. — forcei um sorriso. O elevador se abriu, saímos e paramos bem na frente dele.

— Bem, o pessoal que vai para a Missão está dando uma festa, na verdade foi o Tomas que propôs. — Ela ajeitou o cabelo atrás da

orelha. — Sabe guardar segredo?

— Sim.

— Sala Mecânica, seis andares acima do Andar de Armas Nucleares. No 45º andar exatamente (*no caso do Bunker, - 45º andar*). — Ela tirou um cartão minúsculo do bolso do uniforme. — Pegue, vai precisar. — disse e me estendeu o mini cartão.

— O que é isso? — peguei a coisa.

— Comumente conhecido por "Abre-te Sésamo". — ela soltou um risinho irritante e malévolo e saiu andando. — Chame todos os soldados da 1ª Ordem! — disse antes de dobrar à direita em um corredor.

— Armas Nucleares? — disse a mim mesmo, sozinho em um corredor com meia luz — Por que diabos temos uma sala com a droga que quase dizimou o planeta? (*desculpe, mas, por quê? Graças a essas coisas minha família está morta, aliás, todas as "famílias" estão. Não dá*

para chamar o que temos nessa toca de "família".).

Virei-me em direção ao elevador novamente, eu agora tenho uma festa para ir.

— Gosta de festas? — perguntei a Egeu, que permanecia imóvel em meu ombro.

— Isso foi uma pergunta retórica, não foi?

— De fato, desculpe. Vamos, precisamos ir. — Entramos e, como sempre, o elevador estava vazio e solitário.

Digitei 45 no visor digital. A voz eletrônica disse: "andar inexistente" (*nessa hora senti vontade de dizer: "isso é uma pegadinha, né?", porém, permaneci em silêncio, sabe, para não alertar ninguém devido às câmeras presentes*).

— Por que não usa o... — A ave era mais esperta que eu.

— Ahh. — Retirei o "Abre-te sésamo" do bolso e inseri em um feixe abaixo do visor que correspondia ao seu tamanho.

Segundos depois meu cartão foi cuspido de volta e a voz agradeceu: "Obrigada, Sr. Holkins. Bem-vindo à Sala Mecânica!". E a porta se abriu.

»»»»»»»»»

Toctoctoc...

— Posso entrar? — eu acabara de deixar Ípics em meu quarto para uma longa soneca.

— Angie? Entre! — Kate soltou de dentro de seu quarto.

— Como você está?

— Relativamente bem, tirando a insônia. — respondeu, enquanto organizava suas roupas na pequena cômoda.

— Os pesadelos passaram? — perguntei um pouco receosa.

— Eles nunca vão embora, Angie. — forçou um sorriso de lábios cerrados.

(*Pensei: "é, eles têm me pegado às vezes. Obrigada por compartilhar seu pesadelo, agora ele faz parte de mim também. Tendo uma amiga assim, quem precisa de inimiga, não é mesmo?!"*).

— Vim meio que me despedir... — Ela se virou para ouvir melhor.

— Vocês saem quando? — interrompeu-me.

— Amanhã ao alvorecer — falei e sentei em sua cama.

— Você vai ficar bem?

— Só se prometer cuidar do Kelvin para mim! — ergui meu dedo mindinho da mão direita, afinal, aquela precisava ser mais do que uma promessa. Eu precisava confiar em alguém,

e, naquele momento, Kate, era tudo o que eu tinha.

— Aquele menino lindo? Claro! Vou me casar com ele! — ambas sorrimos. Em seguida, abraçamo-nos por um tempo.

Kate tinha sido para mim tudo aquilo que eu precisei durante muito tempo. Mãe, amiga, irmã... Não existem muitas pessoas das quais me orgulho de conhecer, somente ela, Kelvin, Mamãe, Papai e claro, Hector, que é de quem eu realmente sentia orgulho. Sem dúvida eu sentiria muita falta dela também.

— Chega de choro! — rebati. — Venha, tem uma festinha para nós e não vou sem você!

— Festa? Espere, preciso de uma roupa! — disse e pulou por cima da cama, começando a revirar as roupas que acabara de guardar.

Não foi muito difícil, pois não tínhamos

muitas roupas assim. No final, ela usava um vestido floral e sapatilhas. Eu? Meu moletom cinza, uma curta camiseta azul surrada e meus tênis. NADA ELEGANTE, PORÉM SUPERCONFORTÁVEL. OBRIGADA!

No elevador, Kate estranhou eu utilizar o "Abre-te Sésamo", mas não disse absolutamente nada o caminho todo. Ela tinha implicado com a manga do vestido e não parava de puxá-la e esticá-la em todas as direções tentando, em vão, desamassá-la.

— Kate! — exclamei.

— "Quê"? — perguntou, ainda "enrolada" com a manga.

— Nada não, deixa para lá. — segurei seu braço, odiava ter que entrar em algum lugar atrasada, pois é aí que todo mundo para o que está fazendo e fica te encarando como se você fosse aquele alienígena roxo com um bilhão de

olhos ou mais.

Por sorte, todas as pessoas estavam ocupadas demais sendo “maneiras” e conseguimos passar despercebidas por toda aquela multidão. Eu nunca havia visto todas aquelas pessoas em um mesmo lugar se divertindo, oficiais, estudantes, soldados, todos com a idade próxima à minha. A festa era um “segredinho”, mas o som estava tão alto que eu comecei a pensar que talvez eles quisessem a presença dos Magnas também. Eu não estava adaptada àquele “habitat”, sentia-me um peixe fora d’agua. Até que Tom e Krista, de braços dados, vieram sorrindo em nossa direção.

— Olha só quem resolveu dar o ar da graça, nosso queridíssimo Cabo Strauss — ele fez uma espécie de cumprimento, ou cortejo, eu sei lá. — Olá, Angie! — falou, finalmente, de uma forma descontraída para tentar me “descongelar”.

— Olá! — respondi com um aceno tonto. — Isso soou meio masculino, me chame pelo meu nome! — pedi e forcei um sorriso.

— As "coisinhas" estão em cima da mesa, lá no fundo, aproveitem! — Krista disse puxando Tom para que continuassem tentando caminhar sem cair (*o que me fez pensar duas vezes antes de beber qualquer "coisinha" daquela mesa*).

A Sala Mecânica nada mais era que um grande salão repleto de caixas gigantescas e peças de metal ou aço, espalhadas por todo canto. Equipamentos e toda essa baboseira que meu Kelvin com certeza entenderia muito melhor que eu. A festa estava concentrada em um canto, contudo, mais ao fundo da sala algumas pessoas estavam procurando outros lugares mais íntimos para continuar a festa particular deles (tá, posso até parecer puritana... *é que, sei lá, isso deveria ser algo tão, mas tão íntimo que não entra na minha cabeça o modo*

como eles tornavam essas coisas tão banais.).

E, de repente, eu o vi sentado no alto, em um bando de ferragens que cruzavam o teto, seus pés balançando de um lado para o outro, olhar distante, acompanhado de caneta e papel na mão.

Minha cabeça voltada para alto alarmou Kate.

— O que tanto está olhando? — ela também se virou para olhar.

— Estou tentando encontrar um bom motivo para aquela criatura estar pendurada no teto durante uma festa como essa. — apontei para que ela finalmente encontrasse o sujeito estranhamente sentado na armação do teto sem expressão nenhuma em seu rosto.

— Você tem cada gosto — disse e deu uma olhada ao nosso redor. — Anda, vai lá com ele, eu te conheço! — exclamou.

— Mas e você? Você veio comigo. —

Busquei entender o que ela queria dizer com esse tal de "eu te conheço", porém, seu olhar não me disse nada que eu já não soubesse... ela estava de olho no Phil.

— Eu... vou ali com o pessoal... beber alguma coisa quem sabe... — falou, fazendo aquela expressão de garota apaixonada (*não que seja possível descrever essa expressão, porque definitivamente não é*).

— Você tem cada gosto! — revidei sorrindo. Coloquei as mãos em seus ombros e a virei em direção ao Phil. — Anda, vai lá, eu conheço você!

— Ei, essa fala é minha! — disse sorrindo e apressou os passos em direção ao garoto mais nojento que eu conheço e por quem, para meu desgosto, minha melhor amiga está perdidamente apaixonada.

Esperei que Kate chegasse bem próxima do "pessoal" para voltar meus olhos para o macaco

perdido e preso no telhado.

— *Como ele chegou lá?* — sussurrei para mim mesma.

Havia vigas e mais vigas de ferro, dispostas em todas as posições, aquilo parecia um parquinho feito de ferro fundido. Um verdadeiro "brinquedo" para gente grande. Então, percebi que eu teria que escalar até lá. Não foi muito difícil.

Não resisti ficar só o observando de longe, em alguns segundos eu já estava bem perto. Então me aproximei em silêncio e me sentei ao seu lado desajeitadamente. Nossas roupas eram estranhamente semelhantes, o que me fez sorrir.

— A vista até que é bonita, mas ainda estou tentando entender você... — Eu tentava ler o que ele tinha escrito naquele papelzinho.

— Por que não voltou para me ver? — ele perguntou, seu rosto ainda sem expressão alguma e seu olhar distante e um pouco triste.

— Eu... — enrolei e enrolei. — Não sei.

— Está com medo? — ele perguntou e então me olhou (*o que fez com que ele passasse os olhos dos meus pés à minha cabeça e escondesse um sorrisinho que eu custei a entender, tratava-se de um sorrisinho de deboche, a minha roupa de menino ajudou muito nesse momento*).

— Não sou fã de altura, mas eu fiquei com medo de atirar alguma coisa em você para que descesse e acabasse te derrubando. Seria uma queda e tanto, uns trinta metros eu diria. — disse de forma descontraída.

— Não foi isso que eu quis dizer — ele rebateu e dobrou o papelzinho com cuidado.

— Quanto a ir lá para fora amanhã? Explorar um mundo sombrio e devastado? Rever todo aquele pesadelo na minha cabeça outra vez? —

perguntei e segurei seu queixo com a ponta dos meus dedos. — Vai ser moleza! — brinquei.

— Você não existe, Angie!

Ele acabou sorrindo e finalmente segurou a minha mão entre aquelas mãos quentes e suadas (*tirando o "suadas", até que era muito bom*).

— Não vai ser fácil, nada de moleza. E pelo que a Ípics me disse, as chances de voltarmos com vida são praticamente inexistentes, *maaaaas* (*eu alonguei esse "mas" para valer*) você vai poder contar comigo. Sabe, eu estou aqui para isso... — Neste instante eu parei e pensei no que estava dizendo. Como a garota retraída e muda que eu era havia mudado, "crescido" eu diria. Eu estava diferente e tudo isso se devia a Hector.

Ele se levantou devagar, segurando-se e, em seguida, apoiou minha mão para que eu também me levantasse.

— Eu quero te mostrar um lugar! — ele disse com um sorriso enigmático.

— Quer que eu te siga sem saber para onde está me levando, é isso? — ele fez que sim com a cabeça — *Okaaay*! Eu não tenho muito juízo mesmo — rebati. Ele sorriu e SUSSURROU pertinho do meu ouvido.

— Eu sei! Você é maluquinha! — falou e começamos a descer pelo "parquinho de gente grande".

Quando ele chegou ao solo, estendeu os braços para que eu pulasse em seu colo, claro que eu não estava muito distante do chão, no máximo uns três metros, em um gesto de confiança eu pulei. Ele me segurou e abriu o sorriso mais lindo de todos. O DELE.

Borboletas Estomacais.
Risos.
Ímã.

Hector.

Beije-me.

Beije-me.

Ele me colocou no chão delicadamente e entrelaçou nossos dedos. Saímos feito fugitivos. De mansinho, cuidando para que ninguém nos visse. O que era algo impossível, afinal, quem estava sóbrio viu claramente dois malucos descendo do telhado, mas ainda assim, era algo engraçado e divertido de se fazer.

Voltamos para o corredor que dava de frente para o elevador, corredor este, cheio de gente "se pegando" ou "enchendo a cara", nada divertido de verdade na minha humilde opinião. Enquanto caminhávamos para o elevador, Hector tampou meus olhos na tentativa de que eu não visse um casal em uma situação embaraçosa, a qual prefiro não comentar (*OK. Eles estavam com as mãos subindo e descendo pelas costas um do outro, o que me deu a*

entender que aquilo não ficaria só nos beijos.).

— Hei! — exclamei quando ele cobriu meus olhos com suas mãos.

— Não e não, mocinha! Fica quietinha, você é muito jovem para ver essas coisas. — ele disse engrossando a voz. Finalmente no elevador...

— Mas seus dedos estavam esparramados no meu rosto, eu vi praticamente tudo!

— Sua pervertida! — disse com uma cara de espanto muito teatral.

— Não sou pervertida e é por esse motivo que odeio "festinhas". — o elevador não parava mais de subir, o andar que ele havia apertado era o do Aeroporto, só não entendia o porquê de ele estar me levando para ver Naves e Aviões. — Eu deixei a Kate lá sozinha.

— Não se preocupe, o Phil vai cuidar dela — ele disse olhando para o teto do elevador (*receio que ele goste de telhados*).

— É isso que me preocupa de fato, o Phil.

Ele não prest... — engoli algumas letras, afinal eles eram amigos e eu não queria estragar o clima entre nós nesse exato momento.

— Eu sei, mas eu acho que ele gosta dela para valer, o que já muda um pouco as coisas — tentou esclarecer.

Ele não tirava os olhos do teto, não sei se estava constrangido ou tramando um plano maquiavélico para me matar assim que o elevador parasse.

— Talvez — eu rebati com a voz quase inaudível.

Hector segurou minha mão com firmeza assim que a porta se abriu. Nossos olhares se cruzaram. Ele arqueou o corpo e saiu de mansinho me puxando atrás dele. Arrastou-me para uma porta com a seguinte placa: SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO. Claro, eu arregalei os olhos, para onde esse cara estaria me levando? A porta nos levava a uma

escadaria sem fim, e começamos o árduo trabalho de subi-la. Muitos degraus. Muitos mesmo. Certamente eu já estava ficando sem ar quando as escadas acabaram.

— Dá um tempinho, odeio exercícios aeróbicos. — sussurrei ofegante.

Ele apenas me olhou. Aguardou e, quando eu estava pronta, suspirei alto.

— OK. Vamos para onde agora? — disse na esperança de que haveria elevadores desta vez.

— *Shiiiiiu*! — disse com o indicador nos lábios.

Pegou minha mão novamente e me levou para umas escadas do tipo de segurança no fim do corredor (*aquelas escadas de metal, minúsculas e cercadas de arcos que quase sempre nos levam a algum tipo de telhado, o que não foi surpresa nenhuma para mim*). Eu o

olhei como quem diz: ESTÁ DE BRINCADEIRA, NÃO É? Ele apenas balançou a cabeça em direção ao Teto (*neste caso, uma pequena porta com um puxador sujo de graxa*).

Empurrei com cuidado a portinha (*cujo puxador não falava, graças a Deus*), e passei espremida por aquela pequena abertura. Hector seguiu atrás de mim desta vez, e, após passar seu (*lindo*) corpinho pela abertura, encostou a portinha.

Nossos relógios brilhavam em verde fluorescente devido à escuridão que se seguiu.

— Onde você está? — eu engatinhava à procura de algum interruptor, às cegas.

— Procurando o botão! — sua voz parecia distante, foi aí que eu gelei (*senti que ele iria me matar no escuro, porque seria menos doloroso para ambos, seria sorte eu estar errada*). — Achei! — exclamou entusiasmado.

E o TETO se abriu, como um teto solar, coberto por somente um vidro espesso, foi aí que eu consegui enxergar o cômodo. Baixo, com cheiro de umidade e cheio de caixas fechadas. Enquanto o metal cedia lugar ao vidro, lentamente, milhares de estrelas apareciam através dele. A visão era resplandecente, magnífica, deslumbrante, encantadora e sublime. Eu, definitivamente, nunca havia visto tantas estrelas e de uma forma que parecia que eu conseguiria tocar nelas. Com o Mundo "apagado" as estrelas se tornavam lindas lâmpadas naturais. Eu estava de "queixo caído".

— Esse é meu refúgio! — ele disse com uma voz doce, aproximando-se de mim. Senti a respiração próxima à minha nuca, seus braços envolveram meu corpo, seu peito colou-se às minhas costas e seu queixo se alojou em meu ombro.

— É, é... — gaguejei — in-incrível! — Eu

não conseguia tirar os olhos do TETO “solar”.

— Fica melhor quando você deita para observá-las. — ele sugeriu.

E deitamos de barriga para cima e assim permanecemos durante um bom tempo, observando as estrelas “paradas” e apontando para as que passavam “correndo”. Suas mãos procuravam as minhas e nossos dedos buscavam um ao outro. Foi o instante mais emocionante da minha vida.

— Você é bem mais bonita — sussurrou.

— Como? — perguntei tentando entendê-lo.

— Você! Você é bem mais bonita do que todas elas juntas... — respondeu e pude ver seu rosto corando.

— As estrelas? — perguntei sorrindo.

— Sim! — ele comprimiu os lábios de tanta vergonha.

— Você é maluquinho! — sussurrei de volta.



Parte XII

"O segundo primeiro"

Ela estava perfeitamente linda e seus olhos verdes brilhavam tanto quanto aquelas estrelas. O que eu sentia por aquela garota só aumentava a cada segundo. Eu me sentia um bobo. De certa forma, nada daquilo tinha sido planejado, não era um encontro em si, só estávamos fugindo da festa. Aquilo havia se tornado nosso refúgio.

Eu ficava babando por ela e ela por todas aquelas estrelas. Nada era novidade para mim, mas para ela parecia que eu havia lhe dado o melhor presente de todos. Quando eu descobri aquele lugar, eu não tinha a menor ideia de que ele era uma espécie de Observatório, acredito que os Magnas o utilizam para ter uma pequena noção de como o planeta está do lado de fora.

Eu trombei no botão porque procurava um interruptor, eu fiquei tão pasmo que achei que era tudo mentira, ilusão e que eu estava ficando louco. No mundo do outro lado do vidro, uma imensidão sem nenhuma luz sequer, a não ser por aquelas bolas de fogo espalhadas no céu. Aquela era sem dúvida a melhor de todas as coisas com relação ao "fim do mundo".

Eu estava a alguns minutos encarando-a sem piscar. Ela se virou para mim e colocou seu cabelo atrás da orelha.

— Quer dizer que você fica explorando os lugares proibidos ao invés de dormir? — questionou, tão empolgada e sorridente o que consequentemente também me proporcionava um sorriso bem largo de satisfação.

— Na verdade, já faz alguns anos que descobri esse lugar... Eu estava andando por aí e quando vi gente se aproximando me escondi aqui. — Ela se colocou de joelhos e sentou

sobre os pés para ouvir e eu continuei — eu estava procurando um jeito de acender a luz quando apertei o botão do "teto solar" e me deparei com essa visão encantadora de um céu onde as estrelas brigam para ocupar todo o espaço lá de cima. Assim, tudo parece tão calmo lá fora, o oposto do que andam nos preparando para encarar. — Era a vez dela de me olhar sem piscar, então, eu me sentei para olhá-la nos olhos — O que foi? — interrompi.

— Nada — ela soltou uma gargalhada meio contida.

— Depois eu que sou maluco.

— Mas você é! — afirmou com convicção.

Ela sorria de um jeito que me deixava arrepiado. O modo como disfarçava a timidez mexendo no cabelo a deixava tão meiga que eu tinha vontade de mordê-la.

— O que será que tem lá fora? — ela

interrompeu o silêncio que tentava se estender.

— Seja o que for, não imagino que seja bom, além desse céu maravilhoso, não creio que exista mais nada ... Humm, que seja bonito.

— Nós nunca vamos ter uma vida normal, não é mesmo? Nunca nada vai voltar a ser como era antes. — ela baixou o olhar.

— Talvez. Isso te incomoda? — perguntei com a voz o mais baixo que consegui e levantei seu queixo com a ponta dos dedos — como ela havia feito em mim lá na festa, enquanto estávamos sentados nas ferragens do teto—, até que ela voltasse a ficar com os olhos na altura dos meus.

— Não é meu sonho ficar aqui trancafiada para sempre, sabe como é, eu sou uma garota. — Acho que corei, de certa forma eu também não gostaria.

— Desculpe decepcioná-la. — brincando, fiz a expressão mais triste que consegui.

— Como se a culpa fosse sua... — Ela ficou

pensativa por alguns minutos e continuou. — A culpa é sua?

— Eu não comecei a Guerra, mas quem sabe se eu não poderia ter feito alguma coisa para que ela não acontecesse. — Nem eu sabia direito o que eu estava falando.

— Duvido muito. — Sua expressão era um misto de espanto e alegria.

Uns minutos silenciosos se seguiram e eu resolvi agir.

Taquicardia.
AVC.
Estou morrendo.
Morrendo de Amor.
Doente por Angie.

Aproximei-me. Ela estava ainda sentada sobre os pés e eu sentado, encostado a uma parede, com as pernas flexionadas à frente do

corpo e afastadas. Ela estava quase do meu tamanho, talvez pouca coisa mais baixa. Acho que ela leu meus pensamentos. Ficou de joelhos na minha frente, bem próxima, tentando ajeitar meu cabelo. Fechei os olhos para desfrutar daquele momento único.

— Angie, você sabe que eu gosto muito de você, não sabe? — perguntei ao abrir os olhos, encarando-a.

Ela fez que sim com a cabeça. Seus olhos marejaram.

— Então, quero que saiba também que só não sigo adiante com isso porque temo o que pode acontecer amanhã depois que partirmos... tudo fica meio incerto — suspirei.

Ela acenou com a cabeça de novo.

— Anjo, me desculpe, eu gostaria que fosse diferente. — tentei me desculpar.

— Você não tem culpa, para com isso! — ela suplicou. — Até alguns dias atrás você me

odiava e isso sempre foi recíproco de minha parte. Ninguém deve desculpas a ninguém, eu acho. Eu sei que não voltaremos com vida e, talvez, duraremos alguns dias do lado de fora, isso se dermos sorte. Eu te entendo perfeitamente, mas quero poder morrer me lembrando desse momento...

Eu a interrompi e segurei seu rosto com delicadeza, eu também queria guardar aquele momento tanto quanto. Sua respiração ficou acelerada, estávamos próximos demais e isso era um tanto perigoso. Ela colocou as mãos no meu rosto e nossas testas se apoiaram. Ficamos nisso por um bom tempo. Ora de olhos fechados absorvendo tudo, ora de olhos abertos, sentindo tudo de forma intensa e registrando o momento na memória.

— Angie — sussurrei.

— Oi? — sussurrou de volta.

— Eu te amo! — sussurramos juntos, em

uníssono, como um coro. Senti minha face ficar quente, acho que estava bem corado a essa altura. Ela também estava. Ela sorriu. Eu retribuí.

»»»»»»»»»

Eu custei a acreditar no que eu tinha acabado de ouvir (*mas custei mais ainda a acreditar no que aconteceu depois*).

Não sei como, quando ou por que aconteceu. Quando caí em mim, estávamos nos beijando, um beijo lento, suave, delicado e romântico, muito romântico. Não sei se ele ou se eu... Não sei. Simplesmente aconteceu.

Depois de "acordar" e perceber o que estava acontecendo, ainda demorei alguns segundos para parar o beijo, eu queria sentir aqueles

lábios por mais tempo. O beijo mais doce, o melhor beijo de todos (*não que eu tivesse dado muitos, na verdade, quase nenhum, mesmo assim não tenho a menor dúvida de que foi o melhor*).

Era como se eu tivesse estado fora de órbita, um beijo tão apaixonado, foi algo tão ansiado que nos perdemos no tempo, fomos para outra dimensão. Sentia-me mais leve e meu coração estava pulsando em minha garganta, quase saindo pela minha boca. Minhas mãos tremiam e suavam de um jeito desnecessário e nojento (*até para uma garota como eu que não liga muito para essas coisas*).

Quando paramos, eu não sabia se corria ou se aproveitava o momento e lascava outro beijo naquela linda boca, se eu cortava os pulsos de vergonha ou se tentava me desculpar. Escolhi o último, mesmo não tendo a absoluta certeza de que fora eu que o havia beijado e não o contrário.

— Desculpe-me... desculpe-me... me perdoe! Não sei o que aconteceu! — falei encabulada. Ele ainda parecia meio incrédulo, o que me fez pensar que a iniciativa foi minha.

— Você não precisa se desculpar! — ele disse abrindo um sorriso, porém, ainda com um ar de preocupação pelo modo desesperado com que eu me desculpava freneticamente. — Aconteceu!

E ele tinha razão. ACONTECEU. De um modo mágico, mas aconteceu.

Desmoronei, estava muito envergonhada. O modo como ele falava me fez entender que eu é que o havia beijado. Sentei sobre meus pés e coloquei as mãos no rosto desejando desaparecer. Mas eu tinha acabado de dizer para aproveitarmos o momento, será que usei isso como pretexto para voar para cima dele? O que eu fiz? Que vergonha!

— Você... você sentiu? — indaguei. Eu estava tentando encaixar as peças e entender o que tinha acontecido — Ah, esquece!

— Sentiu que o tempo parou? — ele perguntou de repente.

— Você também? — ficamos espantados. Eu, particularmente, estava em choque.

— Tudo bem! — ele tentava me acalmar, sereno como eu nunca o tinha visto antes.

— Mas como? — eu me perguntava baixinho.

Ele me abraçou e me aconchegou em seu colo, apoiou minha cabeça em seu ombro e ficou mexendo em meus cachos até que eu estivesse calma o suficiente para voltar para o andar dos quartos.

Aquele era meu segundo primeiro beijo.

Perfeito.

Emocionante.

Romanticamente inesquecível.

Hector.



Parte XIII

"Tchau, Bunker"

Acordei com um sorriso tão grande que acho que as pessoas poderiam vê-lo até mesmo se eu estivesse de costas. Eu ficava repassando aquele momento na minha cabeça, deitada, amassando o travesseiro. A vergonha tinha dado lugar a um sentimento de "borboletinhas tontas no estômago" ou quem sabe isso seria fome, afinal de contas, eu não havia comido nada na festa e nem antes disso, estava somente com o almoço de ontem, ou seja, não estava com nada no estômago (*cientificamente falando, porque se eu contar as borboletas poderia dizer que eu tinha comido milhares delas*).

Tomei uma ducha, vesti-me e corri para o elevador para dar de cara com quem eu não imaginava ver logo cedo.

— Ah! Oi! — disse enquanto apertava o botão do andar do Salão de Comunhão, Cantina, Sala do Rango ou como preferir chamar.

— Olá, como está, anjo? — Seu cabelo penteado para o lado, seus braços fortes pela primeira vez à mostra em uma regata azul, suas pernas hipertrofiadas enlatadas dentro de um jeans justo demais. Óculos de sol com armação dourada e lentes bem escuras (*sim um óculos de sol em um bunker, isso mesmo*).

— Bem — encarei os óculos, — aonde vai? Tem alguma piscina por aqui e eu não sei? — brinquei.

— Vou testar os brinquedos em que vocês sairão hoje. — E deu seu formoso sorriso no canto dos lábios.

— Você é piloto também? O que você não é? — fiquei surpresa, eu perguntei enquanto saíamos do elevador e caminhávamos em direção ao delicioso aroma de panquecas.

— Não sou médico, não ainda. — ele entrou na brincadeira.

— Ainda! — confirmei.

Eu estava entrando no salão (*lotado, já que eu não tinha escutado o relógio apitar e dormido uns minutos a mais*) quando ele me puxou para si. Apoiou as mãos, uma em minha nuca e outra em minhas costas. Beijou-me de uma maneira que Kate diria que foi "com pegada", mas eu não gostei nem um pouco. Encarei-o com decepção e raiva assim que ele me soltou.

— Perdoe-me, mas talvez eu nunca mais tenha outra chance como essa — ele se explicou.

— Você também acha que vamos morrer? Que ótimo! — coloquei o indicador apontado próximo ao seu nariz e esbravejei — Pois saiba que eu vou viver, vou voltar e vou dar o tapa que você merece por sair beijando as pessoas

sem a permissão delas!! Só por que é mais velho, é uma autoridade por aqui e é bonitão acha que pode fazer o que quiser? — questionei indignada e, sem esperar que respondesse, saí.

Aparentemente ninguém viu o que aconteceu entre mim e Jesse no corredor, a criançada estava ocupada demais com as panquecas. AS PANQUECAS! O cheiro estava me matando e deixando as "borboletas estomacais" ainda mais alvoroçadas. Peguei uma bandeja e fiz praticamente uma montanha de panquecas, peguei uma calda de chocolate só para mim e um café com leite para acompanhar. Olhei ao redor e vi Hector, que piscou para mim e apontou um lugar ao lado do seu. A 1ª Ordem estava sentada na mesma mesa (*e Kate, ela também estava lá, ao lado de Phil*). Todos "papeavam" sem controle, era impossível entender alguma coisa. Sentei-me e sorri para Hector.

— Dormiu bem? — perguntou após dar um beijo em meu rosto.

Naquele instante todos se calaram e nos encararam para nos ouvir com atenção, estavam boquiabertos e o espanto deles era visível a quilômetros de distância.

— Bateram a cabeça? — Philip perguntou esganiçado.

— Quem? — Hector perguntou indiferente.

— Vocês dois, quando não estão se matando estão de "namorico"! — Kate observou.

— Qual o problema? — perguntei.

Todos balançavam a cabeça sem compreender. E era verdade, realmente nem eu mesma entendia essa relação de amor e ódio entre nós dois. Contudo, como ninguém estava de fato interessado em nossa vida complicada, voltaram a fofocar sobre os mesmos assuntos

inúteis de sempre, como se nada tivesse acontecido.

Baixei a cabeça e me concentrei nas panquecas. Hector não parava de me olhar, eu o vislumbrava com o canto dos olhos, enquanto mandava as panquecas para dentro.

— Você come como um menino — afirmou.

— Obrigada! — respondi me virando para ele, dando um sorriso com calda de chocolate por toda minha boca.

— Você não existe! — completou, limpando com o próprio dedo a calda que escorria pelo meu queixo e, por fim, lambendo o dedo.

— Você é nojento como um menino! — retruquei.

— Obrigado! — respondeu.

Quando estávamos nos retirando do salão, após depositar as bandejas em seus devidos lugares, como de costume, saí na frente em

direção ao elevador.

— Aonde vai? — Hector gritou quando eu estava prestes a entrar no elevador.

— A.. ah.. — gesticulei até que a porta se fechasse. Não queria que ninguém soubesse onde eu estava indo.

Quando cheguei ao andar da Ordem do Kelvin e o elevador finalmente se abriu, passei como um vulto pelos corredores até o quarto do meu irmão (*as idades eram separadas em Ordens e cada uma possuía seus próprios andares com suas respectivas salas principais, como o Salão de Comunhão, Salão de Treinamento, Salão de Informação, Biblioteca, e essas coisas essenciais para a formação*).

Entrei sem bater e peguei-o de toalha, jogando algum jogo de ação no seu computador (*por que eu não tenho um computador?*).

— RÁ! — falei, pegando-o desprevenido e o fazendo saltar com o susto.

— Angie! — disse e levantou correndo para me abraçar, esquecendo o fato de estar só com a toalha enrolada no quadril (*fiquei constrangida, afinal de contas, ele não era mais uma criança, mesmo sendo o meu irmãozinho, agora era quase um homem*).

— Esse é o uniforme por aqui? Que folga. — interrompi nosso abraço para beijar o topo de sua cabeça que ficava pouca coisa mais baixa que a minha, agora eu tinha que ficar na ponta dos pés para conseguir beijá-lo nesse ponto, antes, era ele quem ficava para que eu não precisasse me abaixar muito.

— Ah, desculpe, hoje é meu dia de folga, realmente não esperava ver ninguém. — disse puxando uma camiseta de cima da cama para vesti-la do lado avesso.

— Kel?

— Oi?

— Me dá isso aqui! — ordenei, tirando a camiseta do corpo dele de volta, desvirando-a e

a vestindo novamente nele.

— Angie! — ele disse envergonhado. — Eu sei me vestir.

— É, eu sei, é por isso que ia colocar a camisa do lado avesso. — ele me olhou como se eu fosse uma maluca.

— Você é igual à mamãe.

E um silêncio mortal pairou no quarto.

— Desculpe! — disse, tentando me fazer voltar para a realidade de novo. Eu estava congelada.

Chacoalhei a cabeça e esfreguei as mãos no rosto.

— Esquece. Só esquece. — Baguncei seu cabelo.

Outro silêncio mortal.

— Você vai ficar bem? — perguntei,

sentando-me na beira da cama dele.

— Se você voltar, eu vou. — ele disse. Ridiculamente vestido com uma dessas camiseta de nerd e uma toalha branca pendurada no quadril. Seus olhos marejaram.

Olhei para baixo, eu precisava ser forte, não poderia chorar, eu era tudo que ele tinha como exemplo agora, mas a ideia de deixá-lo, de partir e de nunca mais voltar a vê-lo me deixava atordoada.

Dor de cabeça.
Pontadas.
Enxaqueca.
Maldição.

— Kel... — Apalpei o espaço ao espaço ao meu lado, indicando para que ele se sentasse.

— Eu posso ter cinco ou cinquenta anos, ainda vou querer você cuidando de mim. — disse e se aconchegou no meu colo. — Menos

na frente de outras garotas, claro.

— E vou voltar, eu preciso voltar... — Fechei os olhos para que as lágrimas escorressem de uma vez por todas — Mas, caso eu não volte... — Passava as mãos em seu cabelo bagunçado. — Você precisa ser forte como tem sido até hoje.

— Eu só fui forte porque você sempre esteve comigo, Angeline. Você não os substituiu, mas supriu a falta muitas vezes. Eu não chegaria até aqui sem você. Sei que pensa que sei me virar sozinho, mas tenho certeza de que enlouqueço se minha irmã me abandonar.

— Não vou te abandonar, eu não escolhi isso, mas eu vou voltar, devo um tapa no seu professor! — ele me olhou novamente como se eu fosse maluca.

— Meu professor? O West? — ele perguntou, encarando-me.

— Siiiiim! — disse quase sem voz.

— Posso perguntar por quê?

— Você não entenderia... — Ele me encarou como se eu o tivesse ofendido seriamente. — OK, OK. Jesse me beijou à força! — empreguei tanta ênfase àquela frase que acho que o corredor todo ouviu meu lamento.

— Ah, é isso. — ele voltou a ter uma expressão tranquila e continuou. — Eu já sabia.

— Seu traidor — repreendi.

— Eu não tenho culpa se você faz o maior sucesso. — Dessa vez fui eu que o encarei como se ele estivesse louco. — É isso mesmo, você não é só o assunto da sua Ordem, é de todas.

Minha vida estava de ponta cabeça, antes eu era a garota estranha e perturbada, porém agora, eu era "O" assunto de todas as Ordens. Era assustador me ver dessa forma.

— Por quê? — ousei perguntar, mas não fui louca a ponto de admitir que eu preferia ser beijada pelo Hector.

— Porque você ultrapassou os recordes dos testes, porque você é a primeira garota a conseguir disparar na frente de um garoto em pontuação total da 1ª Ordem... e porque você é minha irmã e isso te torna o máximo! — exclamou.

— Isso é porque somos geneticamente modificados — eu disse com cara de tédio. Brincando é claro.

— Tem razão, você é a garota fera em ação, eu sou o garoto fera em engenharia de programação, computação, aeronáutica, elétrica e etc, etc, etc. — ele disse com a expressão que, com certeza, um gênio de verdade faria ao se gabar.

— Não me humilhe, oh, gênio! — caçoei.

Rimos, brincamos e passamos algumas horas fazendo coisas de irmão, como tirar onda com a cara do outro, sabe, curtir o pouco tempo que nos restava juntos. Era divertido, mas ao mesmo

tempo eu pensava que talvez nunca mais visse aquele sorriso, o sorriso que me lembrava de nosso pai.

Eu olhei para o relógio, as horas estavam voando... ainda precisava ver a Kate, então, eu me apressei.

— Ranhento, preciso ir, te vejo mais tarde na Despedida?

Havia sempre uma grande festa de comemoração poucas horas antes de uma Ordem ser enviada para alguma tarefa, porque afinal de contas, deveríamos aproveitar, iríamos todos morrer, como aqueles que já haviam saído e nunca retornado, ou, os que tinham voltado, estavam tão insanos que era quase como se não mais existissem. Enfim, a Despedida era uma das poucas festas em que todas as Ordens se reuniam e desfrutavam fartamente de comida e diversão.

— E por acaso eu recuso comida à vontade? Ainda mais aquele manjar servido nessas ocasiões! — ele comentou como se eu fosse muito idiota a ponto de fazer uma pergunta tão óbvia.

— Está bem, até logo, Ranhento! — apertei meus lábios contra sua bochecha até que ficassem vermelhas.

— Você deveria parar de me chamar assim.

— Eu gosto.

— Só você.

— Te amo, Ranhento! — sussurrei fechando a porta atrás de mim.

»»»»»»»»»

Angie havia desaparecido sem deixar pistas, apesar de eu ter absoluta certeza de que ela estaria com o irmão ou com a amiga. Sem ela por perto, eu não tinha muita ideia do que fazer

para me distrair, até lembrar que eu precisava ver alguém também.

Tomei o elevador até as salas de testes laboratoriais, sem dúvida ela estaria lá. Levei certo tempo até distingui-la das outras loiras vestidas com jalecos, mas consegui.

— Sayllor? — perguntei em voz baixa, o que fez com que ela se virasse para mim.

— Hei, gatinho, o que faz aqui? — perguntou, tirando as luvas de trabalho.

— Podemos conversar em particular? — indaguei e apontei para um canto solitário em meio àquela multidão de branco.

Caminhamos em silêncio até lá.

— Então? — perguntou-me.

— Sabe de alguma coisa? — questionei com um sorriso torto e forçado.

— Da Tarefa? Não, ainda não, mas os Magnas parecem preocupados dessa vez. — disse relutante.

Eu achei que iria surtar. Esses caras não estavam nem aí para nenhum de nós, então, se estavam preocupados com alguma coisa, a coisa era muito séria.

— Como assim? — perguntei. Não dava para esconder o susto que tomei.

— Parece que existem focos de sobreviventes dos ataques. Sobreviventes das Guerras. Existe muita coisa lá fora, muita coisa mudou! — revelou. Ela estava séria e serena, nem parecia ter dado a pior notícia do mundo.

Na verdade eu já esperava algo assim, havia boatos, muita coisa horrível lá fora, coisas que eu não tinha ideia de como ia enfrentar.

— Olha, eu vou te mostrar uma coisa, mas você tem que prometer que não vai sair correndo e nem contando para todo mundo! — ela continuou e, dizer aquilo, confesso, não ajudou nada.

O que ela ia me mostrar que me faria sair correndo? Sayllor me conhecia, ela tinha

crescido comigo, tirando o fato de que ela era apaixonada por mim. O que estragava tudo é que ela era uma garota muito insuportável quando estava perto de outras meninas, porém, ela era o que eu tinha de mais parecido com uma amiga naquele lugar infernal, éramos eu, ela e Phil.

Acenei afirmativamente. A partir daquele momento, eu já queria sair correndo, agora sei por que Angie foi melhor nos testes, ela tinha sangue frio para essas coisas, eu a invejava.

Eu segui Say até os corredores, um verdadeiro labirinto de laboratórios. Entramos em uma sala escura, com apenas uma luz negra que fazia Sayllor ficar inteiramente roxa.

— O que é esse lugar? Onde estamos? — perguntei olhando para os lados e tateando algumas coisas.

— *Shiiiiiu*! Fica quieto! — disse, tapando minha boca. — Se nos pegarem aqui, estou morta!

— Droga, Sayllor, isso é ilegal? —

Esbravejei, abafado pela mão da garota roxa.

— Pior que isso! — explicou e retirou a mão que já estava me sufocando. — Agora cala essa boca!

— OK! — sussurrei.

Ela pegou um álbum de fotos, daquele tipo que eu não via desde que estava no Bunker. Ele era preto e tinha uma placa prateada onde uma sigla estava entalhada: AS. Arquivo Sigiloso, Say me explicou.

As fotos eram fortemente aterrorizantes. Odeio dizer, mas, agora eu tinha certeza de que nunca voltaríamos se saíssemos daquele cubo de metal enterrado, mais conhecido como Bunker.

— Os Sobreviventes e os Parrecidis se uniram.

Eu estava me esforçando para entender aquelas palavras, ela folheava o álbum com as fotos aéreas de FSA (Focos de Sobreviventes Assassinos), tudo codificado para dificultar a

minha compreensão, sorte que a loira ao meu lado era entendida dos assuntos de alto escalão.

— Seus Guardiões são Parrecidis que deram certo. Essas coisas — apontou — são efeitos colaterais de se estar vivendo em um solo atingido por radioatividade, muita radioatividade. Os sobreviventes se parecem com pessoas, mas estão modificadas, eu diria que bestificadas. Elas se parecem com pessoas, mas são basicamente mortos-vivos.

— Zumbis? — perguntei no mesmo tom de voz que ela estava usando.

— Não exatamente. Quando alguém sofre a incidência das bombas nucleares como essas pessoas sofreram, elas morrem. De fato, esses focos estavam distantes do local onde as bombas caíram estrategicamente, lugares aonde a radioatividade chegou tempos depois das explosões e todas as coisas que vieram a seguir. Essas pessoas não morreram porque seus corpos se adaptaram ao novo tipo de ar em que estavam

cercadas, um ar radioativo.

— E querem que a Ordem vá para esse lugar? — interrompi.

— Querem que vocês acabem com eles. Se os extinguirem, podemos pensar em como alterar o ar, isso é o processo de *Initium* que os Magnas falam. Para que Phoenix exista, precisamos extinguir tudo o que está lá fora, tratar tudo o que sofreu a incidência das bombas, para então repovoar. Vai levar milênios, acredito eu, mas é possível.

— Então, não querem sobreviventes?

— Não.

— Querem matar essas coisas, digo, pessoas e Parrecidis, porque são efeitos colaterais do Processo *Initium*? Eles criaram os Parrecidis, jogaram lá fora e agora querem que os cacemos? E os sobreviventes já não sofreram demais? — perguntei revoltado. Parei por um instante e pensei alto — Aliás, o que eles comem?

— Gente — ela disse para depois tampar a

boca com as mãos.

— Como assim?

— É uma guerra. Os que ganham consomem os que perdem. Acho que é isso — explicou quase sem voz, segurando-se para não vomitar.

— Preciso de um tempo para isso entrar na minha cabeça! — esclareci.

— Ninguém pode saber, Hector! Ninguém, só disse isso para que esteja preparado para enfrentar tudo isso!

— Ninguém vai saber! — garanti e saí. Fui tropeçando em meus próprios pés, segurando-me para não correr, para não transparecer o meu medo.

Loucura.

Sobreviventes.

Parrecidis.

Apocalipse.

Estômago Embrulhado.



Parte XIV

"Traje a Rigor"

Dei de cara com a Kate assim que entrei em meu quarto, sentada em minha cama, ela mantinha uma expressão de espanto em seu rosto e apertava a colcha da cama como se ela pudesse escorregar de seus dedos. Eu já havia visto Kate assim antes e não imaginei que fosse acontecer de novo tão cedo. Os pesadelos. Aqueles tormentos noturnos que a encarceravam.

— O que está fazendo aqui? — perguntei com o máximo de tranquilidade que consegui.

— Eu... Eu preciso te contar uma coisa! — ela disse batendo o queixo como uma pessoa que sente frio.

— Diga. — corri e me sentei ao seu lado. Eu estava certa que a seguir viria uma bomba, então me preparei para o pior.

— Outro sonho Angie. E esse me deixou demasiadamente atormentada, muito mais do que o comum. — ela vidrou os olhos na parede a sua frente e cuspiu o que a incomodava — Você estava no sonho! — meus olhos quase saltaram das órbitas oculares ao ouvir aquilo, o que eu poderia estar fazendo em um dos pesadelos da Kate? Coisa boa é que não poderia ser. — Você estava vestida de branco e seus olhos derramavam sangue chorando. Vacilava em seus passos, se arrastava para chegar ao lado de alguém. Seu rosto estava pálido e as gotas de carmesim brilhavam como escarlate. E uma grande poça acerejada se esparramava ao redor, da sombra desfalecida ao seu lado cujas lágrimas gotejavam no peito, e em sua túnica branca, agora quase tão vermelha quanto o sangue que emanava de seus olhos vingadores.

— então se sucedeu uma pausa, Kate respirou fundo, colocou a mão sobre a minha, me olhou por alguns instantes. Eu estava tão espantada que minha respiração havia acelerado e meu peito subia e descia em descompasso. Quando seu rosto se voltou adiante ela prosseguiu, novamente seus olhos haviam se petrificado e seu rosto voltara a ficar sem nenhuma expressão. Era como se ela pudesse ver aquilo se passar na sua frente naquele exato instante. — Eles então se aproximaram, tiraram-no de você, por mais que você resistisse a isso. Eles o levaram para longe e você assistiu o que havia se tornado um banquete. Era a regra deles, e agora era a regra para todos. Soldados e Monstros unidos para assistirem o fim uns dos outros enquanto os Magnas assistem ao show.

— Eu não entendo, foi só um sonho não foi? — eu perguntei a mim mesma interrompendo-a.

— Sonhos, pesadelos, realidade, enfim, tudo a mesma coisa. — ela disse desolada — Esse

lugar é tão ruim que eu não sei mais quando estou tendo pesadelos ou quando estou acordada.

— É só um pesadelo "*Cat*", nada disso faz sentido, não é como se fosse uma premonição! — aleguei tentando convencer a mim mesma que o pressentimento ruim dentro de mim era só um alarme falso.

— Talvez. — foi como ela conseguiu concordar.

— Pensa comigo, como eu choraria gotas de sangue? — disse forçando um sorriso.

— Prefiro nem imaginar. — ela disse apertando as próprias bochechas e deixando as mãos escorregarem por seu rosto em um suspiro.

Ambas parecíamos mais calmas, mas o silêncio que se prolongou depois da última frase foi muito constrangedor. Depois de algum tempo resolvi quebrá-lo.

— Que tal nos arrumarmos para a Festa?

Como da última vez? — ela me olhou de cima a baixo.

— Vai com o mesmo vestido?

Apenas confirmei com um gesto de cabeça.

— Não! — ela surtou. Eu arregalei os olhos. — Você não pode!

— A não ser que queira que eu vá enrolada em um lençol eu vou ter que repetir o vestido. — esclareci.

— Essa vai ser A F-E-S-T-A! — ela disse dando tanta ênfase na palavra festa que me senti um tanto tapada. — Você precisa deixar todos de queixo caído! — e começou a estalar os dedos de forma compulsiva, como fazia sempre que precisava de uma alternativa rápida.

— Eu não tenho outra coisa para vestir. — soou como uma pergunta.

— Quieta, estou pensando. — seu rosto pensativo me arrancou uma gargalhada. — Enquanto isso, por que não toma uma ducha? — sugeriu.

Resolvi não questionar, peguei uma toalha na cômoda e segui em direção ao banheiro. Kate permaneceu ali, estalando os dedos e pensando. Resolvi deixar a porta do banheiro entreaberta caso ela resolvesse me dar mais alguma ordem.

Kate deu dois toques leves na porta do banheiro e entrou. O vapor havia deixado o banheiro enevoado como em um sonho e eu mal conseguia enxergá-la.

— Vou até meu quarto pegar algumas coisas, não demoro. Capriche no banho! — disse enquanto vasculhava alguma coisa na pia do banheiro.

— Sim, mamãe! — rimos.

Então ela se retirou. Permiti-me mais alguns minutos no banho, deixando a água quente escorrer pelo corpo. Desliguei o chuveiro, me sequei e enrolei a toalha no tronco, cobrindo as partes importantes.

Toctoctoc...

Eu mal tive tempo abrir a porta, escondendo-me atrás dela para não ser pega de toalha, e a coisa ruiva e branca entrou desfilando pelo meu quarto. Fechei a porta em seguida.

— Oi, por onde andou? — questionei curiosa ao secar meu cabelo com uma toalha extra.

— Fui convocada para uma Reunião Extraordinária do Conselho Magna! — ela disse emplumando a voz.

— Nossa, deve se sentir muito importante. — respondi sem muita empolgação focada em secar os fios que insistiam em ficar encharcados.

— Na verdade foi muito ruim, não tinha comida, estou faminta!

— Aliás, o que você come? — disse levantando uma sobrancelha.

— Uma ração. Horrível por sinal! — uma raposa não tem muitas expressões faciais e também sou *expert* em identificar emoções de

um animal, mas neste caso eu reconheceria aquele olhar como o de desprezo.

— Ótimo, minha comida nunca foi muito boa também, mas sustenta, tenho que admitir.

Toc toc...

Dois toques leves. Kate?

— Pode entrar! — gritei. PARA QUÊ?

Ao passar pela porta fiquei sem reação. Fui pega de toalha por ele e não pude deixar de notar o sorriso malicioso desenhado em sua boca. Hector!

— Por que toda vez que entro em seu quarto você está de roupão ou toalha? — disse abrindo um sorriso largo que me fez corar.

— Nem sempre. — eu disse baixinho.

— Tudo bem, não fique assim, já te vi com menos roupa do que isso. — alegou. E o rubor aqueceu meu rosto todo.

— Viu? — acabei me engasgando ao dizer isso. — Quando?

— Quando fomos jogados como cobaias em uma sala de vidro somente com roupas íntimas. Lembra-se? — e outro sorriso sedutor. Ele deu um passo à frente e eu um atrás.

— OK! Você prefere que eu me vire para que possa se trocar? — disse e seu olhar escalava meu corpo, várias e várias vezes.

— Não. — eu disse para só depois perceber o que eu tinha dito. Seu rosto havia ganhado uma expressão de alegria que eu nunca tinha visto antes. Alegria e empolgação. — Na verdade estou esperando a Kate com algum vestido. Não tenho o que vestir para a festa de despedida. — tentei me explicar.

— Que você não tem o que vestir eu reparei. — ele disse quase sussurrando o que fez um

arrepio subir minha espinha.

Dessa vez ele se aproximou e eu não hesitei, apenas fiquei estática. Sua mão encontrou minha nuca.

— Preferem que eu saia? — Ípics disse para ser ignorada. — OK, eu fico na porta caso alguém chegue. — e foi ignorada de novo.

Eu estava suando frio após ter tomado um banho quente, talvez fosse uma febre. Uma febre chamada Hector.

»»»»»»»»»

Fiquei pensando no quanto ela me odiaria se conseguisse ler pensamentos. Não tenho culpa. Era a visão do paraíso, e eu sou um mero mortal, mortais tendem a salivar diante de deusas gregas envoltas em toalhas. Minha mão criou vida própria ao buscar sua nuca. Meus

olhos se concentraram em sua boca, assim, talvez quem sabe, seria mais fácil me concentrar no presente momento.

Seus lábios se mexeram, mas nenhuma palavra ousou sair por eles. Ela me encarava com desejo e era recíproco. Quando me dei conta, novamente estávamos atracados em beijos para lá de *calientes*. Eu havia encostado Angie contra a parede e minhas mãos estavam incontroláveis a fim de explorar aquele monumento.

— Hector... — suspirou.

— Sim? — disse com o mesmo tom de voz suave que ela tinha me dirigido.

Entre beijos, travamos um confuso diálogo.

— Não foi isso que você veio fazer aqui. — afirmou.

— Mudei de ideia. — esclareci, sucumbido pelo desejo.

— O que veio fazer aqui? — perguntou.

— Não lembro mais. — afirmei.

— Hector? — tentou interromper minha mão que vagava pela toalha, torcendo para que ela não existisse.

— Oi! — disse enquanto beijava seu pescoço.

— Você não pode fazer isso! — tentou fazer parecer uma ordem.

— Então você não pode ficar na minha frente de toalha! — disse sincero.

— Desculpe! — ela se desvencilhou dos meus braços e correu para o banheiro, fechando a porta. — O que você queria?

— Perguntar com quem você vai à Festa.

— Com a Kate — gritou de dentro do banheiro.

— E ela vai de Smoking? — perguntei elevando o tom de voz para que ela me escutasse.

— Não.

— Quer ir comigo? — perguntei quase implorando.

— Não vai me “atacar” desse jeito de novo? — questionou, abrindo a porta alguns centímetros para espiar e ver se eu iria dizer a verdade.

É, eu tinha que me conter, caso contrário a assustaria com a intensidade dos meus sentimentos.

— Não vou atacar você de novo... A não ser que você peça! — brinquei.

— Idiota! — sussurrou.

— Diz que sim?

— OK!

— Volto quando estiver pronta! — e saí Eu precisava me arrumar e ficar à altura.

Ela disse alguma coisa enquanto eu saía, mas o som da porta batendo atrás de mim me impediu de ouvir claramente. Estava em êxtase e acabei nem ligando para o que ela havia dito. Em pensamento pedi para que não fosse algo do tipo: *“mudei de ideia, vou com outro garoto”*.

À medida que a água morna percorria meu corpo e desaguava pelo pequeno ralo quadrado, as imagens que Sayllor havia me mostrado corriam em flashes em minha mente, eu estava absolutamente aturdido com o episódio de ter de matar pessoas inocentes... remoer a ideia de que eu também já tinha matado alguém em treinamento não me deixou mais otimista.

Eu queria e precisava contar isso a Angie, mas prometi que aquilo não sairia daquela maldita sala escura. Malditas promessas feitas na hora errada. Ficar confiante era o que eu precisava e, naquele momento, tudo no que eu conseguia pensar era em como eu havia mudado, eu estava fazendo parte daquilo que eu mais temia: tornar-me um deles.

Egeu estava graciosamente empoleirado sobre meu guarda-roupas, sua cauda tomava conta de todo o espaço, as penas cobriam as

maçanetas e me impediam de procurar algo descente para vestir. Isso. Concentrar-me em ver meu Anjo e espairecer minha mente com um pouco de ponche e um belíssimo banquete talvez conseguissem ocupar o espaço das lembranças ruins sobre o que eu poderia enfrentar assim que colocasse os pés para fora do Bunker. Mas essa ideia não me abandonava.

— Pode chegar sua cauda mais para lá? — disse, procurando a maçaneta por trás das penas com o maior cuidado possível.

— Por que o mau humor? — ele perguntou ao pousar sobre minha cama deixando a cauda cair sobre ela, formando um escudo ao redor de sua corpulenta plumagem.

— Não foi um bom dia.

— Nervoso com a Missão? — ele parecia ler meus pensamentos.

— É um dos principais motivos. — pensei por um segundo.

Talvez eu pudesse compartilhar com Egeu a informação que Say tinha me passado, porém ele havia sido criado por Eles, talvez não fosse seguro. Eu não sabia se podia confiar em meu Guardião, o que era um problema, mas ele sempre adivinhava o que eu estava pensando de uma forma muito assustadora, resolvi que Egeu precisava saber, pois sentia que ele poderia contribuir de alguma forma para melhorar essa confusão que estava começando a me dar dor de cabeça.

— Você sabe o que vamos enfrentar não sabe? — questionei, torcendo para ouvir um *Sim* e não ter de explicar muita coisa.

— Sei sim, e se quer um conselho, seja indiferente. — Vindo de uma ave mitológica, parecia algo fácil de dizer, afinal, devia ser fácil falar aquilo quando você acabou de ser projetado geneticamente para ser uma criatura invencível.

— Não creio que seja tão simples assim. —

minha voz quase não saía.

— Fique ao lado da sua namorada. — sua fala me fez erguer uma de minhas sobrancelhas (*eu tinha entendido certo?*).

— Como assim? — indaguei confuso.

— Não posso explicar, apenas fique próximo a Cabo Strauss e vai ter sorte! — suas palavras não faziam o menor sentido.

A porta levou uma surra e Phil entrou ajeitando o Smoking.

— Sabe dar nó em gravata? — perguntou, quase dando um nó em seus próprios dedos no esforço de arrumar a gravata.

— Sabe bater na porta? — eu disse vestindo as calças.

— Não. — muito sincero. Phil olhou para Egeu e em seguida para mim. — Não estão prontos ainda por quê?

— Eu estou pronto, só preciso de sapatos! — me ajoelhei para procurar um par embaixo da

cama.

— A festa não é a fantasia, não vão deixar você entrar vestido de Gogo Boy! — zombou contendo o riso.

— Preciso de sapatos, uma camisa, um smoking... — sentei na beirada da cama e calcei meus sapatos bicudos.

— Precisa de um relógio! — exclamou. — Gravata! — disse estendendo-a para mim.

— Obrigado! — disse pegando-a. — Agora só falta a camisa — brinquei.

— É minha. — tomou de minha mão.

— Por que não pede a Kate que te ajude? Não vou ficar dando uma de mulherzinha ajeitando sua gravata. — expliquei, vestindo uma camisa e desamassando-a no corpo.

— Por que o mau humor? — disse se aproximando e revirando meu guarda-roupa atrás de um smoking, gravata e quem sabe alguma meia também.

— Por que Angie não vai gostar de chegar à

Despedida com um Gogo Boy! — tentei parecer mais relaxado.

— Toma! — ele foi jogando em cima de mim as peças que ainda faltavam vestir. — Oh, uma meia, e o par dela? — questionou, segurando uma meia preta que aparentemente era uma filha única.

— Está no banheiro, eu espero! — fui buscar.

Dei uma última olhada no espelho para ajeitar o cabelo com as mãos e o gel em um topete. Claro que a ideia do topete foi do Phillip. Eu estava me sentindo um rico, ridículo e desengonçado.



Parte XV

"Despedida"

Kate me apareceu com um vestido branco acetinado, com costas inteiramente nuas e o decote na frente nada conservador. Aos poucos ela foi soltando meus cachos que estavam sendo definidos em bobs, organizou a cabeleira de forma meio presa, meio solta e colocou uma tiara prateada de três fios adornada com borboletas de cristais (*não me pergunte onde ela consegue essas coisas por aqui!*).

— Nada mal. — eu disse de frente para o espelho. — Você é boa em operar milagres.

Dessa vez as sandálias eram mais altas, entretanto as tiras eram bem firmes e se

enroscavam na minha perna até a altura das panturrilhas, que ficavam em evidência devido a um corte lateral que deixava minha perna direita quase inteiramente à mostra.

Kate estava com um vestido *Mullet* dourado, também frente única. A calda do vestido era leve e esvoaçante, dando-lhe um poder muito sedutor. Seu vestido estava ornamentado em transparências na parte que deveria cobrir seu abdômen. Nossos vestidos eram literalmente *"de matar"* qualquer um do sexo oposto.

— Como estou? — perguntou dando um pequeno giro no lugar para que o vestido fizesse seu trabalho de ricochetear o vento.

— Eu me casaria com você... Se eu fosse o Phil, claro! — brinquei.

Estávamos brincando e cantando de frente para o espelho quando a porta se abriu. E duas estátuas de Smoking empacaram na frente dela.

— Preciso de ar! — gritou Phil boquiaberto.

— U-A-U. — disse Hector praticamente soletrando.

— É, somos lindas! — Kate disse desfilando elegantemente no corredor estreito até a porta.

— Duvido que exista alguém mais bonita que você! — sussurrou em meu ouvido (*quase me matando*) quando me aproximei e lhe ofereci o braço para caminharmos até a Sala Magna.

Sorri tentando parecer pouco encabulada. Só para deixar claro, não deu certo.

A Sala sempre fez jus ao nome, mas hoje parecia apertada devido à quantidade de gente espremida dentro dela. Impossível contar.

A música tocava agitada, a decoração era feita de coisas que brilhavam no escuro e as bebidas seguiam o mesmo estilo neon. Todas as idades, todas as Ordens, todos. Do mais alto nível e escalão de Ordem aos mais baixos

níveis que se dava a pequenos seres correndo entre os adultos, brincando de algo que envolva correr muito.

Unimo-nos aos demais integrantes da Ordem para partilharmos da mesma ansiedade de sair correndo e não cumprir missão alguma. Parece que todos forçavam o sorriso e tentavam transmitir confiança... Se eles estavam assim, imagina como eu estava ao pensar em deixar Kelvin sem o único membro da família que restara vivo: eu!

— Gostando da comida? — perguntei a Kate, que se deleitava em uma apetitosa quiche rosada.

— Não faz ideia! — disse cobrindo a boca com a mão livre.

Krista surgiu com uma câmera fotográfica cegando todos com seus flashes.

— Kris! — Tom a abraçou por trás e a tirou do chão, desconcentrando-a e nos dando um

minuto para recuperar a visão.

— Uma câmera? Onde conseguiu essa relíquia? — Miranda tomou o objeto das mãos de Krista e começou a ver as fotos.

— Trouxe na mochila quando vim para cá. — afirmou a ruiva abraçada por um urso.

— Ótimo. Podemos tirar uma foto só nós dois, não é, querida? — Tom indagou mimando-a, enquanto bagunçava as madeixas cor de ferrugem.

— Vocês aproveitem para ficar com esse mel enquanto podem. — disse Miranda com indiferença.

— Por que diz isso? — Peter se intrometeu.

— Não duvido que assim que colocarmos os pés do lado de fora desse detestável Bunker estaremos tão loucos que acabaremos matando uns aos outros. — terminou a frase com uma risada maléfica que nos deixou um tanto incomodados.

— Você não consegue ficar feliz com nada,

não é? — Tom interveio com seu tom sereno a ponto de deixar um silêncio entre nós.

Phillip mimando Kate. Tom irritando Krista. Hector me encarando. Peter de olho nas garotas do salão. Miranda olhando para as unhas.

— Vamos dançar? — Krista veio saltitante me perguntar. Acenando para Kate e para Miranda se juntarem a nós.

— Okay. — disse olhando para Hector.

— Vamos, meninas! — Kate insistiu para que Miranda também viesse.

E, de repente, estávamos todas dançando uma música agitada, todas entrosadas como grandes amigas. Mal sabíamos o quanto isso seria importante lá fora. Ou talvez só piorasse a dificuldade das nossas escolhas.

Logo os meninos não aguentaram e se juntaram a nós. Miranda não teve outra opção, não resistiu ao sorriso de Peter e teve de dançar com ele (*até a Miranda tem coração, não é?*).

Estava tudo a mil maravilhas, mas conforme as horas passavam, meu estômago ficava mais embrulhado. A ansiedade não largava meu pé. Hector percebeu minha angústia e me chamou de canto. Sentamos nas escadas (*uma enorme escadaria que dava para o palco*). A música soava lenta e o salão estava à meia luz. Tudo muito propício para que eu desabasse no colo dele a chorar.

Angústia
Desespero
Aflição
Martírio
Tormento

— Por que não me conta o que está passando por essa cabeça? — perguntou cutucando minha testa com cuidado e bom humor.

— Medo — confessei, deixando meus ombros se curvarem e abraçando meus joelhos.

Hector apenas me olhava com um sorriso que se desfez aos poucos até formar uma linha reta.

— Não precisa ter medo, Anjo. Eu estou aqui! — disse abrindo os braços para que eu me confortasse. Não recusei. Afundei meu rosto em seu smoking amassado.

— Não consigo ser durona o tempo todo... Sabe, principalmente quando se trata do meu irmão, não queria precisar deixá-lo aqui sozinho.

Ele acariciava meu braço fazendo um calor subir por todo meu corpo. Quando meus olhos começavam a marejar ele ergueu meu queixo e soprou meu rosto. Seu hálito era incrivelmente gelado e tinha cheiro de chiclete de uva. Tive de sorrir. Ele limpou as lágrimas assim que elas escorreram.

— Já sei! — ele disse.

— O quê? — questionei curiosa.

— Vamos fazer Kate prometer que vai cuidar dele como se fosse seu próprio irmão. — Ele

fez parecer a maior descoberta do mundo. Seu sorriso se alastrava reluzindo sua face e eu não conseguia parar de sorrir para ele.

— É, ela vai ficar de olho nele para mim. — eu disse dando batidinhas no rosto com a ponta dos dedos para não borrar a maquiagem. A obra de arte da Kate em meu rosto.

Hector me abraçou forte do nada, depois me pegou no colo e me colocou de pé. Ajeitei o vestido às pressas. Eu estava um degrau acima dele na escada, nossos olhos na mesma altura. Encarei-o por alguns segundos, mas minha timidez falou mais alto e acabei por baixar a cabeça e alisar a saia do vestido como um novo tique. Não conseguia me concentrar se aqueles lindos olhos claros me fitassem. Eram como um ímã. Hector funcionava como um ímã para mim, às vezes me atraía, outras me repelia. Uma loucura.

— Oi! — sussurrou a fim de que eu o

encarasse. Levei um minuto para fazer o mesmo.

— Oi! — sussurrei de volta. As maçãs do rosto coradas.

Uma de suas mãos sorrateiras deslizou até minhas costas nuas, os pelos dos meus braços arrepiaram. A outra buscou uma de minhas mãos.

— Caríssima Donzela — beijou o colo de minha mão —, dar-me-ia a honra de uma dança? — repetiu o beijo e, gradativamente, levantou o olhar até o meu.

— Mas até onde sei, Sua Alteza não dança muito bem. — justifiquei entrando na brincadeira.

— Prometo não pisar em seu delicado pé, minha Princesa. — piscou.

Descemos as escadas lentamente e era como se todos tivessem ido embora, o salão passara a ser só nosso e a música agradável nos embalou em uma dança que vinha de ambos os corações.

Permaneci junto ao seu corpo o quanto pude. Fechei os olhos para gravar aquele momento.

»»»»»»»»»

O silêncio que se seguiu ao término da dança era quase ensurdecedor. Quis aproveitar o minuto para tentar sentir aquilo novamente. Sair fora de órbita assim que nossos lábios se encostassem. Infelizmente fomos interrompidos com alguns toques no microfone. A General teria algo a anunciar.

Limpou a garganta antes de começar.

— Bem, todos sabem o quanto estamos orgulhosos de poder enviar mais uma equipe para A Missão. Nossos jovens foram muito bem treinados para enfrentar o que quer que seja necessário desbravar para reconstruirmos uma Sociedade no mundo lá fora. Estamos honrados

em saber que desejam cumprir com seus deveres e ajudar no desafio de tirar Phoenix do papel! — seu tom rude me preocupava, Husher costumava ser muito gentil, muito além do que um General comum poderia. Parecia ter decorado um texto. Seus olhos vagavam em alguma coisa a sua frente, como se estivesse sendo obrigada a dizer aquilo, forçada a enviar jovens a uma missão suicida. De fato.

As terríveis imagens voltaram a me atormentar. Senti meu estômago embrulhado e uma leve pontada começando a sufocar minha mente.

Furor

Desespero

Desalento

Pânico

Angie apertou minha mão. Retribuí o

consolo.

— Quem morrer primeiro perde. — eu disse forçando um sorriso.

— Mas é claro. Não poderia ser diferente. — ela me olhou como se eu fosse louco. Talvez eu fosse sim. Louco de sair desse Bunker sabendo o que encontraria do outro lado.

Estávamos em uma fila horizontal diante do palco. Os sete futuros presuntos.

— Por favor, apresente-se, 1ª Ordem! — pediu a General, fazendo um gesto em nossa direção.

Hesitei. Talvez essa fosse minha última chance de sair correndo, mas Angie me olhou e sorriu.

Subimos e na mesma formação ficamos diante de toda a população do Bunker. Senti que minha alma havia saído de meu corpo e me assistia ir para o circo de horrores que a Terra

se tornou. Por alguns minutos tive a impressão de estar vendo milhares de Parrecidis e a espécie de "zumbi" que as pessoas que sofreram a influência nuclear se transformaram, no lugar de todas aquelas crianças, adolescentes e jovens que me secavam com um olhar, alguns admirados, outros com ar de inveja e alguns com lágrimas nos olhos (*os que choravam eram os mais preocupantes, será que sabiam o que eu teria de enfrentar? O que eu teria de proteger Angie de enfrentar? Espera aí. Angie!*).

Mexi os lábios com a intenção de que servisse para que ela entendesse a mensagem: "Precisamos conversar!". Eu precisava mais do que conversar, eu precisava dar um jeito de que ela não fosse, era necessário protegê-la. Ignorei o receio que senti a respeito dessa conversa.

Como todos previam, Angeline foi apresentada como capitã. Após a apresentação

individual no palanque e de milhares de discursos históricos, a festa seguiu, entretanto, assim que fomos dispensados até a manhã seguinte, onde as aeronaves partiriam rumo ao suicídio, arrastei-a com o máximo de delicadeza possível para um canto reservado. O corredor. O elevador. O meu quarto... Nada era seguro para uma confidência como a que deveria fazer. Corri para a sala secreta com o "teto solar", era o único lugar que eu poderia garantir que não haveria câmeras ou escutas. Ela não parecia empolgada em correr com sandálias de salto ou um vestido tão fino.

Deslizamos pelos corredores sinistramente vazios e silenciosos. Angie logo atrás de mim segurando a barra do vestido, respirando com dificuldade e pedindo encarecidamente para que eu fosse mais devagar.

Angie não sabia o que nos aguardava e ela merecia saber, sem dúvida seria eleita a Capitã assim que partíssemos. Assim que conseguimos

fechar a porta da sala eu despejei as palavras em cima dela como um furacão.

— Anjo, você não pode ir! Não pode ir! — eu a segurava pelos ombros em meio à escuridão, mas um feixe iluminava seu semblante assustado — É muito perigoso, você definitivamente não pode ir!

— O que é isso, uma piada? — ela questionou em tom cético.

— Não, eu sei o que tem lá fora, você não vai querer ir, é assustador, não quero mal a você! — minhas palavras saíam inexpressivas, meu rosto estava petrificado por pensar no que poderia acontecer a minha amada.

— É uma brincadeira, não é? É bom que seja. — Ela se soltou de meus braços e cruzou os dela sobre o próprio peito. O feixe só a deixava ainda mais encantadoramente bela.

— Não quero que se machuque... — comecei.

— Tarde demais, eu estou nessa Batalha e é

para vencer, sei dos riscos que a envolvem, sei que nunca mais posso ver meu irmão. Só não entendo o porquê de você em um minuto me apoiar e incentivar a deixar o Kelvin com a Kate e no minuto seguinte passar a implorar para que eu não vá para a Ação! Acha mesmo que eu vou perder essa oportunidade? — ela me interrompeu, senti suas veias da fronte se dilatarem, sua voz ficou ainda mais séria e imponente, ela sabia o que estava fazendo de alguma maneira. *Eu não confiava em mim mesmo, mas ela, por outro lado estava certa do que deveria fazer. Talvez se ela visse as fotos. Mas eu não a queria assustada, não mais do que ela já estava.*

Não queria que ela pensasse de forma alguma que eu estava fazendo isso para que ela não fosse promovida, eu só queria evitar que meu pior pesadelo aconteça: perder meu anjo. Até então, uma barreira de silêncio inquebrável

estava estagnada entre nós, eu estava perplexo com minha atitude e impressionado em vê-la tão determinada. Fiquei pensando se o que tinha me motivado a dizer essas coisas era o fato de que eu tinha tanto medo de morrer que não poderia aceitar que ela estava melhor preparada que eu para tal fatalidade.

— Anjo? — sussurrei ainda com a cabeça baixa.

— Só diga que não vai deixar isso subir à sua cabeça. Se quiser o cargo eu te passo! — ela disse dura e friamente.

— O quê? — custei a acreditar.

— É isso, não é? — ela me encarou fazendo com que eu não conseguisse desviar meu olhar do dela — Você está mesmo tentando ser promovido e tentando evitar que eu seja?

— Não! — quase gritei — De jeito nenhum.

— Então? — questionou.

— Só promete que se eu pedir para você

correr ou fugir você vai fazê-lo? — minha voz estava embargada e em minha garganta havia nós, vários nós entrecortando minha respiração já dificultosa.

— Não posso prometer isso, somos todos soldados, estou indo para conquistar o que quer que seja, mas estou indo para voltar com honra! — era como se ela implorasse para que aquela conversa não se estendesse, seu tom de voz ia baixando a cada palavra dita, seu olhar ficava mais distante a cada letra expelida, sua expressão variava entre pânico e desejo. Resisti à parede entre nós por meio segundo e a abracei o mais forte que consegui sem esmagá-la.

— Angie... — ela apoiou a cabeça em meu ombro, estava na ponta dos pés mesmo de salto, senti suas lágrimas como gotas de orvalho, quase imperceptíveis deslizando por meu terno.

— Hector — soluçou — Não me deixe mais assustada do que já estou. — pediu.

— Vou cuidar de tudo, meu amor! Se for para

morrer que seja ao seu la...

— Não diga isso! — colocou o indicador sobre meus lábios entes que eu terminasse de falar. — Nunca mais repita isso! — E foi então que nossos lábios se encontraram em um gesto de desespero e dor, a angústia nos sufocava, mas nosso destino continuava a nos empurrar precipício abaixo.

Logo meus braços foram parar em suas costas, despidas de tecido, e minhas mãos frias e desajeitadas me fizeram encerrar o beijo que começava a ficar quente demais, com medo de que ela sentisse o frio que minhas mãos (*e somente elas*) emanavam de meu corpo.

Seu vestido era muito sedutor e resolvi que para o nosso bem, minhas mãos deveriam ficar longe de suas costas. Porém, isso não durou muito tempo, um ímã nos puxava, escolhi outro lugar, então apoiei ambas as mãos em seu rosto. Macio e delicado, com bochechas naturalmente

rosadas e um brilho único. Entre aqueles beijos havia sorrisos de ambos os lados. Meu corpo falava por mim, a minha felicidade era tanta que me olhos transbordaram.

— Desculpe — implorei. Sorríamos.

— Por que está chorando? — ela enxugou as lágrimas com sutileza e beijou minha mão como sinal de que eu deveria confiar nela para lhe contar.

— Eu achei que nunca mais voltaria a ser feliz desse jeito, desde que... Você sabe... — respirei fundo — perdi minha mãe.

Seu sorriso torto de lábios cerrados fez meu coração pular.

»»»»»»»»»»

Eu não conseguia acreditar que Hector estava tramando contra mim. No fim, meu sexto sentido

parecia mais do que certo. Eu precisava sair dessa ilesa. Estava sufocando a raiva dentro de mim, eu não poderia explodir em fúria naquele momento, eu teria de ser fria e calculista, planejar como iria fazer com que ele ficasse aos meus pés. Ele estava sendo muito egoísta, se gostasse realmente de mim ficaria feliz em me ver com o cargo de Capitã. Porém, algo me incomodava lá no fundo, e eu ainda não sabia identificar de onde isso vinha. Ele estava emotivo demais para um garoto, era quase como entregar o disfarce, ele estava atuando comigo, era isso ou eu estava definitivamente ficando louca.

Era possível eu estar ficando louca, de certa forma eu concordava. Tive de assimilar muitas coisas malucas em pouco tempo. Guardiões, um melhor amigo sacana, um quase namorado louco de ciúmes querendo minha posição como capitã. Eram coisas demais e

tempo de menos. Tudo me deixava confusa e a dor de cabeça começava a apontar no fundo da minha mente. Um mau presságio.

— Vai ficar tudo bem. Precisamos ir. Eu te protejo se você me proteger — não sabia mentir muito bem, mas a necessidade de entrar no jogo e descobrir a verdade sobre Hector me tornou a melhor atriz de todos os tempos. Apesar de a profissão ter sido extinta.

Nossos relógios de pulso sincronizaram um sonido agudo. A hora era chegada. Senti um frio na espinha que fez uma pontada na minha cabeça turvar minha visão por alguns segundos. Pisquei algumas vezes e logo estava prostrada para a saída prestes a ter um surto.

— Mais um minuto. — pediu encarecidamente.

— Porq... — fui cortada por um beijo

lancinante que me entorpeceu. Hector havia me colocado contra a parede e as luzes da sala o deixaram com um brilho dourado hipnotizante. Os beijos eram avassaladores e a nossa atração mais forte do que eu conseguia conter. — Calma — pedi entre os beijos.

— Perdi o juízo quando me apaixonei por você. — esclareceu e depois voltou sua atenção para encher meu pescoço de beijos.

Raiva.

Furor.

Ira.

Rancor.

Eu cedia a cada beijo e isso me irritava, eu queria odiá-lo, mas o que meu corpo dizia ia contra o que minha mente atormentada por dores me indicava ser a melhor saída. A mais segura. A que me preveniria de muito arrependimento.

— Hector — pedi.

— Anjo. Sabia que fica muito linda quando está brava? Ou envergonhada? Ou com sono? Enfim, de todas as maneiras. É linda. Não mereço ter você, não é?

— Como assim? — questionei confusa.

— Você é muito mais do que eu mereço. — explicou com seu rosto indecifrável, a cabeça pendendo lateralmente enquanto organizava as mechas do meu cabelo que ele havia tirado do lugar.

Confesso que eu fiquei petrificada. Sem reação. As palavras dele tinham uma ação estranha sobre meu corpo.

— Precisamos voltar.



Parte XVI

"A Partida"

Uniformes impecáveis.
Sorrisos nervosos.
Mãos trêmulas.
Nada poderia piorar.

Percebi que pensei cedo demais quando vi Angie e o guarda-roupa ambulante conversando descontraidamente. Ela havia fugido do assunto e de mim e agora estava sorridente e feliz conversando com Tomas. *Sim, muito infantil de minha parte pensar assim.*

Nossa nave esquisita em forma de letra A era branca e praticamente indestrutível. Feita com metais retirados de muito fundo do subsolo terrestre, metais quase brutos. Mas a cor era

intrigante por não ser nada facilmente camuflável a meu ver.

Nossos uniformes eram brancos e prateados, parecendo armaduras medievais assustadoramente futuristas. *Eu me perguntava como é que conseguiríamos respirar do lado de fora depois de todo o estrago, como sem nossos conversores eletrônicos presentes nas calefações do Bunker. Uma grande engenhoca mecanizada que convertia moléculas de gás carbônico em oxigênio. Nem me pergunte como*.

A nave não possuía janelas e essa sensação não era nada agradável, minha respiração começava a ficar desregulada conforme o passar do tempo ocioso à espera da decolagem. A princípio, tudo parecia como os antigos aviões. Assentos duplos, todos enfileirados e apontados para a porta de saída e a porta da sala de Controle onde evidentemente algum piloto ficaria. Apesar de que a hipótese era a de que

seria tudo automático e dirigido através de alguma sala eletrônica de dentro do Bunker, porque diabos ninguém além de nós sairia da zona de conforto para morrer sem sorte assim que colocasse os pés do lado de fora. Contávamos com fileiras com três pares de assentos, muito confortáveis e inteiramente reclináveis pelo que eu havia visto.

Todos evidentemente ansiosos por dentro, porém confiantes por fora. Não me sentia tranquilo sem meu guardião por perto. A palavra Guardião soava como um calmante natural aos meus ouvidos, mais ainda depois de ver do que aqueles seres eram capazes. Uma segunda nave os levaria, uma maior e que suportasse o peso deles, uma que viajaria com menor velocidade que a nossa, mas não tardaria a chegar. A cadeira ao lado da minha estava vazia, Angie estava sentada com Peter. Peguei-me roendo as unhas.

— O que estamos esperando ainda? — Miranda soltou impaciente, enquanto brigava para se soltar do cinto.

— Desculpem pela demora. — a General justificou-se ao adentrar nossa nova casa voadora. — Eu vim lhes desejar boa sorte. — disse em tom solene.

— Vamos precisar! — disse em voz baixa.

— Eu também preciso anunciar os dois, piloto e copiloto, que irão acompanhar e guiar vocês durante sua Missão. — ela fez um gesto para que saíssem da sala que eu supunha que seria onde os controles de voo ficassem.

Ouviu-se um som de surpresa no ar. West e Pavlovsky. Nossos guias.

— Bem-vindos a bordo! — Jesse cumprimentou fazendo sinal de sentido, gesto copiado prontamente por todos.

— Kat! — Angie gritou.

— Vocês têm somente vinte minutos antes de partirem. Vou encontrar nosso Sargento enquanto isso. — Husher piscou.

»»»»»»»»»

— Hei, Kat! — chamei novamente, batendo com a mão no colo para chamar "menos" atenção — Venha cá, mocinha!

— Sim, Capitã! — debochou.

— Como? Quando? Por que não me contou? — gesticulava sem parar apontando para seu belíssimo uniforme.

— Depois que reprovei no teste, Jesse me indicou para o treinamento, ele disse que sabia que você gostaria da ideia. Ele gosta muito de você e, sinceramente, prefiro você e ele a você e o Hector. Eca. — expressão de nojo.

— Não sei qual seu problema com o Hector, mas eu gosto dele. — deixei claro. — Enfim,

fico feliz que vou poder matar alguma coisa e contar para você em seguida. — ri forçado.

— Preciso checar algumas coisas, não queremos morrer antes mesmo de chegar ao nosso destino. — ela disse preocupada.

Senti um arrepio subir pela minha espinha e não era daqueles do tipo que o Hector provocava com seus sussurros. Senti que alguma coisa ruim estava por vir. Perdida em pensamentos divaguei enquanto a contagem regressiva se acabava, o solavanco da aeronave se levantando e as turbinas em alta velocidade, tudo parecia tão distante. O botão do cinto soltou-se automaticamente. Não havia volta. Segurei o apoio para braço da cadeira com tanta força que o tecido deixou minhas unhas penetrarem. *Kelvin! Kelvin! Eu preciso protegê-lo! Não posso morrer!*

— Angeline? Está tudo bem? Você está

pálida! — Peter segurou meu rosto com as mãos.

— Ar! — a voz quase não saiu.

— Alguém ajude, ela não consegue respirar! — ele gritou se levantando. Senti as veias do meu pescoço se dilatarem.

Eu arfava. Senti uma multidão me envolver. Vi Hector, seu rosto preocupado. Husher me abanando com as mãos. Sara, chegando com uma garrafa de água. Aí tudo escureceu.

Kelvin.

Por favor.

Kelvin.

Preciso voltar.

{...}

Primeiro senti as mãos frias e levemente suadas segurando as minhas, depois, quando comecei a forçar a visão em busca de alguma imagem nítida eu o vi.

— Hector... — senti minha boca seca e uma agulha aparada por uma dezena de fios no meu braço esquerdo.

— Anjo, que susto me deu! — acariciava meu rosto.

— Água. — implorei com a voz rouca e quase inaudível.

Segurou minha nuca e me deu de beber de um cantil emborrachado.

— Você teve uma queda de pressão. — explicou. Mas eu não queria saber, só havia um motivo para o desmaio, a minha preocupação.

— Kelvin. — sussurrei e ele teve de aproximar o ouvido do meu rosto para ouvir.

— Está tudo bem. Ele deve estar bem melhor do que você, pelo menos mais corado que você! — caçoou. Um sorriso tímido apareceu. — Continue deitada, relaxe um pouco, parece muito tensa. Eu preciso voltar para a reunião. Quando

se sentir melhor, estamos no andar inferior.

— Andar inferior? — a aeronave não era tão pequena, mas também não era tão grande a ponto de ter vários andares.

— Sim, cozinha, banheiros, quarto, uma sala médica, onde você está agora, a sala de reunião, uma sala de armas... e eu ainda não explorei tudo. São somente três andares. Preciso voltar...

— Espere, vou com você. — garanti me sentando.

— Já está melhor? Ainda me parece muito pálida. — observou.

— Está tentando me tirar da jogada de novo? — esbravejei, e foi suficiente para o ar me faltar de novo.

Apoiei uma mão no peito e fechei os olhos para me concentrar em voltar ao normal.

— Viu. Eu disse. — se agachou ao meu lado.

— Deve ser a enxaqueca voltando. — disse e me levantei devagar, soltando um suspiro longo e demorado. — Vamos!

— Alguém já te disse o quanto você é teimosa? — perguntou ao me apoiar com um braço ao redor da minha cintura. Juntos caminhamos.

A sala estava silenciosa e os olhares se voltaram para nós assim que entramos. Todos com expressões de pânico. Husher tentava consolar Krista, que estava em estado de choque. Tomas deu um soco na mesa (por sorte de algum metal) e o sonido ressoou como um eco na minha cabeça.

— O que houve? — perguntei. Hector me sentou ao seu lado.

— Pa-pa-rrecidis. — Kris gaguejou trêmula.

— Droga. — ouvi Hector dizer em voz baixa.

— Par o quê? — perguntei em dúvida.

— Parrecidis, assassinos, monstros ou coisa

pior. — Phil explicou.

Husher apertou um botão em um controle e uma imagem surgiu onde antes não havia nada. Contive um grito. Krista não.

— Cale a boca, patricinha ruiva! — Miranda explodiu com as mãos sobre os ouvidos. — Pensou que ia encontrar Ursinhos Carinhosos assim que saíssemos do Bunker?

— Ursinhos Carinhosos? — Peter perdido no assunto.

— Não sei, minha avó que dizia isso. — respondeu indiferente. Deu de ombros.

A tensão aumentou e logo todos falavam ao mesmo tempo.

— Por que não me deixam falar? — A General implorou. Sara apareceu trazendo uma pequena mala prateada e a colocou no centro da mesa. — Trouxe o que eu pedi?

— Sim, Senhora. — A Sargento respondeu e

se sentou junto à mesa, entre Tomas e Miranda.

A imagem continha fotos aéreas de um foco de Parrecidis e "Humanos". Pareciam zangados. Senti meus pelos do braço eriçarem. Permaneci em silêncio desde que entrei na sala, minha cabeça parecia prestes explodir. Mas a confusão estava tomando conta do ambiente e resolvi agir como eu deveria agir. Como uma Capitã.

— Silêncio! — gritei. Uma pontada me fez vacilar um passo. Fui em direção a General e pedi — Continue, queremos saber com o que estamos lidando.

Não sei como e nem porque eu parecia forte por fora se estava um caco por dentro. Algo me dizia que meu sangue corria tão rápido e havia tanta adrenalina nele que talvez outro desmaio não fosse tão difícil. Eu sentia um formigamento nas pernas e algumas estrelas pairavam na minha visão, dançando felizes. Fechei os olhos e

respirei fundo para não desabar outra vez. *Angie, fique calma, fique alerta, você precisa voltar, seu irmão precisa de você!* Repetia a mim mesma enquanto Husher mostrava as fotos.

Mais tarde, quando todos se acalmaram (*entre aspas*) e ficaram definitivamente entendidos do assunto "lutar até morrer", convoquei uma reunião na cozinha, deixando a General e a Sargento Sara fora dos assuntos. Todos falavam ao mesmo tempo, eu massageava minhas têmporas para evitar um eminente ataque fulminante ou derrame cerebral (*talvez ambos*). A questão era que ninguém estava satisfeito por ter sido enganado, se é que podemos dizer isso. Omitiram a verdade, esconderam o que faziam e onde jogavam as cobaias para morrer (*morrer que nada, estão bem vivas, por falar em vida, deve ser algo que eles querem tirar de nós, culpados por sua desgraça*).

Estava conversando com meus botões,

milhares de pensamentos passavam a quilômetros por hora na minha mente. Dei voltas ao redor do grupo até dar com o rosto no peito do Piloto (*AHHHHH! QUEM ESTÁ PILOTANDO?!*).

— Me diz que a Kate sabe pilotar essa coisa e ela está fazendo isso neste exato momento! — agarrei-o pelo colarinho cuspindo as palavras com muita raiva. Eu tinha coisas importantes para decidir, um plano para traçar, uma estratégia para derrubar seres quase imortais que, na realidade, já enfrentaram a morte e parecem lidar muito bem com ela.

— Kate faz um ótimo trabalho, mas essa coisa voa sozinha. — explicou se desvencilhando de minhas mãos e desamassando seu uniforme. — Estava com fome.

Resolvi guardar a resposta malcriada só para mim. Ainda estava irada por ele ter me beijado à força, achei que me livraria de ter que o

encarar novamente. Estava enganada. Voltei minha atenção para as matracas que estavam a ponto de se atacarem.

— Já chega, vocês! — disse entrando no meio da roda. Eu era relativamente mais baixa que todos eles, menos que Peter, ele tinha minha altura.

— Mas isso é muito injusto. — Krista estava com cara de choro de novo.

— Injusto foi meus pais morrerem para que um bando de crianças mimadas repovoasse a Terra. Injusto mesmo é eu ter de deixar minha única família numa jaula de aço superaquecida a dezenove quilômetros abaixo da superfície. Injusto. É uma pena que prefiram ficar choramingando ao invés de pensarem em algo que nos ajude de verdade a permanecer vivos. — minha voz soava ameaçadora e o tom ia aumentando a cada palavra. No fim, todos me olhavam como se eu tivesse acabado de falar em

outra língua. — Ótimo, não entenderam nada. — acrescentei.

Minuto de silêncio.

— Tomou seu remedinho? — Phil gozou.

Meu sangue ferveu. Sufoquei-o apertando seu pescoço próximo a cartilagem tireoide.

— Mata logo, quanto menos gente para lutar melhor! — Miranda era muito mais esperta do que imaginei. Sua frase me fez soltá-lo instantaneamente.

— Por que não fica na sua? — Hector repreendeu Phil, que checava se ainda conseguia respirar.

Todos se encaravam em silêncio.

West gargalhou e saiu da cozinha mastigando alguma coisa. Apenas olhei para ele com os olhos semicerrados, desejando que ele se afogasse com a própria saliva. Dito e feito, ouvi sua tosse forçada através do eco do corredor.

Sorri satisfeita.

Todas as vezes que eu perdia o controle, minha circulação corria em alta velocidade, como se eu tivesse uma pista de corrida no lugar de artérias, veias, e vasos sanguíneos. Sentia o sangue subir à cabeça e um leve formigamento nas extremidades. Um nó fechava minha garganta impedindo-me de respirar, levando-me a ficar ofegante. Meus pensamentos eram bloqueados temporariamente e uma onda de calor me deixava totalmente realizada, faceira, risonha. Maleficamente risonha. Uma força inexplicável me consumia e tudo que eu fazia se tornava mais perigoso. Eu precisava ter cautela comigo mesma e com tudo que eu poderia fazer.

— Angeline? — uma voz me chamou de volta de meu subconsciente. Hector. — Tudo

bem?

Afirmei com a cabeça.

— Temos mais algumas horas até a nave pousar, teremos alguns dias de caminhada até encontrarmos os principais focos de assassinos. Mas precisamos estar crentes do que vamos encarar e preparados para qualquer eventualidade. — eu me certifiquei de que todos estavam ouvindo, olhando um segundo e meio nos olhos de cada um.

— Está dizendo que devemos estar prontos para morrer? — Tomas implicou.

— Estou afirmando que não temos outra saída! — disse, calma como uma corsa. — Precisamos ir até o fim! — afirmei determinada.



Parte XVII

"Pousando no Solo Inimigo"

Após duas horas de uma discussão incansável, esboços de planos e uma eterna insegurança apontando para a morte certa, resolveram que deveríamos descansar por algum tempo, pois a caminhada seria longa e, assim que colocássemos os pés no "chão", a garantia de dormir com ambos os olhos fechados e sem culpa era pouco evidente.

Um sono repleto de pesadelos atordoava todos nós. Cada minuto era a vez de um acordar gritando, chorando ou em choque. E eu achando que o treinamento era dureza. O treinamento era a única coisa que nos dava uma vantagem sobre os Parrecidis. Não que uma espada fosse me salvar de alguém que sobreviveu à morte centenas de vezes, mas, ainda assim era uma

vantagem, pequena, porém vantagem. A nossa sorte foi ter sido treinados para sobreviver. Nosso azar? Ter sido criados ingenuamente achando que nunca enfrentaríamos algo real, pensando que fomos os únicos a sobreviver e que, de alguma maneira, éramos superiores.

Desisti de lutar contra os pesadelos e decidi que descobriria tudo que fosse possível sobre os bichos com quem lutaríamos no fim do dia. Esgueirei-me pelos andares atrás de algum computador ou fonte que contivesse provas de que essas coisas não eram imortais, que tinham um ponto fraco, de preferência, um fácil de encontrar e atirar.

Depois de revistar todos os cantos da nave, sentei na sala onde havíamos tido a reunião com Husher e Sara. O controle em cima da mesa me chamou a atenção, mas a mala prateada era quase como se uma seta imaginária estivesse apontada para ela.

— Quem te deixou sozinha aqui? — sussurrei sozinho para a mala.

O fecho continha seis dígitos com desenhos estranhos, números em outra língua quem sabe. Forçar o fecho só levantaria provas contra mim. Eu não poderia abri-lo com o poder da mente, então, resolvi tentar uma porção de vezes uma combinação que a abrisse. Não era possível ter tantas combinações com quatro números (*desenhos*).

Já estava entediado quando ouvi um apito. O fecho se soltou e a mala abriu-se lentamente.

— O que está fazendo aqui? — fechei a mala o mais rápido que pude e puxei-a para baixo da mesa, longe dos olhos curiosos de... — Angie? — coloquei a mão no coração com medo de que ele resolvesse sair pela minha boca. — O que faz aqui?

— Vim procurar água — explicou calma. —

E você? — disse se aproximando do refrigerador monstruosamente grande. *Ótimo para esconder cadáveres.*

— Eu? Eu? Nada. — sorri, era um péssimo mentiroso.

— O que está segurando? — ficou na ponta dos pés curvando o corpo para ver o que sem êxito eu tentava esconder. Quando ela veio felina na minha direção tentando descobrir o que eu tanto escondia, agi por impulso. Levantei-me rapidamente, afastando com o pé a mala para baixo da mesa. Joguei-me na frente do seu campo de visão e fiz uma pergunta idiota qualquer.

— A vontade de te beijar? — perguntei com um sorriso amarelo.

Semicerrou os olhos de um jeito quase hipnotizante.

— Deveria ganhar um prêmio — afirmou com as sobrancelhas arqueadas.

— Cara mais gato do mundo? — pisquei.

— Mais gato? Antes ou depois da devastação do mundo? Por que não temos muitos ideais de beleza hoje em dia... — ela inclinou o rosto, uma expressão de curiosidade lhe tomava conta — Já o prêmio, é como o Pior Mentiroso do Mundo! — sorriu debochada.

— Confessa que não resiste ao meu charme. — brinquei com seu cabelo bagunçado.

— É, não há nada que a covinha do seu rosto não me faça fazer sem questionar. — identifiquei a ironia e entrei no jogo.

— Eu sabia! — tive de rir.

Ela se aproximou faceira, um olhar muito sexy, veio de encontro aos meus lábios e, após eu estar completamente paralisado por aquele olhar, ela se esgueirou por baixo do meu braço e se abaixou para pegar a mala.

— Aha! — disse quase como se eu tivesse

escondendo a arma de um crime.

— Está fechadinha! Lacrada! Eu não mexi em nada! — menti. Mal, como sempre.

— Ok! — ela estendeu a mala — Abra! Eu vi você abri-la. — parecia muito séria e compenetrada.

— Eu não. Vai que sai um gás tóxico daí de dentro. — tentei contornar.

Semicerrou os olhos novamente, provando que era, sem dúvida, um gesto envolto em magia, cujo meus sentidos ficavam lentos ao observá-lo. Malditos olhos semicerrados e cara de brava.

— Mas só porque você pediu com jeitinho. — eu disse e ela me olhou confusa.

Abri a mala, que era estofada com uma espuma preta e continha um antigo rival. Uma seringa com ampolas e líquido escuro, quase

como lama. Lama em vidrinhos.

— Afinal, o que é isso? — finalmente perguntei.

Ela avaliava a seringa contra a luz.

— Uma droga, talvez um vírus, quem sabe um antídoto. Não sei. — disse para depois bufar.

— Grande descoberta. — eu disse rindo baixo.

Seu sorriso me fez estremecer. Sempre fora tão bem desenhado, contornado por linhas divinamente tracejadas. ***Ela era um deleite aos olhos, coração e mente.***

— O que está olhando tanto? — perguntou, passando a mão pelo cabelo e colocando alguns fios desgrenhados atrás da orelha.

— Você, algum problema? — sussurrei. *Ela era como um encantamento. Seus olhos, ah,*

seus olhos lembravam o mar.

Ela revirou os olhos e continuou buscando respostas. Suspirei.

Que loucura como o amor nos deixa, não é? Magicamente hipnotizados, certamente cegos e horrivelmente doentes. Angeline era como uma poção envolvente, com cheiro de flores do campo e algumas vezes de água salgada. Tudo nela lembrava o mar, o que me enchia de tristeza, pois não tínhamos mais um mar. Eu só tinha o mar dos olhos de Angie. Meu mar particular. Minha musa inspiradora, mulher com a qual sonho noite após noite. A única com a qual as palavras me fogem. Joia rara que me tem inteiramente para si.

»»»»»»»»»»

Seu olhar me seguia, deixando-me cada vez mais corada. Tentava ignorá-lo, afinal, ainda

estava suspeitando de que ele tivesse arquitetando algum plano para tirar meu posto.

Nosso flerte foi interrompido por luzes brilhantes no teto. Nosso relógio soou em uníssono. Entreolhamo-nos. Ele pegou a seringa e a guardou exatamente como ela estava antes e fechou a mala, colocando-a em cima da mesa. Puxou-me pela mão através dos corredores. Chegando à porta que dava para onde todos estavam, parou bruscamente, segurou meu rosto com ambas as mãos, respirou fundo e me beijou. Um beijo incendiador, com paixão e com medo. Ao lado dele todas as minhas dúvidas desapareciam. Segundos depois, ele selou o beijo com outro em minha testa, para depois então encostá-la à sua. Olhos nos olhos, ele sussurrou com o queixo enrugado, contendo as lágrimas que brotarem em seus olhos.

— Aja o que houver, deixe eu te proteger. — pediu com tanto medo que tive de concordar

com um gesto.

— Eu te protejo também. Sou uma baixinha boa de briga — disse para poder ver seu sorriso. Ele me beijou novamente, dessa vez com muita calma, sem toda a ansiedade do beijo anterior.

Aproximamo-nos e a porta se abriu. Soltamos as mãos antes que alguém visse.

— Onde vocês estavam? — Sara perguntou impaciente.

— Cozinha. — respondi mais que depressa.

— Peguem suas armas, fechem os uniformes, a missão vai começar. — Senti a nave pousar aos poucos como um helicóptero.

— E qual é a nossa missão? — Tomas perguntou enquanto pegava o máximo de armas possíveis.

— Matem tudo o que virem. Se exterminarem esse foco, poderemos seguir. — A Sargento carregava um sorriso maligno e seu olhar

parecia ter sido possuído por ira. — Matem aquelas Bestas.

Senti meu sangue subir. Cerrei os punhos e engoli seco. Peguei minha espada, minha Barrett M468, uma Sig P250 em cada perna e me muni até os dentes. Estava quilos mais pesada e sentia que o dia não seria fácil.

A porta se abriu e Jesse me auxiliou na descida, alguns degraus já me fizeram perceber que caminhar por horas com todo esse metal junto ao meu corpo fariam qualquer treinamento parecer fichinha.

— Se cuida, gatinha. — olhei bem para cara dele após dizer aquelas palavras, esperava que fosse coisa da minha cabeça, ele não só havia me constrangido, mas me humilhado na frente dos meus soldados. Só não desejei fuzilá-lo naquele instante porque gostaria de chegar de volta ao Bunker sem muitos arranhões e Kate

talvez não conseguisse voltar sozinha.

— Cuidado para não morrer! — eu retruquei faceira.

— Estou seguro aqui — ele contestou confuso.

— Não com todo esse ego! — sorri, senti um alívio.

Peguei o GPS e digitei a longitude e latitude do foco de Parrecidis enquanto aguardávamos a nave com nossos Guardiões, a qual não levou muito tempo para chegar.

Nada mais me deixaria pasma após ver um bando de criaturas até então inexistentes descendo de uma nave cobertas por armaduras. Vi Kate se aproximar da porta, descê-la e vir de encontro a mim. Ela trazia um pingente, que reconheci assim que bati o olho. Pingente de chave. Esculpida e envelhecida, com as iniciais F e S. Felicce e Strauss. Ela havia pegado nos meus pertences. Como fui capaz de me esquecer

de tudo que me prendia à sanidade?

— Obrigada! — sussurrei.

— Vire-se para eu prender — ela pediu com a voz embargada.

Assim que ela o prendeu eu me virei e a abracei.

Apertado.

Abraço de amigo.

Abraço de urso.

Abraço angustiado.

— Abra! — ela pediu, secando as lágrimas tímidas de seu rosto pálido.

Coloquei-a por baixo do uniforme rapidamente para evitar o contato da minha pele com o ar impregnado de gases do "lado de fora". A chave fez um som suave e fino assim que bateu contra o medalhão da raposa, minha conexão com a Ípics e, agora, minha conexão

com meus pais. A chave era uma metáfora que meu pai sempre esclarecia com um sorriso, ele dizia que eu conseguiria abrir qualquer "porta" se tivesse a "chave" certa. A máscara em meu rosto me impediu de beijar rosto dela. Eu queria demonstrar minha gratidão.

— Se acaso eu não voltar, já sabe — fiz uma pausa dramática —, Kelvin. — Soou meio desesperado. Talvez fosse.

Ela concordou com a cabeça e subiu a bordo da nave outra vez. Olhei nos olhos de cada um ali, pedindo socorro internamente. Até sentir o pelo ruivo roçando em meu uniforme. Os olhos furtivos de Ípics me avaliavam, ela sabia muito bem o que estava se passando pela minha cabeça e eu sabia que ela tentava me acalmar apenar com um olhar.

Segui na direção que o GPS apontava e logo avistei o sol nascer no horizonte, derretendo a

neve do chão em questão de minutos. Uma densa quantidade de neve desfeita em minutos, sim, o sol estava bem pior que de costume. Dois opostos. O dia, quente e seco como um inferno. A noite, fria, branca e intensa. Havia mais períodos de noite do que de dia, facilitando a caça dos assassinos. Logo, logo sentiriam o cheiro do nosso medo, por assim dizer e nos farejariam (literalmente em alguns casos) e certamente nos matariam com a mesma velocidade com que o sol derretia a neve.

A caminhada pelo terreno plano, porém acidentado, não era das melhores. Levávamos ainda mais tempo devido à estrutura de alguns Guardiões. O silêncio era ensurdecedor. Aquilo me consumia. Por dentro eu estava aos prantos, por fora, liderava a equipe na linha de frente.



Parte XVIII

"Inimigos mais chegados que irmãos"

Estava transpirando como há muito não fazia. Não existia nem nuvem nem sombra. Aproximamo-nos de uma cidade devastada, o que antes talvez fosse alguma antiga metrópole movimentada, agora era apenas prédios destruídos, carros negros devido ao calor das explosões. Tudo como em um filme, só que muito pior. Era real e estava bem diante de nós.

Nossos uniformes impecavelmente brancos, camuflavam-no na noite gélida; de dia, era quase como um enfeite de natal, brilhando, refletindo a luz do sol que fazia nossas lentes escurecerem, como óculos apropriados para a luz e os raios que eu sentia queimar minha retina. Nada como entrar em um prédio quando o sol está derretendo sua pele. Paramos para

descansar. Sete Soldados, sete Guardiões.

— Isto se parece com a última vez em que fui à praia. O calor era tanto que a água do mar parecia uma piscina térmica de vulcão. — Krista comentou ofegante.

— Desnecessário esse seu comentário besta. — Phil rebateu, sempre provocando.

— Por que tem que ser estúpido com todo mundo? — Peter questionou alterado.

Revirei os olhos quando percebi o que aquilo iria se tornar: outra discussão.

— Acalmem os ânimos. Já não é fácil com esse calor, o que dirá se ficarem gastando saliva com brigas inúteis! — eu disse. O calor deixava qualquer um sem forças, eu sentia a minha máscara embaçar enquanto respirava.

Ouvi um rugido e bati contra a parede com o

susto. Olhei ao redor com o mínimo de movimentos possíveis. Vi todos estáticos e com os olhos atentos. Angie fez um gesto para pedir silêncio, mas eu tinha certeza de que ninguém faria barulho de propósito.

Fez outro gesto indicando para cima, querendo informar que subiria alguns andares do prédio para ver o que estava acontecendo. Em surdina, subiu sobre alguns escombros até onde a escada começava, já que o final dela havia sido esmagado por uma porta de metal. Apesar da luz do sol, os prédios eram sinistramente escuros. Pelo menos o térreo era um pouco mais iluminado. Assim que chegou ao topo do primeiro lance de escadas, eu resolvi ir atrás dela, vi Tomas me seguir. Ele me olhou como quem está com fome e eu acenei com a cabeça, autorizando sua ajuda nos andares superiores. Os outros pareciam estar petrificados pelo medo. Só agora eu pude perceber em que tipo de encrenca eles nos jogaram, um bando de jovens

mimados.

— Esse silêncio seguido de um rugido está me matando — Tomas disse com a voz rouca porque não conseguia sussurrar muito bem.

Mordi o lábio inferior. Arrastei-me pelas paredes, a fim de chegar até uma janela, ou que restou dela. Abaixei-me e busquei o binóculo em meu cinto, ao lado das facas e do isqueiro (*não que eu precisasse de um para pôr fogo em algo, isso o calor já faria por mim*). Apontei o objeto para onde o barulho voltava a crescer. Algo parecido com um rugido disputava com gritos estridentes de algo não humano. Estrilos furiosos de alguma coisa que evidentemente não estava contente.

Foi difícil, mas avistei duas coisas fantásticas lutando por carniça. Quando digo fantásticas não significam legais, mas sim seres fantasiosos, pelo menos até dias atrás. Um Sátiro e um Minotauro brigavam por comida *(se é que é possível chamar aquilo de comida*),

enquanto duas pessoas riam em voz alta. Estavam fazendo Parrecidis de empregados, subordinados às vontades deles. *Era inaceitável. Bom, não sei, talvez merecessem, eram assassinos. Mas não tinham culpa. Se eu posso culpar alguém, culpo os Magnas.*

Passei o binóculo para Tom verificar, que o passou para Angie.

— Interessante. Acho que conheço aquelas pessoas... — pausa. — Elas se parecem com os garotos da Lista. — tomei o objeto da mão dela e voltei minha atenção para os dois garotos, cujos rostos agora me pareciam mais familiares do que nunca.

— Como isso é possível? — perguntei alto demais. Vi o olhar das criaturas se voltarem fixamente para onde estávamos. — Droga! — corri.

Corremos sem olhar para trás. Tom logo atrás

de mim, Angie à minha frente, tropeçando nos seus próprios pés. Descemos e ela gritou para que todos nos seguissem. Fomos em direção ao fundo do prédio pelo andar térreo, saltando sobre os blocos de concreto derrubados pela Guerra. Senti minha pressão reduzir conforme meus passos aceleravam. O calor. Calor infeliz.

Tom me alcançou e jogou o corpo sobre uma janela grande que dava para a rua dos fundos, uma rua estreita e cheia de carros. Fiz o mesmo, saltei sobre a janela, cujas grades estavam com aspecto derretido. Deixei um pedaço do uniforme em uma das pontiagudas ferragens dos automóveis. Avançávamos pelo corredor de carros enquanto minha mente trabalhava em um plano.

Próximo às minhas costelas, do lado direito, senti que onde o meu uniforme havia se rasgado (*o que não podia acontecer devido ao material de que era feito, que deveria, em tese, ser mais*

resistente que o Adamantium) minha pele queimava, borbulhando como água em alta temperatura. Pousei minha mão sobre o furo e senti um líquido secando. Parei bruscamente.

— O que está fazendo? — Angie olhou para o sangue que secava, evaporando com o calor, fazendo minha pele cicatrizar e arder.

Tomas voltou alguns passos e me puxou pelo braço. Tirou de um dos bolsos um rolo de fita larga e metálica adesiva e me deu. Cortei sobre o tracejado com picotes que ela tinha e fechei meu uniforme com a fita enquanto tentava correr.

Alguns dos Guardiões tinham facilidade para de movimentar com rapidez, enquanto outros atrasavam nossa fuga ainda mais.

— Precisamos nos esconder! — falei ofegante.

Ouvimos os urros se aproximando como chuva, que seria muito bem-vinda.

— Precisamos de um plano! — Tomas gritou, enquanto usava um carro como escada até a cernelha de seu Cérbero. Ele era bem mais ágil.

— Aceito sugestões. — Angie disse compassiva.

Paramos.

— Peter ajude Krista a subir no Dior, saia daqui com a Fin e leve a Sedina com você. — Miranda interrompeu o silêncio e a angústia com um plano.

— Você não pode ficar longe dela! — ele tentou explicar.

— Tem razão, preciso de um dragão para me ajudar. Tom, vá com eles, procure um lugar seguro não muito longe, encontraremos vocês assim que lidarmos com isso. — ela estava compenetrada dando ordens e eu pensando que ela só serviria para ficar de cara feia. — Philip, Hector e Angeline, preparem as Armas. — seu sorriso no fim da frase era bem assustador, lembrei-me do Sargento Sara rindo.

Todos acenaram com a cabeça.

Eu me virei e decidi que a espada ficaria para algo mais épico. Meu fuzil daria conta desta vez. Um lampejo me lembrou da luta até Sete. Vi Clair e Alexander diminuindo a distância entre nós. Ambos tinham o rosto queimado e vestiam o uniforme de treinamento. Braços expostos ao sol, com queimaduras purulentas que fizeram meu estômago revirar. Seus guardiões eram agora Parrecidis.

Tudo parecia em câmera lenta, eu conseguia sentir o calor como uma onda invadindo a encosta. Até então eu não tinha pensado em como eles conseguiram sair vivos das fornalhas, se é que eram fornalhas de verdade. Tudo estava confuso e rodando na minha mente. Eles deveriam estar mortos, mas estavam correndo em nossa direção. Será que todos os que acreditamos estar a sete palmos abaixo da terra

estavam agora nos caçando? Buscando a vingança por sermos os escolhidos e eles não? Eu sei, é um pensamento muito infantil e egoísta, porém não consegui pensar em nada além disso. Tudo aconteceu muito rápido e logo eles estavam agonizando no chão, a minoria não os tinha favorecido.

— Estão do lado errado! — o garoto gritou espumando de raiva.

— Não existe outro lado nessa Guerra. — *as palavras saíram de minha boca como brasa, eu estava lentamente me tornando um deles, um Magna, eu sentia isso tão forte como sentia o sol queimar-me sob o uniforme.*

— Você não passa de mais um fantoche do Max! — foi a vez da garota falar. Miranda estava com a boca pressionando sua garganta, imobilizando também seus Parrecidis.

— Não temos tempo para histórias tristes, digam onde é o Refúgio de vocês. — Miranda

parecia saber do que estava falando.

— Nem morto! — foram as últimas palavras de Alexander. Miranda tirou o pé da garganta de Clair, levantou Alex pelo colarinho, rasgou sua camiseta expondo seu peito que continha uma tatuagem com uma insígnia de serpente. Uma serpente muito familiar. Miranda colocou um dos tubos que vimos na mala de metal da aeronave sobre a tatuagem e injetou seu conteúdo, fazendo a pele ao redor se tornar pálida e as veias saltarem na cor marrom. Em segundos os olhos de Alex estavam completamente brancos.

Sinistro.

»»»»»»»»»

Se antes ela me causava certo desconforto, agora, Miranda realmente me dava medo. Ainda estava chocada demais; boquiaberta, não ouvi

direito o que ela disse a Clair para conseguir as informações. Só sei que logo depois de confessar o esconderijo, ela se juntou ao ruivo.

— Não é muito longe, devemos nos apressar! — ela enfatizou o "apressar". Começamos a caminhar na direção do centro.

Semicerrei os olhos e pensei por um instante, não a achava muito confiável, ainda mais agora.

— Antes vamos encontrar os demais. — aleguei confiante.

— Não temos tempo. — ela disse dando de ombros.

Senti um arrepio e minha pupila se contraiu.

— O que é isso? — eu disse andando lentamente entre os carros, procurando, procurando, ainda não sabia exatamente o quê.

— Angie? — Hector e Miranda deram um passo atrás. Hector me avaliava.

Meu coração disparou de uma hora para outra. Senti cheiro de pele queimada. Eu sabia.

— Estão muito perto. — eu disse antes de me virar para encarar Hector e me deparar com um dos nossos inimigos, Kent, sorrindo de orelha a orelha.

O canto esquerdo da minha boca se ergueu. Juro, não era eu mesma quando a adrenalina subia.

— Vocês sempre foram os culpados. — a criatura desfigurada nos disse. Todos em posição de ataque. Hector e Miranda bem perto, eu mais distante daquela coisa.

Até onde eu me lembro de Kent, ele não tinha Guardião, uma vantagem para nós.

Por que eles estavam dizendo aquelas coisas? Lado errado? Fantoche do Max? Quem é Max? Culpados? Pelo quê? O que eu fiz?

Kent avançou na nossa direção, mas Miranda estava preparada, já com a seringa na mão. Três doses por seringa. Ela só tinha uma (*que eu saiba*). Ela e Hector se entreolharam, ele deu apoio para que ela pudesse saltar por cima de Kent e enterrar a seringa em suas costas. Golpe traiçoeiro pelas costas, senti que deveria dormir de olhos bem abertos.



Parte XIX

"Desarmados"

A ordem de Angie foi que deveríamos encontrar os demais, e não foi difícil, não havia bons esconderijos, muito menos locais seguros. Àquela altura, eu nos dava poucas horas para estarmos todos mortos. Estávamos em uma cidade fantasma, cercados por grupos distintos de *Parrecidis* e com um acervo de armas muito escasso. Contudo, tínhamos Guardiões. E uma certeza, o Estado estava do nosso lado. *OU NÃO.*

Todos exaustos, o calor estava em seu pico de inferno. O sol estava no meio do céu, indicando aproximadamente o meio da tarde. De dia, extremo calor e de noite, extremo frio.

Procuramos um prédio vazio para colocarmos um plano em ação. O problema

seria esquematizar um plano. Os Meio-Mortos e os *Parrecidis* estavam se multiplicando e demonstravam afinidade com o calor. Nós, ao contrário, derretíamos conforme as horas corriam.

Os grupos eram separados conforme o tipo de força, assassinos sem "Guardiões" eram como ambulantes e os que possuíam os melhores Parrecidis estavam no topo da cadeia alimentar. Eles se instalavam no topo dos prédios e de lá cercavam suas presas. Senti um arrepio na espinha ao nos imaginar cercados e sem saída.

— Alguém tem um plano? — perguntei enquanto retirava a máscara por alguns instantes para me hidratar.

— Ficou óbvio que somos minoria, se eu puder opinar, prefiro sair daqui correndo e viver para sempre no Bunker. — Krista disse ao se aninhar nos braços de Tom. Ela estava apavorada.

O que me deixou com sérias dúvidas sobre

seu controle mental, se Kate não passou nos testes por entrar em pânico, como Krista teria passado? (Estava exausto, meus olhos mal paravam abertos).

— Precisamos encurralar essas coisas. — Peter disse remexendo em sua munição.

— Não gosto quando falamos assim, não são coisas, só são excluídos. — Angie disse com a voz trêmula.

— Achei que seria mais fácil. — desabafei.

— Achei que sairíamos vivos. — Phil disse com o olhar vidrado no fim da rua, do lado de fora do prédio.

Não éramos vistos de onde estávamos, mas conseguíamos observar a movimentação externa. O térreo era a melhor opção caso fosse necessária uma fuga imediata.

— Angie. — Phil disse apontando para a garota deformada que se aproximava da entrada do nosso abrigo.

— Vamos lutar, estamos em maioria! — Angie disse pulando para ficar de pé.

Todos se posicionaram. Silêncio absoluto até o último segundo. Que para nós foi uma eternidade.

»»»»»»»»»

Urrei e corri em direção à figura que, conforme eu me aproximava, mais conhecida me parecia.

— June — sussurrei.

Como a garota impecável havia se transformado em uma aberração?

Quando vi um sorriso se formando em seu rosto, parei bruscamente a alguns centímetros dela. Senti seu hálito, tão ruim quanto um fosso. Isso só poderia significar uma coisa: Estavam se alimentando de...

Fui tomada por uma onda de pânico e fiquei automaticamente sem reação. Tudo que deu

tempo de pensar naquele instante foi: O que eu tenho a ver com tudo isso?! Era uma pergunta sem resposta. Sem nexo. Sem explicação.

— Angie! — Hector gritou ao se aproximar correndo. Minha visão ficou turva e minhas pernas não me obedeceram. Meu corpo inteiro não me obedeceu.

Foi rápido e eficaz. Senti suas garras altamente afiadas serem enterradas em meu abdômen, minhas vísceras sendo arrancadas com tamanha facilidade e desprezo por parte dela que eu me senti um animal prestes a ser devorado por seu predador.

Hector caiu de joelhos ao meu lado e me segurou antes de meu corpo frio tombar ao chão. Seu rosto inexpressível e espantado foi a última imagem que capturei antes da imensa escuridão.

— Te amo! — mas as palavras ficaram presas em alguma parte da minha garganta

junto com o sangue que me afogava.
{...}

Meu coração quase parou e levantei assustada, arfava como alguém que luta contra ser sufocado. Hector estava a duas pessoas de distância e me olhava com o mesmo pavor que eu o olhava.

— Um pesadelo — sussurrei.

Ele afirmou com a cabeça e me retribuiu um olhar preocupado. Engatinhei até ele e me sentei ao seu lado. Observei todos na inútil tentativa de descansar. Kris agarrada ao peito de Tom, um local grande e seguro. Miranda, tremendo no canto ao lado de Peter, que tentava dormir sem demonstrar o medo, abraçado à sua metralhadora. Philip estava de costas para todos, dormindo como um anjo, até começar a se retorcer e balbuciar alguma coisa, voltando então a dormir tranquilamente.

Sentada ao lado de Hector, ambos calados e

encostados à parede, entreolhávamo-nos. Decidimos que dormir não era uma opção, era uma necessidade. Encostei-me ao seu ombro e assim ficamos até eu sentir o frio dominar o prédio.

Alguns instantes depois, logo após Hector pegar no sono, eu, irrequieta, levantei-me sem acordar ninguém e caminhei até a entrada da rua. Com o olhar atento, vislumbrei o sol querendo se pôr preguiçosamente no horizonte. A noite era nossa melhor camuflagem e era quando nossos uniformes faziam um melhor efeito. Protegiam-nos do frio, além de nos camuflar em meio à neve que começara a cair em pequenos flocos.

Guiada pelo instinto, segui em direção ao sol que se punha. Hipnotizada pelo medo que escorria pelas ruas, agora levemente esbranquiçadas e gélidas ao lado de minha raposa astuta. Ípics me acompanhava sem dizer uma palavra sequer. Ela sabia e eu sentia. Então o cheiro salubre no ar nos confirmou a

imensidão azul escura que se estendia até onde meus olhos podiam ver.

— O que faz sozinha aqui? — dei um pulo no lugar, não esperava ninguém e a voz grave e familiar me assustou com tamanha intensidade que comecei a soluçar.

— Posso fazer a mesma pergunta. — me virei para me deparar com o guarda-roupas ambulante, Jesse, sentado em uma duna de areia e neve logo atrás de mim.

— Esse lugar costumava ser incrível. — explicou com os olhos fixos no horizonte, adotando uma postura que exalava cansaço absoluto.

— Morava aqui? — perguntei ainda sem entender o que aquele homem fazia ali sentado, servindo de isca para os Parrecidis.

Ele apenas apontou uma ruína onde antes devia ser alguma casa. Compreendi. E o silêncio voltou a tomar conta. Somente o

barulho das ondas que se rompiam na areia, que agora parecia congelada, irrompia o silêncio que havia se instalado entre nós.

— Então, como foi parar no Bunker? Não é uma criança superdotada, é? — perguntei sem medir a intimidade da pergunta.

— Eu costumava brincar com aviões. Eu era útil e fui selecionado. Apenas me tiraram de casa quando a Guerra estourou. — vi seus olhos marejarem, engoliu seco e continuou — deixei minha família para servir o país.

— Tinha uma família. — falei baixinho, quase para mim mesma.

— Sim. Esposa e dois filhos — ele sorriu um sorriso triste e secou uma lagrima antes que escorresse por seu rosto cansado. — Uma casa à beira mar e uma ingenuidade que me fez acreditar em tudo isso sem questionar.

Caminhamos e sentamos ao seu lado. Ípics e eu.

— Vocês se parecem muito — ele disse,

alisando o pelo da minha raposa, que costumava ser vermelho e agora estava branco graças aos flocos de neve.

— Como? — perguntei chocada.

— Anna era uma mulher incrível e destemida, uma supermãe e uma grande veterinária. Ela fazia tudo parecer fácil. Ao mesmo tempo era uma preciosidade indefesa.

— Sinto muito.

— Tudo bem.

— Também sinto falta de casa. — disse para então perceber que estava chorando.

— A culpa não é sua. Não deixe isso te atormentar, colocaram todos contra você e tudo que você nunca imaginou está prestes a acontecer. — levantei assustada e sem saber por onde começar as perguntas. *Como assim? O que eu tenho a ver com essa coisa toda? Por que todos estão contra mim? Por quê?*

Jesse se levantou e me abraçou forte. Beijou minha têmpora carinhosamente e desapareceu no

que estava prestes a se tornar uma tempestade de neve.

Eu e Ípics nos entreolhamos. Ela chacoalhou a neve do pelo e começamos a caminhar para o prédio. A noite seria longa.



Parte XX

“Emboscada”

Quando acordei e não a vi o meu lado revivi uma cena muito particular da minha vida: aos seis anos eu me perdi da minha mãe no shopping e quando a encontrei, sua expressão era de extremo pânico. Como a minha neste momento. Eu não podia perder meu anjo, agora eu havia me tornado seu protetor. Egeu me acalmou quando a viu descendo as escadas do prédio para o térreo onde estávamos. Então a vi.

— O que pensou que estava fazendo? Quer me matar de susto? — disse um tanto agressivamente, mas me perdoe eu estava com medo, e, naquela situação, qualquer coisa me tirava a paz.

— Não conseguia dormir, então, revistei o

prédio e algumas quadras ao redor — ela explicou sem levar muito a sério minha evidente preocupação.

Subi até o degrau onde ela havia parado e a abracei o mais forte que pude, até ouvir suas vértebras estralando.

— O que houve? — ela perguntou, tentando consertar o estrago, alongando-se.

— Nada. — respondi meio sem jeito. Ela não era minha, não me pertencia, e mesmo que, em meu coração ela ocupasse um dos lugares mais importantes, naquele momento, era apenas minha companheira de missão. Um misto de incerteza de um futuro juntos e um alívio em vê-la inteira.

A noite cercada de pesadelos não me acalmou, não descansei, nem ao menos me sentia mais disposto. E só estava começando. Alguns estavam acordando, outros embalados em sonhos assustadores. Eu e Angie na escada e nossos Guardiões atentos a qualquer ruído,

vigiavam o prédio.

— Precisamos nos preparar, encontrar comida e revistar o terreno antes de colocar o plano em prática. — ela disse inexpressível.

— Plano? — estava confuso, pois até então não havia nenhum plano, além de fugir correndo para o Bunker.

Ela apenas confirmou com a cabeça e saiu para acordar todos e convocar os Guardiões. O dia ainda nem pensava em raiar e nós, irrequietos, já pensávamos em lutar.

— Vamos nos dividir para vasculhar um território maior! — ela afirmou convicta. Meu coração quase parou. — Eu, Tom, Krista e Miranda, sairemos para leste. Hector, Phil e Peter para oeste. Antes de amanhecer devemos estar aqui novamente. Se algo acontecer... Ao menos fomos mais longe que as outras equipes. — foi o fim.

— Como? — eu disse gravemente.

— É isso e ponto final. Não questione minhas ordens, Soldado. — ela disse fria.

Aproximei-me para falar ao seu ouvido, mas ela virou as costas. A garota incrivelmente bipolar havia retornado. O lema dos três mosqueteiros reinava entre nós: Um por todos e todos por um.

Seguimos durante duas horas revistando prédios e lojas, atrás de alimento ou pistas do esconderijo. Miranda havia dito conseguir as informações, mas não o local exato. Algo me inquietava. Suspeitas rondavam minha mente. Eu tinha que tomar alguma atitude se quisesse sair vitoriosa desta missão.

Quando o sol demonstrou impaciência em nascer, voltamos para nosso prédio trazendo conosco alguns itens das lojas que havíamos invadido. Sentamos em um cômodo com pouca

luz e longe da entrada. Em silêncio, partilhamos os encontrados e começamos a organizar o plano a que daríamos início assim que o sol resolvesse parar de nos queimar e ir se deitar um pouco.

Somente com o anoitecer e o gelo sobre as ruas conseguiríamos nos camuflar. O dia foi bastante longo. Treinamos alguns golpes e nos exercitamos, mas o calor consumia qualquer esperança de tranquilidade. Era o inferno na Terra, com seus demônios grunhindo sobre as ruas escaldantes, brigando por alimento que prefiro nem mencionar.

Passei algum tempo tentando consertar o rasgo em minha roupa. O mormaço tornava cada vez pior a queimadura em minha pele. Entretanto, nossos Guardiões pareciam não se importar com a temperatura, continuavam cercando o prédio para nos proteger e alertar sobre qualquer incidente.

»»»»»»»»»

Quando a noite finalmente chegou, a ansiedade tomou conta de nós. Assim que os primeiros cristais de gelo começaram a cair, já estávamos preparados na entrada do prédio.

— Miranda, nos mostre o caminho. — disse enquanto checava minhas armas e munição pela milésima vez.

Seguimos pelas ruas estreitas logo atrás de Miranda. Que nos levava cada vez para mais perto do ninho deles. Tudo parecia muito fácil. Nenhuma alma viva na rua, nem meio-morta. Nenhum desafio, nada com que nos preocupar... Pena que, aparentemente, sempre falo essas coisas cedo demais.

Miranda a dois passos à minha frente, eu logo atrás e todos os outros a alguns passos

atrás de mim, até que...

Quando me virei para ver como Hector estava, não vi ninguém. No início pensei que estava ficando louca até ouvir os gritos de Krista vindos de um estacionamento aos pedaços.

Emboscada.
Traição.
Fim.
Morte.

Voltei-me para a direção da Miranda que sorria de um jeito debochado, olhando-me com frieza. A mesma frieza com que atacou nossos antigos colegas antes de se transformarem em Parrecidis. A mesma frieza astuta com que tirou tantos jovens da 1ª Ordem com incrível facilidade.

Vi quando ela rasgou o uniforme expondo a

tatuagem com a insígnia de serpente, a mesma dos assassinos que começavam a se achegar ao meu redor, assassinos e Parrecidis e o cheiro impregnou minhas narinas.

Fosso.
Cadáver.
Sangue.
Carne.
Entranhas.

Senti um enjoo repentino e o almoço voltar ao esôfago e, em um reflexo, fiz com ele retornasse ao estômago. Senti-me zonza, mas em segundos meu sangue subiu, minhas pupilas se dilataram e eu gritei até expulsar todo ar de meus pulmões.

— Sua traidora! — gritei e corri em sua direção, porém fui impedida por centenas de

moribundos que me seguraram por todos os lados.

— Vai pagar caro por ter começado tudo isso. — ela disse cerrando os punhos. Presa, eu apenas me contorcia e gritava. Em vão.

Ela se aproximou e tudo se tornou escuro de novo.



Parte XXI

"Cativeiro e Fuga"

Quando voltei a me manter em pé, vi que respirava com dificuldade, e por todo meu corpo havia hematomas. Meu uniforme estava aos trapos. A pouca luz me fez esbarrar em algo enquanto me esforçava para caminhar sem sentir dor. Algo ou alguém.

— Não, por favor! — a voz no escuro implorou.

— Não o quê? — perguntei entre gemidos enquanto arfava em busca de oxigênio. Coloquei a mão em meu pescoço e senti o sangue escorrer.

— Hector? — reconheci a voz que vinha do chão. Peter.

— Peter?

— Ainda está vivo? — ele me perguntou e vi sua sombra se esforçar para ficar sentado.

— Vivo sim, mas não estou muito bem. — expliquei limpando o sangue com uma tira da manga do uniforme.

— Você apanhou muito.

— Por que não me lembro de nada? — perguntei confuso.

— O primeiro golpe foi na sua cabeça, depois disso acho que ficou inconsciente. — explicou.

— Onde estão os outros? — encontrei um *led* em meu bolso e o liguei para enxergar um terço da sala escura. Todos estavam ali, tirando eu e Peter, todos desacordados.

Ambos vimos suas silhuetas jogadas às traças, ou melhor, aguardando para virar comida de Assassinos. Um calafrio me fez curvar o pescoço onde novas gotas de sangue começaram a escorrer.

Em um ato de desespero, comecei a gritar por ajuda.

»»»»»»»»»

Vi cada gota de sangue ser derramada, vi quando rasgaram sua pele com as próprias garras, vi quando fizeram todos os meus amigos desmaiarem. Senti cada pancada que meu amor levou, senti como se fosse em mim, senti como se fosse eu. Eu estava fraca e com o corpo machucado, presa a correntes, em um pequeno palco de madeira, eu era o show, os assassinos a plateia. Minha intuição me dizia que nada do que viria a seguir faria isso melhorar.

Acordei de um pesadelo do qual preferia não me lembrar. Minha cabeça rodava e meus pensamentos estavam embaralhados. Fui surpreendida pelo líder deles com um tapa em meu rosto.

— Acorde, garota! Precisa ver isso! —

ordenou. Nesse momento, trouxeram Hector preso a correntes, com o corpo em carne viva, seu pescoço estava assustadoramente sangrando, dividindo espaço com pus e suor.

O lugar fechado, subterrâneo e lotado de jovens assassinos e alguns Parrecidis, deixou o ar ainda mais rarefeito e meus alvéolos lutavam em busca de oxigênio. Vi as veias do Hector saltarem em sua têmpora, sabia que ele estava planejando algo e tinha a garantia de que qualquer coisa a essa altura só nos mataria mais rápido.

— Está gostando? — Miranda sussurrou em minha nuca, fazendo meu coração quase sair do peito.

— Vou te matar com minhas próprias mãos! — aleguei.

— Fique à vontade. — disse sorrateira, estendendo uma faca para que (*de forma impossível*) eu pegasse.

De repente, as coisas se passaram como em câmera lenta, fazendo de cada movimento uma cena constante que flagelava meu interior. Hector não fez nada, não lutou, nem ao menos tentou se soltar, ele apenas assoviou e o tilintar do assovio ecoou por aquele subterrâneo abafado e carniceiro.

Vi quando a sua sombra saltou por uma das entradas no alto do barracão, seu físico inconfundível vindo para me salvar, seus traços perfeitos em uma expressão de garra e determinação me fizeram esquecer por um minuto o que aquela rebeldia poderia nos custar. *A nossa Vida.*

Jesse lutou corpo a corpo com milhares de seres meio mortos enquanto tentava alcançar Hector, que se debatia para se livrar das algemas. Quando dei por mim, eu já estava lutando também, havia me libertado das algemas como se fossem mero papel, a adrenalina percorria minhas veias como um nitro em um

veículo, eu sentia cada gota de suor escorrer de meu corpo e ao mesmo tempo sentia o meu coração bater acelerado, meus sentidos aguçados, minha força aumentada, minha vida por um fio.

Respirei fundo e corri em direção ao Hector, que me olhou assustado quando esmaguei as correntes que o prendiam. Minhas pupilas dilatadas me permitiam enxergar em meio ao pandemônio que nos cercava. De costas um para o outro, decidi que essa seria uma boa hora para utilizar minha espada, mas então percebi que ela não estava mais presa ao meu uniforme, que por sinal, estava em trapos, assim como meu corpo. E por falar em corpo, talvez essa fosse a única maneira de sair dali, segui a dança que Jesse utilizava para empilhar corpos e lutei até que meu coração não me permitiu mais.

Mundo girando.

Mundo escurecendo.

Mundo sumindo.

Mundo partindo.

Adeus.



Parte XXII

"Retorno"

Vi e revi a cena diante de meus olhos. Eu estava com Angie em meus braços a alguns metros da entrada do Esconderijo, inconsciente e fragilizada como ela quase sempre acabava depois de uma luta. Apoiados nos escombros de um posto de gasolina eu massageava seu pulso em busca de um consolo.

Jesse estava com Miranda, ambos se olhando com furor. Miranda agia como a serpente que ela era. Jesse por outro lado foi um cavalheiro. É estranho pensar assim, eu sei, mas confesso que sua devoção era de corpo e alma quando ele tentava em vão fazer com que aquela cobra se arrependesse da

traição e sucumbisse a uma prisão sem violência. Todos sabíamos que a tatuagem que ela havia recebido só demonstrava o quanto ela estava conectada com a revolta dos Assassinos e Parrecidis, o quanto estava insatisfeita com o Bunker e a política que predominava no mundo. Não a culpo, mas acredito que tenha escolhido o lado errado para se rebelar. Jesse insistiu para que ela se entregasse, perda de tempo.

Miranda o atingiu no braço esquerdo com seu punhal, e então desencadeou uma série de golpes. Contudo, como toda ação pode gerar sempre uma reação oposta e de igual intensidade, Jesse retirou do uniforme a seringa e a inferiu sobre o pescoço descoberto dela, que por sua vez, convulsionou e, enfim, parou de respirar.

A cena em si era para ser um ponto a nosso favor, mas Jesse foi atingido pela Sedina enquanto Miranda convulsionava, seu veneno

mortal o fez enrijecer em segundos, tornando-o um objeto petrificado. Por sorte, Angie já estava desmaiada a esta altura, não gostaria que ela tivesse presenciado essa cena. Lamentava por essa perda, mas eu estava com minha amada em meus braços, sã e salva. Longe do aparente perigo, com muitos pontos a nosso favor.

Grande parte dos Assassinos e Parrecidis agora estavam empilhados no barracão subterrâneo e o cheiro começava a queimar minhas narinas. Embora a perda fosse grande, eu estava acompanhado de Phil, Krista e Tom. Sobreviventes assim como Angeline e eu. Não posso dizer o mesmo de Peter, mas garanto que morreu em um ato heroico: para poupar a vida de Krista ele se lançou na frente de um Parrecidis. Seu corpo foi arrastado por suas presas e esquartejado por suas garras. Seu sangue agora ocupava parte daquele lugar e seu espírito vagava para, o que eu espero, a

luz.

— Hector! — ela gritou ao abrir os olhos atentos em busca de uma resposta.

Ouvir sua voz foi como um analgésico para meu corpo, eu a abracei com tanta intensidade que ouvi seus ossos estralarem na região lombar. Acariciava seu rosto ensanguentado e sorria como um bobo ao vê-la finalmente acordada. Um dia e meio havia se passado e seu silêncio só tornava cada segundo um desafio para mim.

O calor penetrava nossa pele como lâminas afiadas e sentíamos nossas células ficarem adoecidas com a intensidade dos raios ultravioleta. Com nossos uniformes dilacerados e sem as máscaras, respirávamos com tamanha urgência que nossos pulmões pareciam aderir a nossa pele, grudando e tornando tudo mais difícil.

— Anjo — sussurrei e a beijei milhares de vezes sem me importar com as testemunhas.

— Agora que ela está bem podemos voltar? — Krista implorava de dentro do abrigo seguro, os braços de Tomas.

Afirmei com um gesto de cabeça.

{...}

O silêncio perturbador até a chegada ao Bunker me entristeceu. Minhas olheiras já estavam tão profundas que comecei a me acostumar com as rugas, rugas aos vinte anos. O olhar cansado e assustado chocou aqueles que vieram nos receber.

Quatro dias se passaram e eu não via a Angie. Na verdade, a rotina estava completamente mudada e ela passava mais tempo ao lado do irmão, não a julgava por isso, só que sua ausência nesse momento me

machucava e muito.

Meu relógio indicava uma reunião extraordinária na sala Magna em meia hora. Tomei um banho demorado e vesti minhas roupas com dificuldade, as cicatrizes estavam espalhadas por cada canto do meu corpo e da minha consciência. Eu não dormia há exatos 11 dias, alguns cochilos durante o dia enquanto Phil visitava meu quarto era meu único momento de descanso. A presença de um amigo me relaxava e o cansaço sempre acabava por tomar conta.

O silêncio era assustador, pois estava se tornando habitual entre a 1ª Ordem. Krista estava no hospital desde sua chegada, sedada e amarrada à cama, seus pesadelos tornaram-na perigosa. Uma criança calma e tímida agora estava enraivecida e sendo drogada para poder continuar a viver. Tom ficava com ela todas as tardes em silêncio, como todos agora costumávamos permanecer durante o dia.

Somente à noite, com os atormentados

pesadelos gritávamos, chorávamos e acabávamos por ser sedados para que o Bunker pudesse finalmente dormir.

»»»»»»»»»

Evitei falar de qualquer coisa da missão com o Kelvin, mas seu espírito viciado em jogos de luta acabou tirando algumas informações de mim. Passava grande parte do tempo ao lado dele, eu ia aonde ele ia, eu o seguia para poder ter sua companhia, tudo isso sem sair do meu quarto. Meu único seguro de sanidade era ao seu lado.

Já não via Hector há um tempo, eu só tinha permissão para ver meu irmão e ainda assim as horas eram restritas ao tempo livre de deveres já que Kelvin agora estava incumbido de chefiar os hangares do aeroporto na ausência de Jesse West. Confesso que eu não sabia se esse distanciamento era bom ou ruim. Muitas coisas

eu ainda não compreendia, entretanto, ao sermos convocados para a Reunião na Sala Magna vê-lo seria inevitável. E essa sensação me deixou com os nervos à flor da pele, não tinha unhas há algum tempo e seus resquícios habitavam meu estômago. Minha aparência se assemelhava a de uma mulher de cinquenta anos, meu ânimo e vontade de viver, como uma de cem.

A alguns metros da porta eu o avistei, sentado em uma cadeira confortável ao redor de uma mesa oval. Seus olhos tristes me encontraram e um sorriso torto se formou em seus lábios, retribui com o melhor que consegui. Todos os presentes, menos Krista, Peter e Jesse. *Eu havia ouvido os relatos da luta após ter desmaiado, algumas milhares de vezes Phil fazia questão de se gabar e, a meu ver, ele era o menos afetado pelos fatos.*

Nossa troca de olhares foi interrompida quando Max se aproximou e bateu continência, fiz o mesmo. Magnum estava risonho e

zombeteiro, senti um frio na espinha quando ele me tomou pela cintura e me acompanhou até uma cadeira.

— Sente-se, Lindinha. — replicou mais uma vez, enquanto meus pensamentos voltavam de uma Terra distante.

— Obrigada! — disse ao me sentar em câmera lenta, observando cada rosto e cada expressão com o máximo cuidado.

Os pelos do meu braço estavam eriçados e minha intuição estava piscando em vermelho e uma sirene alarmava meu cérebro: *Angie. Cuidado. Angie.*

Ípics e todos os outros foram arrancados do nosso convívio assim que retornamos, estavam seguindo ordens dos Magnas. E sem minha Raposa, eu estava a cada dia mais próxima de um colapso. Acreditavam que tudo fora um choque para nós, principalmente o fato da Conexão com seres até então fantásticos e

míticos. Porém, a ligação com Ípics me servia como uma válvula de escape, era como se eu pudesse ser a garota tímida e chorosa outra vez, afinal, eu tinha em quem me apoiar, quem me proteger e quem me escutar.

Engoli em seco e ouvi passos, respirei fundo e olhei para Kate, que mantinha um sorriso congelado nos lábios volumosos que lhe faziam direito. O silêncio assustadoramente tenso e minhas mãos trêmulas e com unhas roídas até a carne.

Então eu ouvi sua voz doce, serena e firme, assim como eu me lembrava. Senti as lágrimas brotarem em meu rosto antes mesmo de me virar para encarar seu rosto. *Coisa que não consegui fazer, pois meu corpo estava petrificado.*

— Anjo. — a voz disse.

— Eu tenho um presente para você, Cabo 1001! — Max disse, virando minha cadeira para que eu pudesse ver com meus próprios olhos.

— Pai? — sussurrei para mim mesma.

Abismo.

Loucura.

Milagre.

Prantos.

Continua...



Extra

A Fênix – Livro II – A Chave do Abismo.

“2022”

Os países estão em crise. Guerras civis por direitos estão dando lugar a Guerras em busca de poder. Presidentes se uniram para conter suas nações, e a balburdia deu sequência a um desastre. Um desastre atrás do outro.

Escolas estavam sendo fechadas e eu não via um hospital funcionando há anos, cemitérios empilhavam corpos para depois queimá-los. Sem ter onde enterrá-los a energia agora era feita a partir da combustão de civis. Inocentes deixados para apodrecer nas

valetas, vivendo de restos enquanto o Governo os condenavam a uma morte lenta e deplorável.

Caminhar pelas ruas era sofrido e só evidenciava o descaso por parte dos nossos Representantes. Furtos. Roubos. Assassinatos. Sequestros. Tudo o que desse dinheiro agora era um "emprego". As atividades criminosas agora não só eram permitidas, como era parte das indicações para a sobrevivência.

Pessoas se "enlatavam" em prédios e condomínios, trabalhavam o dobro para sustentar suas famílias e nunca era o suficiente. A polícia ficou ainda mais violenta, as manifestações acabavam em grandes velórios e a vida seguia seu rumo, em direção a uma grande Catástrofe.

{...}

Agradecimentos

Posso agradecer a várias pessoas, mas nada adiantaria se eu não colocasse Deus acima de tudo. Não poderia deixar de agradecer a quem me deu a vida e estimulou meu amor pela leitura e escrita, minha amada mãe Tania Mara. Aos amigos queridos com quem dividi, muitas vezes, meus anseios pelo fim desta primeira etapa.

Muito obrigada a todos que compartilharam comigo esse sonho e a todos os que ficaram ansiosos, assim como eu, para que este livro ficasse finalmente pronto. E eu digo que, após esses meses de espera, eu consegui.

Peço a todos que desfrutem da leitura e desejo que Angeline e Hector lhe surpreendam assim como fizeram comigo. Espero que a história faça parte de suas vidas assim como sempre fará da minha e que desejem, tanto quanto eu, que "A Taumesiana — Ípics" fique

pronta em breve.

Um grande beijo especial às minhas amigas e grandes escritoras: Cinthia Freire, Paula Oliveira e Camila Borges. O exemplo de vocês foi impactante e me empurrou para frente.

Finalmente, ao meu primeiro Leitor e amigo, que, na fase de produção, ajudou-me a revisar a gramática do texto, Alan Capellari, um grande abraço.

Com Carinho, Stephanie Lima.

Editora Angel

www.editoraangel.com.br

A leitura é uma atividade que nos transporta por mundos e emoções inimagináveis. Cada vez mais, diversas pessoas no mundo todo se entregam ao prazer proporcionado por um livro. Em maio de 2014, duas amigas, apaixonadas pela leitura, criaram um grande vínculo de amizade. Tendo em vista os interesses profissionais, decidiram ser sócias em um projeto ousado: uma editora. O Brasil é um país incrivelmente rico, com culturas, influências e tendências diversas. Contudo, para quem sonha em um dia ver seu trabalho publicado, o caminho pode ser bem árduo. É enorme o número de talentos que ainda não tiveram a chance de serem reconhecidos. Pensando nisso, a Editora Angel nasceu com o objetivo de proporcionar leitura de qualidade, respeitando a diversidade de gêneros literários, a fim de atingir um público realmente diversificado, construindo uma parceria com autores nacionais que queiram investir na carreira de escritor. Apesar de jovem no mercado, a editora tenta trabalhar para construir um nome sólido no mercado literário brasileiro. Acreditamos no potencial de cada autor que está determinado a construir seus sonhos e tentamos ajuda-los a transformar estes sonhos em realidade. Se você é autor, venha conhecer um pouco mais

de nosso trabalho. Quem sabe não desejará fazer parte desta equipe? Se você é leitor, agradecemos o apoio, compreensão e incentivo diários. Estamos nos esforçando para oferecer um serviço cada vez melhor, do jeito que vocês merecem!